

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, analiso a construção das performances homoafetivas em histórias de vida, a partir dos posicionamentos e alinhamentos assumidos pelos sujeitos nas narrativas.

Durante suas narrativas, os sujeitos entrevistados lembraram o passado, porém alterando seu significado, se reposicionando e reposicionando os outros, segundo as suas situações no presente, em quem se transformaram (Mishler, 2002:105). As novas posições e alinhamentos que assumiram permitiram que se percebesse como construíram suas performances homoafetivas, através do deslocamento e da manutenção da matriz cultural de inteligibilidade (Butler, 1990), que estabelece uma relação mimética entre sexo-gênero-prática sexual, portanto, tornando inteligíveis apenas os heterogêneros.

O capítulo está dividido em quatro seções. Na primeira analiso as histórias de Gabe; na segunda, as de Lauro; na terceira, as de Zélio e na quarta, as de Mauro.

4.1 Gabe

Gabe me concedeu a entrevista em sua casa, no Horto, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Como dito anteriormente, já o conhecia de festas, pois era e ainda é amigo de uma sobrinha. Sua entrevista foi longa, cerca de duas horas, em parte porque estava em um momento específico de sua análise¹, ou seja, estava organizando suas emoções e sua história naquele período, o que criou uma maior receptividade às poucas perguntas feitas por mim. Além de ser uma pessoa envolvente no trato social, também o é como contador de histórias, tendo domínio de vários recursos para este fim.

¹ Segundo me disse na época, estava aprendendo a falar sobre si, colocar para fora suas emoções e refletir sobre elas.

4.1.1 Homoafetividade e família

Nesta sub-seção, tratarei de histórias que lidam com os momentos em que Gabe “saiu do armário” consigo mesmo e com sua família.

4.1.1.1 Viagem a Portugal

Essa história surgiu quando perguntei a Gabe se seus irmãos sabiam que era gay. Ele respondeu que sim, embora nunca tenha dito diretamente para eles, e começou a narrar sobre uma viagem que fez com um deles. Logo interrompeu e iniciou a história sobre como contou a seu pai que era gay. Esta história, que chamo de “Viagem a Portugal”, é composta de duas partes – “Contando para o pai” (turnos 40-46) e “A reação do pai” (turnos 47-54) – e de uma narrativa encaixada – “Minha mãe não deixa eu contar” (turno 46).

Viagem a Portugal

- T40 – Gabe foi até a época que eu falei quando fui contar pro meu pai que eu que eu era gay, ia casar com o mauro e tal, foi a ocasião que eu contei isso foi quando a gente tava indo viajar pra portugal↓ >que minha família toda é de portugal< meu pai e minha mãe são portugueses né...
/.../
- T41 – Tais [()
- T42 - Gabe e.. eh>mas a minha mãe tem uma família grande lá tem oito irmãos<então eh e é só ela> da família toda<só ela que veio pro brasil. então eles vão com muita frequência pra portugal e aí esse ano que foi dois mil... dois mil ou dois mil e um↓ em dois mil e um a gente-- ah aconteceu essa história de a gente ir pra portugal reunir a família pra passar o natal junto. a família toda queria passar o natal junto↓ há muito tempo que a minha mãe não ia também↓ a gente não-- eu e meus irmãos a gente não ia lá há... muitos anos. a última vez que eu tinha ido antes (dess) dessa viagem eu tinha: quatorze pra quinze anos então... foram quase dez anos (né). então aí a gente aí ficou aquela coisa vamos passar o natal, passar o natal junto, passar o natal e o ano novo e tal e eu queria passar o ano novo com meu marido↓ eh
- T43 – Tais ((risos))
- T44 – Gabe então eu (fui) bom eh e eu queria comunicar ao meu pai que eu, sabe, tipo meu pai tava me da:ndo a passagem né↑ pra ir pra portugal e meu pai ia pagar isso, e eu e o mauro a gente tinha nossas economias e eu (quis) ia comprar uma passagem pra ele ir também↓ ele que né↑ pra gente ir junto, mas eu sabia que não tinha a menor condição de eu chegar em portugal depois de dez anos no meio da minha família toda sabe↑ e (ia) chegar com meu marido. “(olha) gente esse aqui é meu marido (mauro)↓” não tinha a menor condição↓ minha mãe ia ficar louca. eh então a idéia era a gente-- (mas) ao mesmo tempo não tinha como eu... né↑

eu precisava conversar isso com meus pais né (tipo dizer) que ele tava indo que eu não ia passar o ano novo com eles >(que eu ia) passar o natal com eles< mas que depois eu ia passar o ano novo com o mauro. né↑ (tipo) né↑ (tinha)--
 precisei justificar o fato de não estar o ano novo com a família depois de dez anos e tal. (aí) né veio toda a conversa e foi aí que eu chamei meu pai pra almoçar.
 a gente saiu pra almoçar um dia (no centro) na hora do almoço dele do trabalho.
 foi super assim... eu tenho meia hora pra contar pro meu pai [(que eu sou gay)
 [((risos))

T45 – Tais
 T46 – Gabe

então vamos sentar no restaurante (vamos) direto ao assunto.
 eu já tava até com revista na bolsa pra dar pro meu pai, sem saber a reação dele, estava com revista sabe, na bolsa sabe, falando sobre o assunto pra ver se eu dava alguma coisa para ele ler pra ele, mas no... fim das contas não foi preciso.
 quando eu cheguei no almoço >pra almoçar< minha mãe minha mãe chegou um pouco na frente, meu pai tava vindo atrás, a minha mãe veio falar comigo “ah já falei com seu pai não sei que. ele já tá sabendo mas você fala e tal.” >minha mãe se adiantou e falou< (né). e eu não (falava)--muitas vezes adiei essa conversa com meu pai por conta da minha mãe também sabe↓
 minha mãe tava o tempo inteiro dizendo “não não fala não sei que. não sei como é que ele vai reagir... melhor não falar, não precisa e tal,” e sempre botando uma (pi-) sabe↑
quando eu precisava justamente de um incenTlvo ((ruídos)) me encorajAr e fãLAr sabe↑ (aí o)-- sabe↑ minha mãe sempre botando sabe fazendo aquele jogo contra né.
 eu não conseguia falar nunca↓ (nem...) sabe eu-- já era difícil pra mim ter coragem por mim mesmo sabe↓ e vir alguém desencorajar eu.. sabe↓ amarelava sempre.
 então eu não conseguia. aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele eh não consegui aí tipo aí assim não conseguia e ao mesmo tempo achava eh constrangedor e... constrangedor... pra mim e pra ele chegar e e tacar pá a frase eu sou gay sabe tipo achava achava... que... eu tentei encontrar sabe outra forma de falar isso↓
 (a gente)-- aí eu sentei e falei “olha pai, você sabe que eu moro com o mauro há tanto tempo”>na época eu tinha mais de dois anos já que a gente tava junto< eh... eh...
 aí eu falei eu fiquei falan- falei isso↓
 “a gente mora jun- a gente mora junto porque: a gente é amigo sabe↓ a gente mora junto porque: a gente tá junto sabe↓ eh... o mauro é minha família, agora, sabe, a gente...”
 aí eu comecei a (falar a) falar que eu quer- aí falei que eu queria estar junto de:le no ano:vo sabe. “eu sei que ele não podia estar comigo lá:”
 e então... aí fui... levando fui levando por esse caminho.

T47 – Tais
 T48 – Gabe

(e como que ele reagiu?)
 (ele ficou) “não tudo bem↓ eu sei↓ já sei↓ não precisa (não preci-” aí só que aí ele) me cortou assim de uma maneira que eu fiquei até... aí meio “já sei disso” sabe
 “num num quero falar sobre esse assunto” sabe.
 “isso eu já sei↓ isso você não precisa me falar”↓ eh...
 “o que eu quero saber é se você vai viajar↓ que dia você vai↓ eu quero marcar a passagem não sei que e tal.” eh...
 “o resto não quero mais saber↓ <não quero saber se ele vai se ele não vai se vai>.”
 aí eu () “eu vou viajar e tal↓ ele vai também↓ a gente vai”↓
 (aí enfim) consegui fazer um esquema de eu conseguir uma passagem até mais barata↓ depois aí consegui depois acertar tudo↓ ainda consegui convencer meu pai a não comprar minha passagem pela pela varig porque ia sair mais caro, comprar minha passagem pela pela alitalia porque aí conseguia pegar um vôo, que eu consegui uma passagem né, que eu consegui uma perna de de lisboa pra roma sem ter que pagar mais por isso entendeu↓
 que eu fui me encontrar com mauro em roma. que o mauro não quis nem pisar

T49 – Tais
 T50 – Gabe
 T51 – Tais

((risos))
 em lisboa.
 ((gargalhada))

- T52 – Gabe depois dessa história ele falou “não não quero nem pisar em lisboa↓
(quero ir) direto pra roma↓ <a gente se encontra em roma e passa o reveillon em roma>”.
e foi o que a gente fez. a gente foi direto pra roma.
- T53 – Tais bom, eu nunca fui a lisboa, mas eu fico imaginando que o reveillon em roma deve ser
uma delícia.
- T54 – Gabe é (muito bom). uma delícia. foi ótimo.

“Contando para o pai” – primeira parte da história

No turno 40, Gabe introduz a história, falando que na ocasião de uma viagem a Portugal contou ao pai que era gay - o restante do turno é uma narrativa sobre a família do pai. Nas duas primeiras linhas do turno 42, Gabe reintroduz a história da viagem a Portugal, explicando o porquê da escolha daquele país (os irmãos da mãe moram lá).

Ainda no turno 42, Gabe resume a história, como podemos ver no segmento a seguir:

Segmento 1

- T42 - Gabe então eles vão com muita frequência pra portugal e aí esse ano que foi dois mil...
dois mil ou dois mil e um dois mil e um↓ em dois mil e um a gente-- ah aconteceu essa
história de a gente ir pra portugal reunir a família pra passar o natal junto.
/.../
então aí a gente aí ficou aquela coisa vamos passar o natal, passar o natal junto, passar o
natal e o ano novo e tal e eu queria passar o ano novo com meu marido↓ eh
- T43 - Tais ((risos))

Gabe resume de que tratará a história: ele quer passar o ano novo com o marido, o que pode causar conflito, como podemos perceber pelo uso do verbo *querer* no pretérito imperfeito, apontando para uma possível inviabilidade de seu desejo. Os risos que emiti após a fala do sujeito corroboram com a idéia de que ele querer passar o ano novo com o marido é uma situação inusitada para aquela família.

Ao longo desse turno, Gabe encaixa uma informação (Norrick, 2000) no meio do resumo:

Segmento 2

T42 – Gabe ah aconteceu essa história de a gente ir pra Portugal reunir a família pra passar o natal junto. a família toda queria passar o natal junto↓
há muito tempo que a minha mãe não ia também↓ a gente não-- eu e meus irmãos a gente não ia lá há... muitos anos a última vez que eu tinha ido antes (dessa-) dessa viagem eu tinha.. quatorze pra quinze anos então... foram quase dez anos (né).

Gabe repete expressões de tempo como *há muito tempo*, *há muitos anos*, *eu tinha quatorze pra quinze anos*, *foram quase dez anos*, marcando a importância da viagem para a família, pois não se viam há muito tempo. Além desse recurso, repete expressões como *reunir a família*, *a família toda*, *a minha mãe*, *a gente*, *eu e meus irmãos*, *a gente*, reforçando a ideia de reunião familiar e criando uma imagem de encontro entre parentes saudáveis para depois quebrá-la, quando retoma seu resumo e coloca a possível dificuldade que terá por querer levar o marido, expressa pelo uso do pretérito imperfeito do verbo querer (*e eu queria passar o ano novo com meu marido*↓), dando uma pista para o ouvinte do que virá a seguir. Pista esta que mostro ter captado, na hora em que ri, interpretando que seria inusitado para a família de Gabe ele ser casado com um homem, como também a introdução daquele marido em uma reunião familiar.

Embora Norrick (2000) estabeleça que a informação é algo que pode ser retirado da história, pois não atrapalha seu andamento, não é o que ocorre nesse caso. A informação, no segmento 2, serve de pista para o restante da narrativa. Além disso, o uso de detalhamento e repetição promove o envolvimento dos participantes de uma conversação (Tannen [1989] 1996). Gabe, que se revelou um bom contador de histórias, também usa desses recursos para envolver a entrevistadora na narrativa que está começando.

No turno 44, Gabe orienta a história e faz avaliações.

Segmento 3

T43 – Tais ((risos))

T44 – Gabe então eu (fui) bom eh e eu queria comunicar ao meu pai que eu, sabe, tipo meu pai tava me dando a passagem né↑ pra ir pra Portugal e meu pai ia pagar por isso, e eu e o Mauro

a gente tinha nossas economias e eu (quis) ia comprar uma passagem pra ele ir também↓
ele que né↑ pra gente ir junto,

/.../

eh então a idéia era a gente-- (mas) ao mesmo tempo não tinha como eu... né↑
eu precisava conversar isso com meus pais né (tipo dizer) que ele tava indo que eu não ia
passar o ano novo com eles > (que eu ia) passar o natal com eles <
mas que depois ia passar o ano novo com o mauro. né↑ (tipo) né↑
(tinha)-- precisei justificar o fato de não estar o ano novo com a família depois de dez
anos e tal. (aí) né veio toda a conversa e foi aí que eu chamei meu pai pra almoçar. a
gente saiu para almoçar um dia (no centro) na hora do almoço dele do trabalho.

Na orientação, no segmento 3, Gabe estabelece os participantes (ele, o pai, a mãe), de que tratará a história (contar ao pai que é gay e que por isso não passará o ano novo com a família) e onde e quando acontecerá o evento (durante um almoço, no centro, já que Gabe diz que será no intervalo do trabalho do pai).

Segmento 4

T44 – Gabe mas eu sabia que não tinha a menor condição de eu chegar em portugal depois de dez
anos no meio da minha família toda sabe↑ e (ia) chegar com meu marido.
“(olha) gente esse aqui é meu marido (mauro)↓” não tinha a menor condição↓
minha mãe ia ficar louca.

Nessa avaliação, no segmento 4 acima, encaixada na orientação, Gabe aponta para o problema que enfrentaria, caso apresentasse Mauro como seu marido para sua família portuguesa. Ao enfatizar a palavra *toda* quando fala que não poderia chegar no meio da família toda com o marido, Gabe não tem dúvidas de que todos ficariam chocados com o fato de ele ser homoafetivo. Ele ainda reforça essa idéia através da repetição e da ênfase no final da palavra *menor*, quando diz que não tinha a menor condição (*não tinha a menor condição de eu chegar em portugal; não tinha a menor condição*↓).

O entrevistado usa o recurso da construção de imagem para não só envolver o outro participante, como também para sublinhar o que acredita ser verdade. Podemos imaginar a cena de Gabe apresentando seu marido para os parentes, a partir do discurso

Segmento 6

T45 – Tais

[[risos]]

T46 – Gabe

então vamos sentar no restaurante (vamos) direto ao assunto.

/.../

quando eu cheguei no almoço > pra almoçar <

minha mãe minha mãe chegou um pouco na frente, meu pai tava vindo atrás, a minha mãe veio falar comigo

“ah já falei com seu pai não sei que. ele já tá sabendo mas você fala e tal.”

No segmento 6, Gabe estabelece o que vai acontecer (ele quer ir direto ao assunto), quando e onde (durante um almoço) e os personagens (pai, mãe e filho). Nesse momento, acrescenta a presença da mãe, que só havia sido mencionada antes dentro da palavra *pais*, mostrando sua relevância no desenrolar da história através de uma fala reportada. Quando coloca, sob forma de discurso direto, que sua mãe já contou ao seu pai o que ele iria contar, nos mostra que a história vai ter outro rumo, diferente daquele anunciado, pois sua revelação não é para mostrar algo novo ao seu pai, mas sim para colocá-lo mais próximo. Se fosse apenas para contar, não precisaria contar mais nada, pois o pai já sabia. O que passa a buscar é a aprovação e a cumplicidade do pai. Além disso, coloca a mãe como intermediária e controladora da relação dos dois: a mãe conta antes o que ele vai contar, como se preparasse seu terreno, independentemente de ele querer ou não.

Gabe encaixa uma informação na orientação citada acima:

Segmento 7

T46 – Gabe

eu já tava até com revista na bolsa pra dar pro meu pai, sem saber a reação dele, estava com revista sabe, na bolsa sabe, falando sobre o assunto pra ver se eu dava alguma coisa para ele ler pra ele, mas no... fim das contas não foi preciso.

Assim como a informação em turno anterior, essa informação do segmento 7 é importante. Embora não seja necessária para o andamento da história, é fundamental para entendermos que Gabe buscava não só contar ao pai, como também fazê-lo entender o

que é ser homoafetivo e obter sua aprovação e cumplicidade. Gabe leva revistas porque não sabe a reação que o pai terá, o que mostra seu desejo de aceitação.

Segmento 8

T46 – Gabe > minha mãe se adiantou e falou <

Essa avaliação é também uma introdução à narrativa encaixada, que trata do porquê de Gabe nunca ter contado ao pai que era gay. Quando ele diz que a mãe se adianta e conta, está fazendo uma crítica ao fato de a mãe não ter deixado que contasse ao pai sobre sua preferência sexual, transferindo para ela a responsabilidade de não ter saído do armário antes. Ele não conta porque ela não deixa; não deixou agora (contou antes) e não havia deixado em outra ocasião. Assim, Gabe a posiciona como repressora e a si mesmo como reprimido por ela.

“Minha mãe não deixa eu contar” – narrativa encaixada

Após a introdução avaliativa ilustrada no segmento 8, Gabe faz o resumo da história, estabelecendo o ponto - sua mãe não o deixa contar ao pai que é gay:

Segmento 9

T46 – Gabe (né) e eu não (falava)-- muitas vezes eu adiei essa conversa com meu pai por conta da minha mãe também sabe↓

A seguir, começa a ação principal, fazendo avaliações:

Segmento 10

T46 – Gabe minha mãe tava o tempo inteiro dizendo “não não fala sei que não sei como é que ele vai reagir... melhor não falar, não precisa e tal”, e sempre botando uma (pi-) sabe↑
quando eu precisava justamente de um incenTIvo ((ruídos)) me encoraJAR e faLAR sabe↑
minha mãe sempre botando sabe fazendo aquele jogo contra né.

Gabe se constrói como aquele que quer contar, mas que é frágil, precisava de incentivo para o fazer. Se coloca como vítima da vontade materna. Ele usa de recursos variados para enfatizar o que diz: dá ênfase à palavra inteiro, para entendermos o esforço que ela fez para que não contasse; usa de fala reportada direta para visualizarmos a mãe falando; dá ênfase ao fato de que precisava de incentivo, precisava de coragem, precisava de falar; enfatiza a palavra contra, mostrando o trabalho de desestímulo da mãe. Ao fazer isso, posiciona a mãe como repressora de seus desejos. Por outro lado, constrói seu ambiente familiar como um ambiente tradicional, ao revelar os papéis de gênero de seus pais: o pai tem mais poder (existe uma preocupação grande em como o pai vai reagir) e a mãe tem como dever servir de intermediária nas questões entre o pai e os filhos.

Nessa ação principal também podemos perceber que ser homoafetivo é algo passível de reprovação social. Gabe precisa de incentivo e coragem para sair do armário, ou seja, Gabe sabe que seu estilo de vida é estigmatizado.

Segmento 11

T46 – Gabe eu não conseguia falar nunca↓ (nem...) sabe eu--
já era difícil pra mim ter coragem por mim mesmo sabe↓
e vir alguém desencoraja:r eu.. sabe↓ amarelava sempre. então eu não conseguia.

O resultado é que Gabe é impedido de falar. Assim, se posiciona como frágil e oprimido. Ao mesmo tempo em que se coloca como frágil (não tem coragem por si próprio; se alguém o desencoraja, não consegue fazer o que quer; “amarela”, se não tem ajuda), atribui a responsabilidade de sua derrota à mãe que o desencorajava, novamente colocando-a como repressora. Sua impotência fica mais clara ainda quando usa com ênfase as palavras *nunca* e *sempre* (ele não conseguia falar nunca; amarelava sempre).

Segmento 12

T46 – Gabe aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele

A fala é a coda da narrativa encaixada ao mesmo tempo em que reintroduz a história da viagem a Portugal, o que podemos perceber através do uso das palavras *aí* e

consegui, finalizando a narrativa anterior e fazendo uma ligação com o que estava contando antes.

Essa coda é um exemplo da argumentação de Mishler (2002) de que, ao olhar para o passado, o narrador constrói sua vida retrospectivamente e aponta que a sua importância é determinada pela situação na qual o narrador se encontra no presente. O fato de, no passado, Gabe não ter conseguido contar ao pai, só é relevante porque, no presente, conseguiu.

“Contando para o pai” – primeira parte da história

Segmento 13

T46 - Gabe aí nesse dia eu consegui (assim) falar com ele eh não consegui aí tipo assim não conseguia e ao mesmo tempo achava eh constrangedor e... constrangedor.. pra mim e pra ele chegar e e tacar pá a frase eu sou gay sabe tipo achava achava.. que.. eu tentei encontrar sabe outra forma de falar isso↓

Gabe retoma a história, colocando que conseguiu falar com o pai. Na avaliação, coloca que achava constrangedor não só para ele, como também para o pai, apontando para uma falta de intimidade entre os dois. Quando fala que era constrangedor tacar pá a frase eu sou gay, revela como acredita que isso vai ser complicado para seu pai, ou seja, posiciona seu pai como alguém tradicional, que ficará constrangido de saber que seu filho vive uma sexualidade marginal, sobretudo porque, para os homens tradicionais, a masculinidade é dever do pai², ou seja, ter um filho homoafetivo significa falhar na educação que deu. Ao mesmo tempo, posiciona o pai como aquele que detém o poder (Gabe tem que achar uma forma especial para contar, não pode ser direto) e se posiciona como submisso a este poder.

Um outro aspecto interessante dessa reintrodução à história, é que o pai, apesar de o filho morar há anos com alguém, jamais levar uma namorada sequer para conhecer a

² Cf. Oliveira, T.L. “Sei lá maluco, aí...”: estratégias de evitação de posicionamento do adolescente na construção de identidades masculinas. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2002.

família, nunca perguntou se o filho era gay. Se, por um lado, isso pode ser visto como não querer invadir a privacidade do filho, por outro, mostra o distanciamento entre eles.

Segmento 14

T46 Gabe aí eu sentei e falei “olha pai, você sabe que eu moro com o ma:uro há tanto tempo”
 /.../
 eh eh aí eu falei eu fiquei falan- falei isso↓
 “a gente não mora jun- a gente mora junto porque: a gente é amigo sabe↓
 a gente mora junto porque: a gente tá junto sabe↓
 eh... o mauro é minha família, agora, sabe, a gente...”
aí eu comecei a (falar a) falar que eu quer- aí falei que eu queria estar junto de:le no ano
 no:vo sabe.

A ação principal é o próprio ato de falar. Gabe novamente usa de fala reportada para envolver o participante, criando uma imagem da cena do restaurante. Um ponto muito importante aqui é o fato de Gabe hesitar, pois ele sabia que seu pai já tinha conhecimento de que era gay, ou seja, sua hesitação não é causada pelo possível choque que o pai teria, mas por medo da reação que poderia ter (Link, Yang, Phelan e Collins, 2004:4). Um outro ponto relevante é o fato de Gabe recorrer a valores de família que compartilha com o pai na hora de falar sobre o marido (*o mauro é minha família agora*), colocando o casamento como formação de núcleo familiar. Estes dois pontos deixam claro que Gabe está buscando aceitação e aproximação.

Por outro lado, ao colocar Mauro como sua família em termos de valores tradicionais de família, Gabe está deslocando a matriz cultural de inteligibilidade, pois a família que propõe é composta por dois homens e não um casal heterossexual.

Por fim, Gabe consegue comunicar ao pai que não passaria o *reveillon* com a família porque passará com o marido, fator que desencadeou a questão de sair do armário.

Segmento 15

T46 – Gabe > na época eu tinha mais de dois anos já que a gente tava junto <

Esta informação encaixada é para mim, pois o pai certamente sabia que Gabe morava com alguém durante todo aquele tempo, só não sabia, até a mãe de Gabe contar, a natureza da relação entre Mauro e Gabe. Aqui fica destacado o caráter interacional do ato de contar histórias: narrativas não representam somente personalidades e eventos; tratam, também, de estabelecer relações entre o narrador e a audiência (Wortham, 2001:1).

Segmento 16

T46 – Gabe “eu sei que ele não podia estar comigo lá: “

Gabe adota uma postura conciliadora: quer passar o ano novo com o marido, mas não vai expor a família a nenhum desconforto. Essa avaliação mostra que Gabe se posiciona não só como conciliador, como também como alguém que sabe e aceita que seu estilo de vida é marginalizado.

Segmento 17

T46 – Gabe e então.. aí fui.. levando fui levando por esse caminho

Gabe finaliza a primeira parte da história, mas sua hesitação indicava que a continuação da conversa tinha sido diferente do que ele esperava e que não iria oferecer voluntariamente o resto, por isso resolvi fazer uma pergunta direta, suscitando a segunda parte da história, que vou chamar de “A reação do pai”.

“A reação do pai” – segunda parte da história

Na segunda parte da história, conforme apontado na reintrodução de “Contando para o pai”, percebemos que o pai realmente fica constrangido, porém continua na posição de quem detém o poder, já que corta a fala do filho de forma autoritária:

Segmento 18

T47- Tais (e como ele reagiu?)

T48 - Gabe (ele ficou) “não tudo bem↓ eu sei↓ já sei↓ não precisa (não perci- “ aí só que aí ele) me cortou assim de uma maneira que eu fiquei até...

Gabe começa a segunda parte da história com um resumo e uma avaliação que, ao mesmo tempo, já fazem parte da ação. Por um lado está resumindo, pois coloca que o pai disse que já sabia e que impediu sua narrativa; por outro, está avaliando, pois a palavra cortar dita com ênfase mostra o que Gabe sentiu com a reação do pai: o filho está propondo uma aproximação e o pai está respondendo com um corte, ou seja, quer manter a distância. Gabe avalia a situação dizendo *fiquei até*, mostrando sua perplexidade com a reação do pai, que usa de ênfase para dizer que já sabia, deixando claro que não estava disposto a uma aproximação, aos detalhes da vida do filho, mas apenas precisava de fatos relativos a arranjos de viagem. Ao mesmo tempo, já é parte da ação, pois, através de discurso reportado, começa a narrar a fala do pai e a ação desta parte da história é a mesma da primeira parte: o próprio ato de falarem.

Segmento 19

T48 – Gabe aí meio “já sei disso” sabe “num num quero falar sobre esse assunto” sabe. “isso eu já sei↓ isso você não precisa me falar”↓ que dia você vai↓ eu quero marcar a passagem não sei que e tal”. eh.. “o resto não quero mais saber↓ <não quero saber se ele vai se ele não vai se vai>.”
aí eu () “eu vou viajar e tal e ele vai também a gente vai”

Na ação principal, Gabe continua a posicionar o pai como aquele que quer distanciamento. Segundo a fala reportada de Gabe, o pai usa o verbo *saber* como forma de marcar distanciamento - ele já sabe do fato, não precisa conversar mais. Percebemos também, através do uso das palavras *disso* e *assunto*, enfatizadas, bem como o uso da palavra *resto*, a visão de Gabe quanto ao incômodo que sua homoafetividade estaria provocando no pai: não pode sequer pronunciar o que já sabe, que o filho é gay (*já sei disso; num num quero falar sobre esse assunto; o resto não quero mais saber*).

Gabe posiciona o pai como autoritário, usando o verbo *querer* como forma de estabelecer o tempo todo que o que importa é sua vontade (*quero saber é se você vai*

viajar; que dia você vai viajar; quero marcar a passagem), que não é se aproximar e conversar sobre a homoafetividade do filho ou sobre o marido deste (*o resto não quero mais saber; não quero saber se ele vai ou se ele não se vai*).

Ao falar sobre o que quer saber, o pai, ao mesmo tempo, está mudando de tópico, fazendo com que se transforme em ações sobre a viagem, desviando, desta forma, do assunto que o incomoda, que é a homoafetividade do filho (*isso você não precisa me falar, o que quero saber é se você vai viajar, que dia você vai, eu quero marcar a passagem*). Gabe aceita a mudança de tópico, respondendo que vai viajar e que Mauro vai também (*eu vou viajar e tal ele vai também a gente vai*). Entretanto, apesar de aceitar a mudança de tópico proposta pelo pai, indiretamente coloca, novamente, que é homoafetivo, quando reafirma sua união com o marido através da expressão *a gente*. Assim, ainda que posicione o pai como autoritário, não se posiciona como submisso, diferente da forma com que posicionou-se quando tratava da mãe na história encaixada.

Um outro aspecto interessante dessa parte é o fato de o pai não ter aceito a proposta de deslocamento da matriz de inteligibilidade que Gabe faz, buscando o silêncio sobre o assunto através de evitar o uso da palavra casamento e de conversar sobre a vida homoafetiva do filho.

Segmento 20

T48 – Gabe (aí enfim) consegui fazer um esquema de eu conseguir uma passagem até mais barata↓ depois aí consegui depois acertar tudo↓ ainda consegui convencer meu pai a não comprar minha passagem pela varig porque ia sair mais caro, comprar minha passagem pela pela alitalia porque aí conseguia pegar um vôo, que eu consegui uma passagem né que eu consegui uma perna de de lisboa pra roma sem ter que pagar mais por isso entendeu↓

Esta informação sob forma de crônica (Linde, 1993) continua com Gabe se posicionando como uma pessoa forte, que não só não se submete ao pai autoritário, como também o influencia a facilitar sua viagem com o marido. Gabe usa o verbo *conseguir* sete vezes, indicando as dificuldades que teve para atingir seu objetivo, ao mesmo tempo em que marca o sucesso de sua empreitada, posicionando-se como alguém firme, que não se deixa curvar diante de problemas (*consegui fazer um esquema de eu conseguir uma*

passagem até mais barata; consegui depois acertar tudo; consegui convencer meu pai; porque aí conseguia pegar um vôo; que eu consegui uma passagem; que eu consegui uma perna). Usa também a palavra *ainda* aliada ao verbo *conseguir*, dando mais ênfase à dificuldade de convencer o pai a fazer o que ele queria, posicionando ambos como pessoas fortes, porém se colocando como mais firme, posto que o convenceu (*ainda consegui convencer meu pai*). Além disso, Gabe marca sua posição de agente através do uso do pronome *eu*, enfatizando sua capacidade de resolver problemas.

Segmento 21

- T48 – Gabe que eu fui me encontrar com mauro em roma. que o mauro não quis nem pisar
T49 – Tais ((risos))
T50 – Gabe em lisboa.
T51 – Tais ((gargalhada))
T52 – Gabe depois dessa história ele falou “não não quero pisar em lisboa↓
(quero ir) direto pra roma↓ > a gente se encontra em roma e passa o reveillon em roma <”

Nesta passagem, vemos que Gabe, embora tenha atingido seu objetivo de passar o *reveillon* com Mauro, tendo inclusive a ajuda financeira do pai, não conseguiu a aproximação que buscava com este. De fato, a história revela um distanciamento entre pai e filho, no que se refere ao casamento de Gabe com Mauro. Mauro afirma que não quer nem pisar em Lisboa, ou seja, não quer se aproximar do pai de Gabe. Agora, além de o pai não querer saber de seu relacionamento com o marido, o marido também não quer saber do sogro e Gabe cede ao desejo de ambos: vai passar o ano novo em Roma com Mauro e não toca mais no assunto da aproximação com o pai, o que fica claro na coda destacada a seguir.

Segmento 22

- T52 – Gabe e foi o que a gente fez. a gente foi direto pra roma.
T53 – Tais bom, eu nunca fui a lisboa, mas eu fico imaginando que o reveillon em roma deve ser uma delícia.
T54- Gabe é (muito bom). uma delícia. foi ótimo.

Gabe encerra a história da viagem a Portugal colocando que não só conseguiu o que queria, passar o *reveillon* com o marido, como também avaliando que foi ótimo.

4.1.1.2 Em Roma com o irmão

A história surge quando pergunto se seus irmãos sabem que é gay. Após responder que nunca disse diretamente, mas que eles sabiam, Gabe fala que nunca foi muito companheiro dos irmãos. Comenta, então, que é mais próximo do mais velho, que presencia mais seu relacionamento com Mauro. Passa a falar de viagens que fez com seu marido e seu irmão, o que o leva à história “Em Roma com meu irmão”. Esta começa no turno 40, é interrompida pela narrativa “Viagem a Portugal”, retomada no turno 54 e finalizada no turno 58.

Em Roma com o irmão

- T40 – Gabe /.../
>a gente fez uma viagem também< eh teve uma vez-- foi até a época que eu falei quando fui contar pro meu pai que eu que eu era gay, ia casar com o mauro e tal,
- T54 – Gabe /.../
o meu irmão foi pra roma comigo↓ essa história TOda que ah
°não que não fosse eh útil pra entrevista° essa história toda foi pra chegar no fato de que o meu irmão foi pra roma comigo e foi a primeira vez que que aconteceu essa situação de passar algum-- vários dias seguidos eu meu irmão e o mauro sabe.
foi a primeira situação assim tipo... porque tava aquela situação
“(ih) >como é que vai ser com seu irmão? e tal↑” aquela coisa
“seu irmão vai também pra roma↓ como é que vai ser<↑ (a gente vai)”--
só que aí... meu irmão não ia. meu irmão ia ficar só quatro dias↓
ele ia ficar só dias >vinte e seis vinte e sete vinte e oito e vinte e nove de dezembro<↓
ele não ia passar o ano novo.
eh e aí ficou aquele clima a gente achando que a gente (ia ter) que segurar quatro dias fingindo alguma coisa até meu irmão ir embora pra depois a gente relaxar,
só que a gente-- tava com-- a gente em roma encontrou outras pessoas, outras amigas e tal que já tava aí com gale::ra. foi um exploração total sabe↓
as meninas falando da mulher que ela pegou e não sei que sabe↓
- T55 – Tais ((risos))
- T56 – Gabe e aí ahn “que eu sou apaixonada por fulana...” as meninas falando da outra menina↓
e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo e a outra menina já ficou assim “ai meu deus a cassia eller morreu e eu não dei um beijo na boca de:la, não sei que”.
- T57 – Tais ((risos))
- T58 – Gabe as meninas falando isso e meu irmão ali no meio sabe, então já tava tão escrachado o negócio que acabou sendo mais tranquilo. (a gente não precisou) falar nada.
as meninas escracha:ram sabe e... eh meu irmão né...

o meu irmão acho que já também já sabia né↓ (de certa forma) desconfiava e tal, mas ele não tinha-- além de não ter tido a convivência ele não tinha (né)↓ não tinha se deparado com a situação e tal. ((ruídos)) não conhecia bem uma ()
 T59 – Tais ((ruídos)) nunca sei onde faz a pausa ((referindo-se ao gravador))

No turno 40, Gabe introduz a história que vai narrar, a viagem com seu irmão, mas a interrompe para contar sobre quando revelou ao pai que era gay. No turno 54, retoma a narrativa:

Segmento 23

T54 – Gabe /.../

o meu irmão foi pra roma comigo↓ essa história TOda que ah
 °não que não fosse eh útil pra entrevista° essa história toda foi pra chegar no fato de que o meu irmão foi pra roma comigo e foi a primeira vez que que que aconteceu essa situação de passar algum-- vários dias seguidos eu meu irmão e o mauro sabe. foi a primeira situação assim tipo...

Gabe retoma a história que ia contar, estabelecendo que é sobre a primeira vez que seu irmão viaja com ele e seu marido. Nessa introdução, justifica que narrou sobre quando contou ao pai que era gay para chegar à história que se dispõe a contar agora. Contudo, faz um reparo, avaliando positivamente a história contada anteriormente.

Segmento 24

T54 – Gabe porque tava aquela situação “(ih) >como é que vai ser com seu irmão? e tal↑”
 aquela coisa “seu irmão vai também pra roma↓ como é que vai ser<↑ (a gente vai)”--

Nesse momento, Gabe coloca onde se passará a história (Roma), quem são os personagens principais (ele, o marido e o irmão) e de que tratará a história (a primeira vez que o casal Gabe/Mauro vai conviver com alguém da família em uma viagem). Podemos notar que, nessa orientação, Gabe gera uma expectativa de como vai se conduzir a narrativa através do uso de discurso direto, ou seja, faz também uma avaliação da situação que irá ocorrer. A forma com que fala nos leva a pensar que será uma situação complicada, que mais tarde descobriremos que não procede. Na verdade, o casal não

tinha a intenção de sair do armário com o irmão de Gabe naquele momento, ou, pelo menos, não daquela forma, e estava vendo sua ida como um obstáculo aos seus planos para o *reveillon*.

Segmento 25

T54 – Gabe só que aí... meu irmão não ia. meu irmão ia ficar só quatro dias↓ ele ia ficar só dias >vinte e seis vinte e sete vinte e oito e vinte e nove de dezembro<↓
ele não ia passar o ano novo.

Como na história “Viagem a Portugal”, a informação do segmento 25 é importante, contrariando a argumentação de Norrick (2000) de que pode ser retirada da narrativa sem prejudicar seu andamento. Gabe precisa informar que seu irmão não pretendia passar o *reveillon* com o casal para que possamos compreender o porquê de ele e Mauro estarem surpresos e preocupados com sua ida. Se não der essa informação, a história fica sem sentido, pois eles teriam tido tempo antes para contar ao irmão da situação deles ou para dar um jeito de ele não ir junto. Ou seja, a informação garantiu a reportabilidade da história.

Segmento 26

T54 – Gabe eh e aí ficou aquele clima a gente achando que a gente (ia ter) que segurar quatro dias fingindo alguma coisa até meu irmão ir embora pra depois a gente relaxar, só que a gente-- tava com-- a gente em roma encontrou outras pessoas, outras amigas e tal que já tava aí com gale::ra.

Gabe já havia estabelecido o lugar do evento a ser narrado (Roma), mas agora especifica o espaço de tempo em que se passará a história (quatro dias), bem como acrescenta participantes (além do casal e do irmão, havia outras pessoas, havia uma “galera”). Gabe, ao estabelecer a situação específica a ser narrada (como eles iriam fingir algo até que o irmão fosse embora), faz uma avaliação. Quando diz que iriam relaxar depois que o irmão partisse, está, ao mesmo tempo, dando a entender que estariam tensos enquanto ele permanecesse, gerando uma expectativa com relação à condução da história.

Entretanto, quando coloca que encontraram outras pessoas lá, usando a expressão *só que*, insinua que a narrativa pode se encaminhar de forma diferente da esperada.

Segmento 27

T54 – Gabe foi um exploração total sabe↓
 as meninas falando da mulher que ela pegou e não sei que sabe↓

No segmento 27, Gabe começa a ação com uma avaliação – *foi um exploração total sabe*↓ - para depois passar à ação, que é o fato de as meninas falarem abertamente sobre seus casos na frente de seu irmão, revelando, ainda que indiretamente, que Gabe e Mauro são gays. Isso nos remete à argumentação de Goffman (1963), que coloca que quem convive com o estigmatizado é considerado parte do grupo dos estigmatizados, como se o estigma fosse de alguma forma contagioso. Faço essa observação porque Gabe interpreta que seu irmão percebeu que era homoafetivo devido ao fato de ter lésbicas como amigas, quando isso, na verdade, não deveria significar nada (uma pessoa pode ter amigos gays sem ser gay). Toda a ação da história, inclusive a continuação no turno seguinte, é sobre o que as meninas dizem, ou seja, toda a percepção do irmão, segundo Gabe, é a partir do que as amigas falam, não o que o autor da narrativa faz.

Segmento 28

T55 – Tais ((risos))
 T56 – Gabe e aí ahn “que eu sou apaixonada por fulana...” as meninas falando da outra menina↓
 e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo
 e a outra menina já ficou assim
 “ai meu deus a cassia eller morreu e não dei um beijo na boca de:la, não sei que.”

No segmento 28, Gabe prossegue com a ação, inclusive usando discurso reportado, característica de suas narrativas, que sempre buscam o envolvimento dos participantes da interação. Segundo sua versão, seu irmão fica sabendo pela fala das suas amigas, não por ele.

Gabe encaixa uma informação – *e aí na época aconteceu a história que morreu a cassia eller nesse nesse ano novo* – porém, dessa vez, ela não é importante para a condução da história. Se ele tirasse essa informação, não faria a menor diferença, pois a relevância da fala da menina é o fato de querer ter tido a oportunidade de dar um beijo na boca da artista, não de esta de ter morrido.

Segmento 29

T57 – Tais ((risos))

T58 – Gabe as meninas falando isso e meu irmão ali no meio sabe, então já tava tão escrachado o negócio que acabou sendo mais tranquilo. (a gente não precisou) falar nada. as meninas escracha:ram sabe e... eh meu irmão né... o meu irmão acho que já também já sabia né↓

Gabe conclui a ação, as meninas falando e seu irmão ouvindo, e avalia que o fato de terem “escrachado” facilitou a tarefa dele e de seu marido, pois o resultado da história é que não precisaram dizer nada. As meninas falaram de tal forma, que ficou claro que os dois eram um casal, sobretudo porque Gabe achava que o irmão sabia.

Segmento 30

T58 – Gabe (de certa forma) desconfiava e tal, mas ele não tinha-- além de não ter tido a convivência ele não tinha (né)↓ não tinha se deparado com a situação e tal. ((ruídos)) não conhecia bem uma ()

T59 – Tais ((ruídos)) nunca sei onde faz a pausa ((referindo-se ao gravador))

No segmento 30, Gabe encerra a história dizendo que a situação de conviver no universo gay foi uma novidade para o irmão. Saber que Gabe e Mauro eram um casal, não, isso ele já desconfiaria ou saberia - houve apenas uma confirmação de algo que já desconfiaria. Entretanto, a convivência com homoafetivos que não estão dentro do armário, isso teria sido diferente para o irmão.

Gabe se posiciona como alguém frágil, levado ao sabor do vento. Assim como na história em que sai do armário com o pai, quando diz que não contou antes devido à interferência de sua mãe, aqui quem interfere são suas amigas, que, de certa forma,

contam para seu irmão que é gay. Novamente, podemos perceber que sabe que ser homoafetivo é algo passível de reprovação social (coloca como um problema seu irmão viajar com ele), que ser homoafetivo é ser estigmatizado. Como bem no início da entrevista ele comenta que viajou outras vezes com este irmão, portanto o irmão não parece ter problemas com isso, percebemos que ele se antecipa em termos do que acredita que será a reação de terceiros, típico de estigmatizados, segundo Goffman (1963).

Um outro aspecto interessante de ambas as histórias é o fato de Gabe não nomear os parentes. Usa sempre os termos irmão, pai, mãe, marcando os laços de parentesco, mas marcando também um distanciamento entre eles em termos de companheirismo. O fato de não nomear as pessoas quando fala sobre a situação de sair do armário (não deu os nomes das meninas na narrativa), também indica seu desconforto com o fato de ter que expor sua vida homoafetiva para a família. Ao longo da entrevista, quando narra sobre sua vida social com seus amigos, todos têm nome - não diz “o meu amigo da faculdade”, por exemplo. Todos têm nome, apontando para a ligação que têm consigo.

4.1.1.3 Contando para minha mãe

A história surge após eu perguntar sobre se houve alguma mudança com seus pais depois de saberem que era gay. Gabe diz que não, que, na verdade, sempre teve dificuldade de relacionamento com o pai e depois começa a narrar como contou para sua mãe.

Contada nos turnos 62 a 64, a história é composta de duas partes, “Convencendo a mãe” e “Felicidade”, e uma narrativa encaixada, “Tristeza”.

Contando para minha mãe

- T61 – Tais ((ruídos)) mas os seus pais com-- depois da história mudou alguma coisa? você acha que continuou igua::!?! o que você achou?
- T62 – Gabe olha, eu acho que não senti muita mudança não. eh... na verdade eh... porque assim na verdade eu sempre tive muita dificuldade de relacionamento com meu pai entendeu? com a minha mãe foi aquele choque inicial quando eu falei pra ela, ela-- aí eu tinha uma história muito de me comunicar com a minha mãe por carta entendeu↓ do tipo quando ela queria me falar alguma coisa conversar comigo ela escrevia um bilhete... deixava na minha mesa aí eu ia respondia deixava na mesa dela sabe por dificuldade de conversar e tal. isso é muito da idade tipo desde a minha adolescência já era assim sabe.

e aí depois a gente acabava conversando.
 e aí nesse sabe quando eu contei pra ela eu contei mesmo sabe↓
 (na verdade) eu eu ahn tava super deprimi::do, tava passando semanas triste sabe.
 era época que eu era hum eu tava eu tava mals tava na maior fossa porque eu tava ().
 eu tinha me apaixonado pelo meu melhor ami::go, que eu era gay e tava péssimo↓
 assim, não tava conseguindo mais lidar com a situação.
 eu tava no limite assim de loucura né. e foi a primeira vez que eu realmente me apaixonei
 por outro homem sabe, antes eu tinha tesão eu tinha desejo e tal, mas era uma coisa muito
 velada que eu ficava-- eu mesmo reprimia eu dava um jeito de fingir que não tava
 acontecendo pra mim mesmo e tal, mas aí chegou num ponto que não dava mais né.
 e eu tava apaixonado que ah sabe fica aquela coisa.
 e aí eu cheguei a ficar mals assim fiquei-- tava triste direto↓
 chegava em casa fechava a porta do meu quarto não queria falar com ninguém e tal e tal.
 tava sempre triste↓ aí aí um dia ((dirige-se a outra pessoa – é pra mim?)) ((ruidos))
 enfim, aí eu contei pra minha mãe pra--
 minha mãe me viu chorando um dia, veio me perguntar (que diabo) que tava
 acontecendo↓ quando eu contei pra ela falei que eu tava apaixonado por um amigo.
 aí ela ficou tensa “aí meu deus e tal mais não sei que”, aí ela vira e “será que você não tá
 confundindo as coisas? às vezes é admiração.” não é isso” (eu disse) “mãe, eu não tô
 confundindo↓ eu sei muito bem sabe↓ (eu não--) eu sei muito bem o que eu tô sentindo”.
 e aí expliquei e tal ela se convenceu. e ficou (por isso mesmo).
 >”ah mas eu não vou falar com seu pai porque não sei, não vou falar com ele, que não
 vou falar nada com ele, melhor você também não falar nada pra ele”<
 (eu falei) “não eu também--” nessa época nesse momento eu não tinha a menor...
 eu não tinha nem vontade de falar com meu pai sobre isso. então... eh... nessa--
 ficou por isso durante um tempo.
 eh... até que um tempo depois quando eu comecei a namorar o mauro que eu aí eh depois
 eu também saí da casa dos meus pais.
 antes de eu estar com o mauro eu já tava morando sozinho↓
 eu (já) tava dividindo apartamento com dois amigos né↓ eh e isso↓
 depois eu fui morar sozinho. entrei-- acho que três meses depois foi que eu conheci o
 mauro e a gente começou a namorar. e aí depois de um tempo já com o mauro↓
 depois de uns três ou quatro meses de namoro que acho-- mais ou menos depois de uns
 seis meses de eu já estar morando (so-) né eh de eu já estar morando fora, eu resolvi eh
 conversar com a minha mãe (expli-) dizer que eu tava-- que eu ia morar com ele e tal↓
 que ia e dizer que eu tava bem que eu tava feliz sabe que eu tava... numa outra onda.
 que não tava mais naquela depressão... eh que sabe era minha escolha que tava sendo
 ótimo. e enfim... eh e aí... mas ainda assim minha mãe não quis falar nada pra ele, sabe,
 e eu também, sabe, eu já tinha dificuldade pra falar com ele↓ ela me pediu pra não falar↑
 então tá↓ então não vou falar sabe↓ ficou por isso.
 T63 – Tais ((risos))
 T64 – Gabe então só depois de dois anos já casado com o mauro que eu pude conversar com meu pai.
 e... eu num eu realmente não percebia não percebi uma-- nenhuma mudança deles
 comigo.

“Convencendo a mãe” – primeira parte da história

Gabe introduz a narrativa, fazendo uma avaliação: a mãe teve um *choque inicial*, ou seja, provavelmente depois se conformou com o fato de o filho ser homoafetivo. No

meio da introdução, encaixa uma informação sob forma de crônica para que possamos compreender como foi importante e difícil contar verbalmente:

Segmento 31

T62 – Gabe com a minha mãe foi aquele choque inicial quando eu falei pra ela, ela--
 aí eu tinha uma história muito de me comunicar com a minha mãe por carta entendeu↓
 do tipo quando ela queria me falar alguma coisa conversar comigo ela escrevia um bilhete... deixava na minha mesa aí eu ia respondia deixava na mesa dela sabe por dificuldade de conversar e tal.
 isso é muito da idade tipo desde a minha adolescência já é era assim sabe.
 e aí depois a gente acabava conversando.
 e aí nesse sabe quando eu contei pra ela eu contei mesmo sabe↓

“Tristeza” – narrativa encaixada

Esta narrativa encaixada trata do estado de espírito de Gabe em um determinado período, o que provocou a conversa em que conta para a mãe que é homoafetivo.

Segmento 32

T62 – Gabe (na verda) eu eu ahn tava super deprimi::do, tava passando semanas triste sabe.
 era época que eu era hum eu tava eu tava mals tava na maior fossa porque eu tava ().
 eu tinha me apaixonado pelo meu melhor ami::go, que eu era gay e tava péssimo↓
 assim, não tava conseguindo mais lidar com a situação. eu tava no limite da loucura né.

Gabe introduz a narrativa falando de sua tristeza, que é o ponto da história. Passa então à orientação, estabelecendo quando se passa – na época em que estava triste –, quem é o personagem da história – ele mesmo, e de que se tratará – do motivo de sua tristeza. Logo após, resume a história: se apaixonou por um amigo, o que fez com que tivesse que encarar que era gay e não sabia lidar com isso, por isso a tristeza.

Gabe repete avaliações a fim de que possamos captar a profundidade de sua tristeza: *tava super deprimi::do, tava mals, tava na maior fossa, tava péssimo*. Essa

repetição é feita de forma crescente, que culmina com a avaliação *tava no limite da loucura*.

Segmento 33

T62 – Gabe e foi a primeira vez que eu realmente me apaixonei por outro homem sabe, antes eu tinha tesão eu tinha desejo e tal, mas era uma coisa muito velada que eu ficava-- eu mesmo reprimia eu dava um jeito de fingir que não tava acontecendo pra mim mesmo e tal, mas aí chegou num ponto que não dava mais né. e eu tava apaixonado que ah sabe fica aquela coisa.

Gabe se apaixonou por um homem e é obrigado a encarar que é gay. Nesse momento, podemos perceber que ele tentava não assumir nem para si mesmo que era homoafetivo. O interessante dessa parte é o fato de que precisou se apaixonar para aceitar sua condição gay, desvinculando a imagem de que ser gay está somente relacionado a sexo. Enquanto era só desejo, era algo que tinha como lidar, podia até reprimir, fingir para si e para os outros. Amor, contudo, não era possível, pois deixava claro que não era um sentimento passageiro, fruto de uma curiosidade sexual, talvez. Era algo contra o qual não podia lutar, portanto, tinha que se assumir.

Segmento 34

T62 – Gabe e aí eu cheguei a ficar mals assim fiquei-- tava triste direto↓
chegava em casa fechava a porta do meu quarto não queria falar com ninguém e tal e tal.

O resultado é que Gabe não quer falar com ninguém, quer estar só com sua tristeza e, sobretudo, com o que descobriu de si mesmo.

Segmento 35

T62 – Gabe tava sempre triste↓

Gabe encerra a narrativa falando de sua tristeza, que era o ponto da história.

Mais uma vez, a argumentação de Mishler (2002) de que, ao olhar para o passado, o narrador constrói sua vida retrospectivamente e aponta que sua importância é determinada pela situação na qual o narrador se encontra no presente, é relevante aqui. Só é importante essa história porque, no presente, Gabe precisa me fazer entender porque contou para sua mãe que era gay naquele momento específico. Embora a tristeza de se perceber gay e de ter se apaixonado por outro homem apontem para a dificuldade de sair do armário consigo mesmo, a narrativa só se realiza nesse ponto da entrevista porque ele quer traçar um quadro geral de seu estado e da época em que contou para sua mãe sobre ser homoafetivo. Ao mesmo tempo em que é uma narrativa encaixada, orienta o restante da história.

“Contando para minha mãe” - continuação

Gabe retoma a primeira parte da história, usando de fala reportada para narrar o evento, como é seu estilo. Ele começa a ação, que é a própria conversa entre mãe e filho, com uma orientação, encaixa o resultado e a coda, que, ao mesmo tempo, aponta para uma próxima narrativa, para depois retomar a ação.

Segmento 36

T62 – Gabe aí aí um dia /.../ enfim, aí eu contei pra minha mãe pra--
 minha mãe me viu chorando um dia, veio me perguntar (que diabo) que tava
 acontecendo↓ quando eu contei pra ela falei que eu tava apaixonado por um amigo.
 aí ela ficou tensa “ai meu deus e tal mais não sei que”, aí ela vira e “será que você não tá
 confundindo as coisas? às vezes é admiração”. “não é isso” (eu disse) “mãe, eu não tô
 confundindo↓ eu sei muito bem sabe↓ (eu não--) eu sei muito bem o que eu tô sentindo”.
 /.../ “ah! >mas eu não vou falar com seu pai porque não sei, não vou falar com ele, que
 não vou falar nada com ele, melhor você também não falar nada pra ele<” (eu falei) “não
 eu também--”

No segmento 36, começa estabelecendo a orientação da história: os personagens serão ele e sua mãe (*minha mãe me viu chorando*), o momento não será particularizado (*um dia*) e a história será a conversa que terão a partir do momento que a mãe resolve

perguntar sobre o porquê de estar chorando. Gabe faz avaliações sobre as emoções de sua mãe logo no início da ação – *que diabo que tava acontecendo* -, marcando que a mãe estava preocupada com sua tristeza, para depois fazer outra quando conta que está apaixonado por um amigo – *ai ela ficou tensa* -, o que nos revela como a mãe passou de um estado a outro, preocupação para tensão, ao saber do motivo da tristeza do filho, e nos aponta o conflito da ação: a mãe não aprova, no princípio sequer acredita, que o filho seja homoafetivo. Gabe enfatiza o estado de angústia que a revelação teria provocado em sua mãe, quando reproduz o que seria a sua fala - “*ai meu deus e tal mas não sei que*” -, bem como na argumentação que ela teria feito acerca dos sentimentos dele – “*será que você não tá confundindo as coisas? às vezes é admiração*”. Gabe se posiciona como alguém firme, que sabe de si – “*não é isso*” (*eu disse*) “*mãe, eu não tô confundindo*” *eu sei muito bem sabe*” (*eu não--*) *eu sei muito bem o que eu tô sentindo*”, o que podemos perceber pela sua colocação sem hesitações, e uso de *muito bem*, o que denota sua certeza quanto aos seus próprios sentimentos. Embora, à primeira vista, possa parecer que está hesitando, quando interrompe sua fala – (*eu não--*), não me parece que este tenha sido o caso. Nesse momento, a interrupção me parece ser devido a um esforço de se lembrar o mais precisamente possível das palavras trocadas na ocasião.

Um outro aspecto revelador nesse segmento é o fato de a mãe questionar a validade da informação que Gabe dá de que é gay. Sedwick ([1990]1994:79-82), comparando a situação de sair do armário com a revelação bíblica de Esther de que é judia, coloca que a identidade de judia de Esther não é posta em questão, enquanto que a homoafetividade é tão resistida pelos outros, que estes se sentem autorizados a questionar sua veracidade.

Gabe retoma a ação para falar sobre o fato de sua mãe não querer que ele contasse para o seu pai sobre ser homoafetivo, posicionando sua mãe como tradicional: não só ela não quer contar para o marido, como também não quer que conte, apontando para a posição de autoridade e poder do pai e para a reprovação social da escolha do filho – ser homoafetivo é algo ruim, passível de reprovação ao ponto de não poderem contar para quem detém o poder na família. Gabe concorda em não contar, só que desta vez não por

ser reprimido pela mãe, como na narrativa anterior, mas porque não quer contar também, reforçando a idéia de estigmatização de sua prática sexual.

Segmento 37

T62 – Gabe nessa época nesse momento eu não tinha a menor... eu não tinha vontade de falar com meu pai sobre isso.

Em contraste com a narrativa anterior sobre sair do armário com a mãe, encaixada na história “Viagem a Portugal”, Gabe, aqui, coloca que não quer contar para o pai também. Se, por um lado, se posiciona como alguém sem poder, que teme uma reação paterna, por outro, não se posiciona mais como reprimido pela mãe: Gabe não conta porque não quer, não porque sua mãe o impede.

Segmento 38

T62 – Gabe e aí expliquei e tal e ela se convenceu.

O resultado da ação não é o fato de que ele contou, mas o fato de que convenceu a mãe de que sabia o que sentia, posicionando-se como agente da ação narrada.

Segmento 39

T62 – Gabe e ficou (por isso mesmo). /.../ então... eh... nessa-- ficou por isso durante um tempo.

A coda do segmento 39 finaliza a narrativa, nada mudou, contudo, serve para apontar uma futura história, o que podemos perceber pelo uso de *durante um tempo*, o que nos indica que vai acontecer algo depois e que ele vai contar que algo é este. Isso nos remete à argumentação de Wood (1997:258), que estabelece que nas narrativas de sair do armário, a coda não finaliza a história, mas aponta para outras narrativas de sair do armário. Aqui, não é uma narrativa diferente, mas a segunda parte da história de sair do armário com a mãe.

De fato, essa coda é também introdução da segunda parte da história.

“Felicidade” – segunda parte da história

Após introduzir a segunda parte da história (*eh... até que um tempo depois quando eu comecei a namorar com o mauro que eu*), Gabe fornece uma informação sob forma de crônica, que vai explicar o porquê de retomar a conversa com sua mãe: quer tranquilizá-la e dizer que estava tudo bem com ele. Ao mesmo tempo, encaminha o desfecho da narrativa “Contando para minha mãe” e orienta em termos de quando se passa (meses depois) e em termos de seu tipo de vida (já havia passado pela experiência de viver com amigos, de viver sozinho):

Segmento 40

T62 – Gabe aí eh depois eu também saí da casa dos meus pais antes de eu estar com o mauro eu já tava morando sozinho↓ eu (já) tava dividindo apartamento com dois amigos né↓ eh e isso↓ depois eu fui morar sozinho. entrei--
acho que três meses depois foi que eu conheci o mauro e a gente começou a namorar.

Gabe orienta sobre quando especificamente ocorre a história que vai contar (meses depois), quem vai participar (ele e sua mãe) e do que se trata o evento (contar para a mãe que ia se casar com o mauro):

Segmento 41

T62 – Gabe e aí depois de um tempo já com o mauro↓
depois de uns três ou quatro meses de namoro que acho-- mais ou menos depois de uns seis meses de eu já estar morando (so-) né eh de eu já estar morando fora, eu resolvi eh conversar com a minha mãe (expli-) dizer que eu tava-- que eu ia morar com ele e tal↓

Passa então para a ação, fazendo avaliações:

Segmento 42

T62 – Gabe que ia e dizer que eu tava bem que eu tava feliz sabe que eu tava... numa outra onda.
que eu não tava mais naquela depressão... eh
que sabe era minha escolha que tava sendo ótimo.

e enfim... eh e aí... mas ainda assim minha mãe não quis falar nada com meu pai e ficava me pedindo para não falar nada pra ele, sabe, e eu também, sabe, eu já tinha dificuldade pra falar com ele↓ ela me pediu pra não falar↑

Começa a narrar a ação usando verbos no pretérito imperfeito, revelando que planejou o que iria falar para a mãe (trocou vou dizer por ia dizer, já que estava me relatando algo do passado): estava bem consigo mesmo. Contudo, as hesitações de sua fala (pausas, uso de *eh*) nos indicam que a conversa tomou outro rumo, diferente do esperado. Ao usar a expressão adversativa *mas ainda assim*, percebemos que o maior objetivo não era tranquilizar sua mãe, mas obter aprovação e cumplicidade com relação à sua escolha. O fato de a mãe insistir para que não falasse com seu pai demonstra que a questão que a afligia não era mais a possibilidade de ele ainda estar deprimido, mas sua homoafetividade e a reação que o pai poderia ter. Novamente, a colocação da mãe, segundo a versão de Gabe, nos remete a Sedwick (1990). A autora, ainda na comparação com a revelação de Esther, alega que sair do armário com os pais em uma sociedade homofóbica pode causar mágoas, pois pode vir a jogar no armário a pessoa para quem a revelação foi feita. Na narrativa aqui analisada, o ato de contar para mãe jogou o próprio Gabe para um ponto mais fundo do armário com seu pai, pois agora está sendo impedido pela mãe, ou seja, perdeu o controle sobre a informação. Ao mesmo tempo, a mãe também é colocada no armário com relação ao marido, porém, por escolha.

Gabe se posiciona como reprimido e frágil e a mãe como repressora, exatamente como na história “Viagem a Portugal”, posto que ela recusou-se a ser sua cúmplice. Ao argumentar que tinha dificuldade de falar com o pai, enfatizada pelo termo *já*, coloca que o pedido da mãe era impossível de ser contrariado, pois seria mais um obstáculo a ser ultrapassado. Ele inclusive busca se justificar quando sobe o tom no final da frase *ela me pediu pra não falar* ↑, o que nos leva a pensar que ele não teria outra saída que não fosse concordar com o desejo da mãe (a idéia que nos dá é de que poderia ter outra frase como “o que poderia fazer?”; se a mãe manda, há que se obedecer).

Segmento 43

T62 – Gabe então tá↓ então não vou falar sabe↓ ficou por isso.

O resultado é que Gabe obedece a mãe, resolve não contar ao pai. É interessante observar que o ponto da história, que seria tranquilizar a mãe, mostrá-la que estava feliz, muda para o fato de que ela o impediu de contar para o pai. Dessa forma, o que, na primeira parte da história, coloca como sua decisão, nesta segunda parte reverte-se para uma decisão da mãe. O que seria uma narrativa de preocupação de um filho com a mãe, torna-se uma narrativa de ressentimento com a mãe.

Segmento 44

T63 – Tais ((risos))

T64 – Gabe então só depois de dois anos já casado com o mauro que eu pude conversar com meu pai.

A coda reforça a impressão deixada pela ação e pelo resultado: o ponto da narrativa reverteu-se na questão de Gabe não ter podido contar para seu pai, na época, sobre seu relacionamento com homens e, sobretudo, seu casamento com Mauro. O ressentimento fica enfatizado através dos marcadores *só* e *já*, que demonstram que Gabe avalia como sendo tardia a hora em que revelou ao pai que era gay e estava casado. O uso do verbo *poder* também evidencia o posicionamento de Gabe como reprimido, pois marca a impossibilidade de ele contar ao pai, devido à repressão da mãe.

4.1.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nessa parte, vou tratar de três relacionamentos amorosos de Gabe: como iniciou seu romance com seu marido, sua tentativa de namoro com uma mulher e seu primeiro amor gay.

4.1.2.1 Como casei com Mauro

A história emerge depois de Gabe contar sobre relacionamentos anteriores. Surge como um fechamento de um ciclo: Gabe finalmente conhece alguém que o completa.

A primeira parte, “Paquera”, começa no turno 130, é interrompida por uma narrativa sobre sua amizade com uma pessoa da faculdade, retomada no turno 133, novamente interrompida no turno 134, reintroduzida no turno 140 e finalizada no turno 161; a segunda parte, “Namoro”, começa no turno 162 e termina no turno 164.

A primeira interrupção é necessária para Gabe traçar um perfil da faculdade: conta de sua amizade com Marcio, única pessoa, além dele próprio, a assumir publicamente que era gay. A segunda interrupção é para relatar como conhecia Lana, personagem importante da história “Como casei com Mauro”, e como ela sabia que ele era homoafetivo.

Como casei com Mauro

- T130 – Gabe até que conheci o mauro através da lana numa coisa numa situação totalmente inusitada↓ assim tipo eu tava numa festa de faculdade sabe tipo na faculdade era onde não rolava nada né↓ na faculdade era um enrustimento só sabe tipo sabe tinha um monte de gay↓ mas sabe era tudo todo mundo meio enrustido tal.
então eu e o marcio éramos os únicos assim que sabe ainda dávamos uma eschachada de vez em quando sabe↓ /.../
/.../
- T133 – Tais aí teve essa festa aquela hora [()
T134 – Gabe [e teve a fe:sta↓ a lana (me falou)--
aí eu encontrei a lana↓ a lana tava nessa (fes-) /.../
/.../
- T140 – Gabe aí ela falou “ah então pô tem uma galera da psicologi:a e tal tem uma galera que tá sempre comigo”.
ela falou “pô, tem um amigo meu que até te acha bonitinho o mauro augusto que tá sempre comigo não sei se você já viu”↓ e quando ela falou isso eu me lembrei dele.
sabia quem ele tipo sabia já quem era o mauro↓ sabia quando ela falou que era amigo que tava sempre com ela já associei logo que eu sempre vi ela com ele.
ela falou (“ó) você pode tomar uma cerveja com a gente conhecer a gale:ra e tal não sei que↓ chama seu ami:go vamos tomar uma cerveja ju:nto e tal.”
falei “pô manero legal conhecer mais conhecer amigos ga:ys e tal manero”. e aí ela falou que o menino tinha me achado bonitinho eu também tinha achado já achava ele bonitinho.
falei “bom ótimo né (q-) já vou conhecer um cara”. aí por coincidência nessa mesma semana eu () tava no no sujinho lá tomando uma cerveja lá na faculdade e eles tavam comemorando ah que eles tinham tinham estreado uma peça de teatro e tal↓ eles tavam lá comemorando justamente essa (gale) essa galera da lana os amigos gays da lana e eu tava lá tomando uma cerveja com meus amigos também. e a lana passava abraçadinha com o mauro né. “ah e aí gabe? vamos lá tomar uma cerveja com a gente”↓
“ah vou lá vou lá não sei que.” eu crente que ela sabe que ela tava, não crente não, ela tava passando exibindo o mauro pra mim.
só que o mauro na verdade nunca tinha falado que me achava [bonitinho↓
T141 – Tais [((gargalhadas))
T142 – Gabe [nunca tinha falado com a
lana falar nada comigo↓
T143 – Tais [((gargalhadas))

- T144 – Gabe [ele não tava sabendo de
nada↓ ele tava completamente de gaiato na história↓
a lana tava inventando essa [história↓
- T145 – Tais [a lana tava de [cupido
T146 – Gabe e [passando com o mauro ali na minha
frente exibindo o mauro. foi () “vamo lá tomar cerveja.” eu crente que ele tinha
comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓
então eu fui na certa né↓ então falei “bom vou lá na cerveja já sei que o cara tá a fim vou
lá.” aí fiquei lá tomando cerveja com eles↓ passamos a noite inteira até o bar fechar
tomando cerveja. aí eu chamei eles pra ir na minha casa pra gente continuar a noite lá
que o bar fechou. fomos (leve) a galera toda na minha casa↓
não conhecia ninguém (“ah) vamos pra minha casa”↓ que já tava morando so- já tava
dividindo apartamento com uns amigos tava curtindo a onda de ter uma casa sem país né↓
que poderia levar
- T147 – Tais quem [quisesse
T148 – Gabe [quem quisesse. levei a galera toda pra lá que tava lá tomando cerveja e eu lá
dando mole pro mauro já descaradamente e o mauro nada. e eu assim “pô esse cara é
[devagar”
- T149 – Tais [((risos))
T150 – Gabe [() não tava interessado. aí eu falava “pô”↓ fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha
ver se saía do meio do né↓ ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓
e a lana ficava “vai [vai atrás dele não sei que↓
T151 – Tais [((risos))
T152 – Gabe [ele quer ficar com você e tal vai lá”.
T153 – Tais [((risos))
T154 – Gabe ele ficou meio assim até que uma hora ele foi e aí a gente acabou eu acabei mandando
uma↓ a gente acabou ficando. depois é que eu fui saber que ele nunca tinha falado nada↓
- T155 – Tais [((risos))
T156 – Gabe [e eu tava lá muito na certa e na verdade
T157 – Tais [((risos)) a lana é que resolveu
T158 – Gabe [a lana é [que
T159 – Tais () [((risos))
T160 – Gabe é
T161 – Tais é
T162 – Gabe aí a gente começou a se ver na faculdade se:mpre. e aí acabou né tipo combinamos de sair
ju:ntos e tal. foi saindo. foi ficando. aí depois acabou a coisa foi que sabe foi fluindo
assim↓ a gente... sabe (de--) começou a sair começou a namorar foi ficando...
acabou que a gente chegou um ponto que a gente não conseguia mais dormir sem o outro.
ele dormia na minha casa todos os [dias.
- T163 – Tais [é
T164 – Gabe aí depois dele estar dormindo na minha casa todos os dias eu falei “bom, já que você
dorme aqui todo dia vem morar aqui”. aí ele foi morar comigo.
e a gente oficializou a história↓ aí que eu fui contar pra minha mãe que tava...
casando com com ele assim casando né↓ (estávamos) morando juntos e aí assim foi.

“Paquera” – primeira parte da história

Gabe introduz a narrativa com uma avaliação, conheceu Mauro *numa situação totalmente inusitada*, gerando uma expectativa quanto ao desenrolar da história:

certamente não será um encontro comum. A princípio, como logo encaixa uma informação acerca do ambiente da faculdade – não era um ambiente propício a paqueras gays, pois a maioria dos homoafetivos da faculdade eram enrustidos, ou seja, não se assumiam, pode-se pensar que o inusitado é ter conhecido alguém naquele lugar. Contudo, veremos mais tarde que a avaliação se dá por outra razão: o fato de Lana tê-lo levado a acreditar que Mauro estava interessado nele:

Segmento 45

T130 – Gabe até que conheci o mauro através da lana numa situação totalmente inusitada↓ assim tipo eu tava numa festa de faculdade sabe tipo na faculdade era onde não rolava nada né↓ na faculdade era um enrustimento só sabe tipo sabe tinha um monte de gay↓ mas sabe era tudo todo mundo meio enrustido tal então eu e o marcio éramos os únicos assim que sabe ainda dávamos uma escrachada de vez em quando sabe↓

Gabe interrompe a narrativa para comentar sobre sua amizade com Marcio e sobre o próprio Marcio. Percebendo, através de sinais de hesitação, que estava um pouco perdido, fiz uma pergunta para que retomasse a história:

Segmento 46

T133 – Tais aí teve essa festa aquela hora [()

Gabe retoma o assunto da festa, reintroduzindo personagens da narrativa – ele e Lana. Interrompe novamente a história para relatar uma conversa com ela, onde esta confirma que ele é gay, pergunta se conhece gays no departamento de comunicação (ela é da psicologia) e comenta que tem um amigo que o acha bonitinho.

Após contar a conversa que teve com Lana, Gabe volta à história, orientando a ouvinte – quando ocorreu (na mesma semana da festa em que havia conversado com Lana); onde (no sujinho, bar da faculdade); personagens (ele, Lana, Mauro e amigos):

Segmento 47

T140 – Gabe aí por coincidência nessa mesma semana eu () tava no no sujinho lá tomando uma cerveja lá na faculdade e eles tavam comemorando ah que eles tinham tinham estreado

uma peça de teatro e tal↓ eles tavam lá comemorando justamente essa (gale) essa galera da lana os amigos gays da lana e eu tava lá tomando uma cerveja com meus amigos também.

A ação da narrativa começa com Lana exibindo Mauro para Gabe, a fim de estimulá-lo a ir para o seu grupo. Gabe, excelente contador de histórias, através de discurso reportado direto, cria uma imagem da cena:

Segmento 48

T140 – Gabe e a lana passava abraçadinha com o mauro né. “ah e aí gabe? vamos lá tomar uma cerveja com a gente”↓ “ah vou lá vou lá não sei que.” eu crente que ela sabe que ela tava, não crente não, ela tava passando exibindo o mauro pra mim. só que o mauro na verdade nunca tinha falado que me achava [bonitinho↓

T141 – Tais [((gargalhadas))

No segmento 48, Gabe estabelece o que será o conflito da história – Mauro não havia dito que era bonito. Após minhas gargalhadas, reforça a ação complicadora da primeira parte da história, acrescentando que Mauro jamais havia pedido a interferência de Lana para um futuro relacionamento:

Segmento 49

T141 – Tais [((gargalhadas))

T142 – Gabe [nunca tinha falado com a lana falar nada comigo↓

Incentivado por minhas gargalhadas, Gabe repete que Mauro não sabia de nada:

Segmento 50

T143 – Tais [((gargalhadas))

T144 – Gabe [ele não tava sabendo de nada↓ ele tava completamente de gaiato na história↓ a lana tava inventando essa [história↓

Através de concordância expressa em repetição, continuo estimulando a narrativa de Gabe:

Segmento 51

T145 – Tais [a lana tava de [cupido

Gabe continua a ação da história repetindo que Lana estava exibindo o amigo para ele. Por acreditar que Mauro havia comentado alguma coisa, resolve ir para a mesa de Lana:

Segmento 52

T146 – Gabe e [passando o mauro ali na minha frente exibindo o mauro.
foi () “vamos lá tomar cerveja.” eu crente que ele tinha comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓então eu fui na certa né↓
então falei “bom vou lá na cerveja já sei que o cara tá a fim vou lá.” aí fiquei lá tomando cerveja com eles↓ passamos a noite inteira até o bar fechar tomando cerveja.
aí eu chamei eles pra ir na minha casa pra gente continuar a noite lá que o bar fechou. fomos (leve) a galera toda na minha casa↓
não conhecia ninguém (“ah) vamos pra minha casa”↓

Gabe se constrói como agente da conquista. Embora suas ações fossem, a princípio, motivadas por uma certeza – *eu crente que ele tinha comentado alguma coisa, tava botando pilha pra ela vir falar comigo né↓então eu fui na certa né↓* –, não espera um movimento do outro, se dirige à mesa, passa a noite inteira bebendo e, quando o bar fechou e nada aconteceu, leva todos para sua casa, mesmo não conhecendo ninguém.

Após informar que naquela época já morava sozinho e, portanto, poderia levar quem quisesse para sua casa, Gabe continua a ação:

Segmento 53

T148 – Gabe levei a galera toda pra lá que tava lá tomando cerveja e eu lá dando mole pro mauro já descaradamente e o mauro nada. e eu assim “pô esse cara é [devagar”
T149 – Tais [((risos))
T150 – Gabe [() não tava interessa:do.
aí eu falava “pô”↓ fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha ver se saía do meio né↓
ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓

- e a lana ficava “vai [vai atrás dele não sei que↓
 T151 – Tais [((risos))
 T152 – Gabe [ele quer ficar com você e tal vai lá.”

Gabe prossegue se construindo como agente da conquista. Segundo sua própria avaliação, dá *mole já descaradamente*, e o outro não esboça reação. Como Lana havia lhe dito que Mauro estava interessado nele, o avalia como devagar – “*pô esse cara é [devagar*. O conflito anunciado no turno anterior, é reportado agora: Gabe, acreditando que o outro está interessado nele, se expõe, deixando claro que também se interessa, e estranha o comportamento daquele que quer conquistar, porque este último não toma nenhuma atitude concreta, o que reforça ao enfatizar a palavra nada – *e o mauro nada*.

Gabe enfatiza sua surpresa pela falta de resposta de Mauro, através de sua própria fala reportada “*pô*”, bem como sua persistência na conquista através do uso de verbos no imperfeito, marcando uma continuidade na ação de chamá-lo, antes que, finalmente, aceitasse – *fui na cozinha chamava ele pra ir na cozinha ver se saía do meio né↓ ver se conseguia ficar sozinho com ele e nada↓*. Ainda através de verbo no imperfeito, marca a insistência de Lana para que prosseguisse na tentativa de conquista – *e a lana ficava”vai [vai atrás dele não sei que↓*. Na fala reportada dela, usa de repetição “*vai [vai*”, também construindo Lana como agente em sua conquista.

Segmento 54

- T153 – Tais [((risos))
 T154 – Gabe ele ficou meio assim até que uma hora ele foi e aí a gente acabou eu acabei mandando uma↓ a gente acabou ficando.

Gabe estabelece que foi ele quem fez todos os movimentos para que ficassem juntos, o que podemos perceber quando interrompe a construção *a gente acabou* e faz o reparo *eu acabei mandando uma*, ou seja, ele tomou a iniciativa.

Gabe reforça sua agência ao avaliar que Mauro não estava tão interessado naquele ponto – *ele ficou meio assim* – e que foi difícil conquistá-lo, o que fica claro pela escolha

do verbo acabar – *ai a gente acabou eu acabei mandando uma* ↓ *a gente acabou ficando*
– e pelo uso da expressão *até que* – *até que uma hora ele foi*.

Segmento 55

- T154 – Gabe depois é que eu fui saber que ele nunca tinha falado nada ↓
T155 – Tais [((risos))
T156 – Gabe [e eu tava lá muito na certa e na verdade
T157 – Tais [((risos)) a lana é que resolveu
T158 – Gabe [a lana é [que
T159 – Tais () [((risos
T160 – Gabe é
T162 – Tais é

Na coda desta primeira parte da história, Gabe retoma o ponto estabelecido no início através de uma avaliação: seu encontro foi inusitado. Devido a uma mentira contada por Lana, que queria uni-lo a Mauro, ele partiu para a conquista.

Se, por um lado, assim como nos relatos de sair do armário analisados anteriormente, Gabe se posiciona como alguém freqüentemente levado pelas situações – não consegue contar para o pai que é gay porque a mãe não permite; não chega a contar diretamente para o irmão porque as meninas que viajaram para Roma falavam tão abertamente a homoafetividade delas, que, de certa forma, se anteciparam a ele; parte para uma paquera devido a uma mentira de uma amiga –, por outro, posiciona-se como agente de sua própria vida – busca cumplicidade do pai e da mãe; enfrenta a viagem com o irmão; apesar de Mauro não sinalizar interesse, não se intimida e consegue conquistá-lo. Percebemos, assim, que, ao longo de uma narrativa, há posicionamentos múltiplos e que estes podem, inclusive, serem opostos e ocorrerem simultaneamente.

“Namoro” – segunda parte da história

Gabe introduz a segunda parte da história, estabelecendo de que vai se tratar – a evolução daquela noite em que ficaram juntos. Prossegue com a narrativa, usando verbos no gerúndio e no imperfeito, marcando o desenvolvimento gradual do relacionamento,

No segmento 58, Gabe finaliza a história dizendo que, após a decisão de morarem juntos, foi comunicar à mãe seu casamento. O ato de contar para a mãe ratifica o novo *status* do casal e reforça sua condição de homoafetivo.

Gabe liga esta narrativa à narrativa anterior, “Contando para minha mãe”, o que nos reporta a Linde (1993:100), que estabelece que o eu do passado deve ser relevante para o presente, promovendo um eu contínuo.

4.1.2.2 Não era minha onda

A história surge motivada pela minha pergunta sobre se havia namorado muito antes de casar com Mauro. Após relatar alguns namoros de pouca duração, Gabe narra sobre um relacionamento longo que teve com uma garota, Tati.

A narrativa começa no turno 76 e se estende até o turno 96. É composta de duas partes – “Tentei me educar” (turnos 76-80) e “Amor sem desejo” (turnos 89-96) – e uma narrativa encaixada – “Sou capaz” (turnos 82-88).

Não era minha onda

T75 – Tais antes dele você namorou muito?

T76 – Gabe /.../

e depois eu namorei eh a tati foi minha namorada né↓ entre as meninas que eu namorei minha namorada de mais tempo que a gente namorou durante sete meses né↓ e foi minha última namora:da né↓ depois dela foi assim sabe tipo eu foi quando quando eu tive que me dar conta que não daria certo sabe eh... tipo que mulher não era a parada e que não dava↓

T77 – Tais não era sua onda

T78 – Gabe

não era minha onda me:smo.
foi depois do namoro com ela que quando ela quando ela ela que terminou o namoro é. eu ela falou que () “tem alguma coisa errada não dá:” sabe tipo↓ porque tipo não tinha sexo na nossa relação sabe tipo↓ eh... a gente era um era uma relação estranha realmente (né o... e) eu eh só que eu tava tipo eu investi num relacionamento com ela porque eu gostava muito dela gostava mesmo↓ assim gostava muito sabe e eu (investi) eu acreditava que era assim sabe↓ era como se fosse assim a minha salvação↓ tipo sabe a tati (é minh-) sabe tipo foi (uma pess-) foi eh a primeira vez que eu que eu aquela coisa de eu ver uma pessoa sabe↓ vi a vi a tati o primeiro dia que eu vi eu achei ela linda sabe e sabe aquela coisa↓ a conquista sabe assim tipo eu achei achava ela linda↓ não conhecia↓ dei um jeito de me aproximar↓ me aproximei↓ ela se interessou e tal e foi aquela coisa de tipo sabe ela↓ tem a mulher mais linda do mundo sabe↓ é minha namorada sabe↓ é um tipo... uma mulher dos meus sonhos sabe↓ aquela coisa tipo família↓ (não) agora tipo com ela não vai ter sabe tipo eu vou sabe↓ eu achava que eu ia esquecer homem sabe que eu não ia mais pensar em homem sabe↓

- eu tava como sabe só que num né tipo a coisa não acontecia sabe tipo... eh... eu eu tentava e sabe tentava eh... era uma coisa tipo tava-- me forçar sabe↓ eu eu forçava meu desejo↓ na verdade era era uma coisa sabe tipo eu (tent) eu tava tentando me educar sabe↓ a a a me relacionar com sabe uma mulher sabe tava me (educ-) sabe↓ me educar isso num sabe era
- T79 – Tais ((rindo)) não adianta
- T80 – Gabe não adianta. tava lutando sabe contra mim mesmo era (não não)
- T81 – Tais você chegava a ter tesão nela?
- T82 – Gabe olha, a primeira vez que a primeira vez que a gente transou, foi assim pra mim sabe foi ah eh... foi ao mesmo tempo foi estranho sabe porque eu eh eu consegui↓ eu tive tesão sabe↓ a gente a gente sabe tipo consegui. sabe tipo porque é complicado sabe↓ homem não tem tesão a coisa [não sobe num [é sem disfarce
- T83 – Tais
- T84 – Gabe acontece. mas a () sabe a coisa aconteceu sabe↓ eu tive prazer sabe↓ foi legal e eu (sab) sabe. ao mesmo tempo eu que eu fiquei sabe, ao mesmo tempo foi assim fiquei feliz tipo assim “sou capaz” sabe↓ tipo de aquela coisa de você “eu sou capaz de de ter desejo sabe por uma mulher e tal”↓ e tipo “sou capaz de” sabe↓ “eu sou capaz de transar com a tati” sabe↓ de a gente “eu posso” eh sabe “eu posso viver essa relação” sabe↓ “eu posso sustentar isso” sabe↓ mas ao mesmo tempo eh tinha o contrário também tipo assim “eu sei que não” né↑ sabe↑ “eu sei que foi um esforço” sabe. “eu sei que não foi natural não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você”↓ [agora [ahã
- T85 – Tais
- T86 – Gabe sabe foi uma coisa tipo caralho sabe “eu tenho que transar com a tati” ((risos))
- T87 – Tais ((risos))
- T88 – Gabe ((risos)) não foi sabe (completa) foi totalmente o inverso sabe ((acabou a fita)) ((ruídos))
- T89 – Tais (mas aí) você tava se tocando que não era bem por aí. mas ao mesmo tempo era um grilo? quer dizer, [você queria
- T90 – Gabe [sei. eu queria
- T91 – Tais ser homem () porque era mais fácil?
- T92 – Gabe exatamente. porque eu não eu não eu num assim eu nunca tinha tido eh eh uh anh eu nunca tinha tido relação com homem nenhum e eu sabe↓ queria (sabe) eu acreditava que eu era capaz de a minha vida assim (). por mais que eu desejasse isso sabe secretamente entendeu. eh... mas que eu era mas sabe eu... () enfim, eu achava que eu que que era uma coisa que sei lá:... achava que de repente ia passa::r↓ que de repente eu depois (que) sabe depois que eu que eh sei lá sabe↓ eu me relacionando eu ia eh sei lá com a tati e a coisa pudesse se desenvolver. conseguisse sabe de repente passar a ter tesão sabe. mas a coisa não aconteceu e assim eh... eh... é óbvio que ela percebia sabe↓ que ela sentia ela sentia péssima↓ sentia uma merda (né)↑ porque porra (sabe)... ela achava com algum problema né (com--) “qual meu problema? qual meu problema? que esse cara [num [não tá se interessando
- T93 – Tais
- T94 – Gabe não tá se interessando” sabe↓ e ao mesmo tempo eu era super romântico apaixonado↓ levava presente mandava cartão (escrev-) sabe (faz-) sabe. tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho de sabe uma coisa apaixonada que sabe no na carne não (refl-) não se refletia sabe. e ela não conseguia e ela não entendia sabe↓ pra ela era muito estranho (sabe)↓ e... a gente conversou isso uma vez pra dar um tempo no namoro. ficou um tempo sem se encontrar pra gente se ver na faculdade né. então ficava aquela coisa: e acabava acabou começando acabou voltando tentando mais uma vez↓ a coisa num (sabe) não mudou. (ela falou o) sabe num ela me perguntava

- “mas como é que era com as (suas) outras namoradas? porque não sei que↓”
 porque a gente eh sabe tipo ela (perguntou)↓ e aí ela fala::va sabe ela me dizia assim
 “ah é porque não é só por causa ()” sabe “não é só pela falta de sexo e tal.”
 mas [era
 T95 – Tais [é
 T96 – Gabe entendeu. não era só por i:sso↓ “a gente não tem mesmo intimidade”↓
 “a gente não tem uma intimidade de namorado”↓ não sei que
 “a gente é como se fosse o melhor amigo” sabe. ela vinha com esse papo.
 () e perguntava como é que era com as minhas outras namoradas e tal↓
 só que... eu (quer dizer) não tinha tido muitas outras namoradas sabe↑
 eu só tinha tido sabe ela foi a segunda pessoa com quem sabe eh a segunda com quem eu
 tive com quem eu transei sabe↑ então (tipo) eu não tinha muita experiência pra dizer
 como é que era antes sabe↓ e e ao mesmo tempo eu não conseguia dizer pra ela que
 (“oh na verdade eu tenho (minh-) minhas dúvidas se eu (gos-) sabe se eu acho que gosto
 de homem” sabe↓ não tinha a menor coragem de falar isso sabe↓
 isso era uma coisa que eu escondia de mim mesmo como é que eu ia falar isso pra
 alguém? sabe, não tinha como eu conversar sobre isso com ela↓
 era um sabe eu escondia de mim mesmo↓ era pra mim era como sabe eu () eu escondia
 ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist-) sabe↑
 que não existia nessas horas entendeu↓ eh... (foi) muito muito maluco.

“Tentei me educar” – primeira parte da história

Gabe faz um resumo da história: sua última namorada foi Tati, durante 7 meses, e foi através desse relacionamento que percebeu que não tinha como forçar um interesse por mulheres. O fato de colocar a expressão “ter que dar conta” nos revela que a história tratará de sua percepção quanto à impossibilidade de se relacionar amorosamente com mulheres.

As hesitações (*tipo sabe tipo*), pausas (*eh...*), repetições de adiamento (*quando quando* – Tannen, [1989]1996: 64-65]) que apresenta nesse resumo revelam que foi algo difícil para ele:

Segmento 59

T75 – Tais antes dele você namorou muito?

T76 – Gabe /.../

e depois eu namorei eh a tati foi minha namorada né↓ entre as meninas que eu namorei
 minha namorada de mais tempo que a gente namorou durante sete meses né↓
 e foi minha última namora:da né↓ depois dela foi assim tipo sabe tipo eu foi quando
 quando eu tive que me dar conta que não daria certo sabe eh... tipo que mulher não era a
 parada e que não dava

Gabe continua o resumo, ao mesmo tempo em que nos orienta sobre quem serão os personagens (Gabe e Tati), do que se tratará (da falta de sexo no relacionamento):

Segmento 60

T77 – Tais não era sua onda

T78 – Gabe não era minha onda mesmo. foi depois depois do namoro com ela que quando ela ela que terminou o namoro né. eu ela falou que () tem alguma coisa errada não dá:: sabe tipo↓ porque tipo não tinha sexo na nossa relação sabe tipo↓ eh... a gente era um era uma relação realmente estranha (né o...) eu eh só que eu tava tipo eu investi num relacionamento com ela porque eu gostava muito dela gostava mesmo↓ assim gostava muito sabe e eu (investi) eu acreditava que era assim sabe↓ era como se fosse assim a minha salvação↓

O fato de Gabe usar o termo “investir”, ao falar de sua relação com Tati, marca seu empenho no namoro, pois, mais do que gostar dela, a vê como *salvação*. Ou seja, ele precisava de ser salvo de sua homoafetividade, condição que o estigmatizaria. Podemos perceber, então, que seu namoro é uma tentativa de “entrar no armário” e, por isso mesmo, ele próprio avalia como uma relação *realmente estranha*.

Gabe se alinha com homoafetivos estigmatizados no que diz respeito à falta de desejo por mulheres. Portanto, precisa de alguém para salvá-lo, para desviá-lo do que percebe como uma ameaça em termos de aceitação social: a homoafetividade. Dessa forma, está transferindo totalmente a responsabilidade da satisfação do desejo para esse alguém. Esse outro é que tem que despertar seu interesse, posto que ele não é capaz de senti-lo por si mesmo. Apesar de usar o pronome em primeira pessoa ao longo dessa parte, marcando sua posição de agente na narrativa – ele toma decisões, ele investe na relação – deixa a cargo do outro a salvação. Esse outro não é apenas Tati, é também a possibilidade de relação com ela.

Segmento 61

T78 – Gabe tipo sabe a tati (é minh-) sabe tipo foi (uma pess-) foi eh a primeira vez que eu que eu aquela coisa de eu ver uma pessoa sabe↓ vi a vi a tati o primeiro dia que eu vi eu achei ela

linda sabe e sabe aquela coisa↓ a conquista sabe assim tipo eu achei achava ela linda↓
 não conhecia↓ dei um jeito de me aproximar↓ me aproximei↓ ela se interessou e tal e foi
 aquela coisa de tipo sabe ela↓ tem a mulher mais linda do mundo sabe↓
 é minha namorada sabe↓ é um tipo... uma mulher dos meus sonhos sabe↓
 aquela coisa tipo família↓ (não) agora tipo com ela não vai ter sabe tipo eu vou sabe↓
 eu achava que eu ia esquecer homem sabe que eu não ia mais pensar em homem sabe↓
 eu tava como sabe só que num né tipo a coisa não acontecia sabe tipo... eh... eu eu tentava
 e sabe tentava eh... era uma coisa tipo tava-- me forçar sabe↓ eu eu forçava meu desejo↓
 na verdade era era uma coisa sabe tipo eu (tent-) eu tava tentando me educar sabe↓
 a a a me relacionar com sabe uma mulher sabe tava me (educ-) sabe↓
 me educar isso num sabe era

Esta ação, que é a própria tentativa de Gabe de viver uma vida dentro dos padrões sociais – ele fala *aquela coisa tipo família*↓ -, revela o quanto gostaria de se enquadrar ao mundo dos chamados “normais”. Ele *forçava* o desejo, tentava se *educar*, buscava se interessar por mulher, o fazendo através de esforço consciente, o que podemos notar não só pelos verbos utilizados, como também pela ênfase que dá a eles durante a narrativa. O que o atraiu em Tati foi sua beleza, a avalia como *linda*, pois acreditou que, estando com a mulher dos *sonhos*, perderia o interesse por homens. Gabe não quer sair do armário consigo mesmo, não quer carregar o estigma da homoafetividade.

Assim como na narrativa sobre seu casamento com Mauro, posiciona-se como assertivo: ele não conhecia Tati, deu um jeito de conhecê-la e a conquistou. Ao mesmo tempo, posiciona-se como estigmatizado, reprimido pela sociedade: esforça-se para esquecer seu desejo por homens, busca uma garota que poderia apresentar para a família.

Gabe usa o recurso da repetição (Tannen, [1989]1996: 52) a fim de evidenciar sua atitude, contribuindo para o significado do discurso: usa o pronome “eu” diversas vezes, marcando seu compromisso com o que havia planejado para si – namorar uma garota; repete que Tati era linda várias vezes, marcando o que o havia motivado; repete o verbo “aproximar”, marcando seu movimento em direção a ela; repete o verbo “forçar”, marcando seu esforço; repete o verbo “educar”, marcando sua intenção de transformação; repete o verbo “tentar”, marcando que foi uma tentativa, não uma realização do que

queria; repete a expressão *eu ia esquecer homem, eu não ia mais pensar em homem*, marcando sua intenção de ser diferente do que era.

Segmento 62

- T79 – Tais ((rindo)) não adianta
 T80 – Gabe não adianta. tava lutando sabe contra mim mesmo era (não não)

Gabe repete minhas palavras, confirmando o resultado e avaliando que estava fazendo um esforço enorme, uma verdadeira batalha interna, o que podemos confirmar pela ênfase da palavra *lutando*.

“Sou capaz” – narrativa encaixada

Eu pergunto se Gabe chegou a sentir desejo pela namorada, o que o leva a narrar sobre sua primeira relação sexual com Tati:

Segmento 63

- T81 – Tais você chegava a ter tesão nela?
 ((ruídos))
 T82 – Gabe olha, a primeira vez que a gente transou, foi assim pra mim sabe foi ah eh... foi ao mesmo tempo foi estra:nho sabe porque eu eh eu consegui↓ eu tive tesão sabe↓ a gente a gente sabe tipo consegui.

Gabe resume a história que vai contar: a primeira vez em que teve relações sexuais com Tati e como se sentiu. Embora tenha dito antes que queria manter um relacionamento com ela, avalia como estranho o fato de ter conseguido sentir desejo – *foi estra:nho sabe porque eu eh eu consegui* -, ou seja, apesar de usualmente não ter atração física por mulheres, conseguiu senti-la por Tati, o que o surpreendeu.

Gabe fornece uma informação a fim de mostrar a situação constrangedora em que ficaria, caso não tivesse conseguido sentir desejo pela namorada:

Gabe, ao longo de toda a ação/avaliação, usa de repetição para deixar claro o que sentiu e pensou. Sua felicidade não é apenas porque conseguiu transar, é também porque transar significava poder levar a relação adiante, evitar a estigmatização da homoafetividade – “*eu posso*”, “*eu posso viver essa relação*”, “*eu posso sustentar isso*”. Por outro lado, percebe que não foi uma reação espontânea, que “*foi um esforço*”, “*eu sei que não foi natural*”, “*não foi uma coisa tipo eu tô morrendo de tesão eu quero transar com você*”, apontando para os problemas que aquele relacionamento iria ter.

Se, por um lado, Gabe percebe que pode alinhar-se com os homens heterossexuais e viver uma relação com uma mulher, por outro, alinha-se aos homoafetivos, na medida em que a capacidade de ter “tesão” pela namorada é oriunda de um esforço – não foi espontânea. Contudo, seu posicionamento é menos contraditório do que os alinhamentos poderiam sugerir: ele pode se posicionar como heterossexual, porém, não se posiciona como tal, posto que seu desejo, para ele marca de orientação sexual, não é espontâneo, é forçado. Posiciona-se, assim, como homoafetivo, ainda que naquela época não quisesse assumir.

Segmento 67

- T85 – Tais [ahã
 T86 – Gabe foi uma coisa tipo caralho sabe “eu tenho que transar com a tati” ((risos))
 T87 – Tais ((risos))

No segmento acima, percebemos que o resultado de sua reflexão é o sentimento de obrigação de ter relacionamento sexual com uma mulher, não prazer. Ao mesmo tempo, Gabe mostra o absurdo dessa situação através de sua risada, no que concordo, rindo também.

A narrativa é encerrada com uma avaliação:

Segmento 68

- T87 – Tais ((risos))
 T88 – Gabe ((risos)) não foi sabe (completa) foi totalmente inverso sabe

O resultado foi *totalmente inverso* do que esperava: embora tenha conseguido ter relação sexual com Tati, foi algo que necessitou esforço e, portanto, ao invés de ser um passo em direção à heterossexualidade, foi a constatação de sua homoafetividade.

“Amor sem desejo” – segunda parte da história

Após a interrupção da entrevista para que a fita do gravador pudesse ser trocada, retomo a história, faço um resumo, e pergunto se não desejar espontaneamente uma mulher era um problema para ele e se queria ser heterossexual por ser mais fácil, gerando a segunda parte da narrativa:

Segmento 69

- T89 – Tais (mas aí) você tava se tocando que não era bem por aí. mas ao mesmo tempo era um grilo?
quer dizer, [você queria
- T90 – Gabe [sei. eu queria
- T91 – Tais ser homem () porque era mais fácil?
- T92 – Gabe exatamente. porque eu não eu não eu num assim eu nunca tinha tido eh eh uh anh eu nunca tinha tido relação com homem nenhum e eu sabe↓ queria (sabe) eu acreditava que eu era capaz de a minha vida assim (). por mais que eu desejasse isso sabe secretamente entendeu. eh... mas que eu era mas sabe eu... () enfim, eu achava que eu que que era uma coisa que sei lá:... achava que de repente ia passa::r↓ que de repente eu depois (que) sabe depois que eu que eh sei lá sabe↓ eu me relacionando eu ia eh sei lá com a tati e a coisa pudesse se desenvolve:r. conseguisse sabe de repente passar a ter tesão sabe.
mas a coisa não aconteceu e assim

Gabe não só responde dizendo *exatamente*, ou seja, queria ser heterossexual por ser mais fácil, como também informa que *nunca tinha tido relação com homem nenhum, por mais que desejasse secretamente*. O uso de *secretamente* indica que ainda não tinha saído do armário consigo mesmo.

Segmento 70

- T92 – Gabe eh... eh... é óbvio que ela percebia sabe↓ que ela sentia ela sentia péssima↓
sentia uma merda (né)↑ porque porra (sabe)... ela achava com algum problema né (com--)
“qual meu problema? qual meu problema? que esse cara [num
T93 – Tais [não tá se interessando
T94 – Gabe não tá se interessando” sabe↓

No segmento 70, Gabe começa a ação avaliando que Tati se sentia péssima, uma *merda*, pois percebia que ele não sentia desejo por ela. Faz discurso reportado sobre o que acredita que ela pensava, que o problema seria dela – “*qual meu problema? qual meu problema? que esse [num não tá se interessando*”, estabelecendo o conflito da história: a namorada percebe que ele não se sente atraído por ela sexualmente e, a princípio, acha que é a responsável por sua atitude.

Segmento 71

- T94 – Gabe e ao mesmo tempo eu era super romântico apaixonado↓ levava presente mandava cartão (escrev-) sabe (faz-) sabe. tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho de sabe uma coisa apaixonada que sabe no na carne não (refl-) não se refletia sabe.
e ela não conseguia e ela não entendia sabe↓ pra ela era muito estranho (sabe)↓
e.. a gente conversou isso uma vez pra dar um tempo no namoro.
ficou um tempo sem se sem se encontrar pra gente se ver na faculdade né.
então ficava aquela coisa: e acabava acabou começando acabou voltando tentando mais uma vez↓ a coisa num (sabe) não mudou. (ela falou o) sabe num ela me perguntava “mas como é que era com as (suas) outras namoradas?” porque não sei que↓
porque a gente eh sabe tipo ela (perguntou)↓ e aí ela fala::va sabe ela me dizia assim “ah é porque não é só por causa ()” sabe “não é só pela falta de sexo e tal”.
mas [era
T95 – Tais [é
T96 – Gabe entendeu. não era só por isso↓ “a gente não tem mesmo intimidade”↓
“a gente não tem uma intimidade de namorado”↓
não sei que “a gente é como fosse o melhor amigo” sabe. ela vinha com esse papo. ()
e perguntava como é que era com as minhas outras namoradas e tal↓ só que... eu (quer dizer) não tinha tido muitas outras namoradas sabe↑ eu só tinha tido sabe ela foi a segunda pessoa com quem sabe eh a segunda com quem eu tive com quem eu transei↑

então (tipo) eu não tinha muita experiência pra dizer como é que era antes sabe↓
 e e ao mesmo tempo eu não conseguia dizer pra ela que (“oh) na verdade eu tenho
 (minh-) minhas dúvidas se eu (gos-) sabe se eu acho que gosto de homem” sabe↓
 não tinha a menor coragem de falar isso sabe↓ isso era uma coisa que eu escondia de mim
 mesmo como é que eu ia falar isso pra alguém?

Gabe se avalia como *super romântico apaixonado* e passa a narrar como agia no relacionamento - *levava presente mandava cartão (escrev-), tinha todo um outro lado sabe romântico de carinho -*, se construindo como pessoa devotada à namorada. Por outro lado, se constrói como desinteressado em sexo – *uma coisa apaixonada que sabe no na ca:rne não (refl-) não se refletia sabe*. Sua devoção aliada ao desinteresse sexual enviava mensagens confusas para a namorada, que não conseguia entender o que se passava. Avalia que ela achava estranho, o que os levou a terminarem o namoro. Contudo, voltaram a namorar e repetiram a mesma situação: não só de devoção e desinteresse sexual, mas de falta de informação – Tati continua intrigada com a situação e ele não esclarece. Ela parece agora perceber que o problema pode ser dele, pois passa a perguntar sobre relacionamentos anteriores: “*mas como é que era com as (suas) outras namoradas?*”. Gabe coloca que a namorada argumenta que quer entender o que ocorre, que “*não só pela falta de sexo*”, mas avalia: *mas [era, ou seja, sabia o que a estava angustiando, mas não esclarecia*. Sua justificativa era a de que não tinha experiência suficiente para dizer como era com outras garotas – só havia se relacionado com uma mulher antes - e, ao mesmo tempo, alega que não conseguia revelar que tinha dúvidas acerca da própria sexualidade. Ele continua justificando, alegando que não tinha coragem de falar sobre isso, que escondia de si mesmo.

Assim, se posiciona como frágil, se constrói como alguém repleto de dúvidas e sem coragem de encarar sua própria homoafetividade. A assertividade que ocorre em narrativas anteriores não ocorre aqui: ele se posiciona como inseguro.

Segmento 72

T96 – Gabe sabe, não tinha como eu conversar sobre isso com ela↓
 era um sabe eu escondia de mim mesmo↓ era pra mim era como sabe eu () eu escondia
 ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist-) sabe↑

que não existia nessas horas entendeu↓

O resultado da narrativa, no segmento 72, é que não tinha como conversar com ela sobre suas dúvidas, sobretudo porque escondia tanto de si mesmo, que acabava por acreditar que não tinha desejo por homens. A finalidade de Gabe de tentar viver como heterossexual através de um relacionamento com uma mulher que dizia estar apaixonado não se concretiza. De fato, serviu apenas para perceber que tinha dúvidas quanto à sua sexualidade: não apresentava o desejo sexual esperado de um heterossexual, contudo, não conseguia encarar seu desejo por pessoas do mesmo sexo – *eu escondia ta:nto de mim que eu acredita:va que não (exist) sabe ↑ que não existia nessas horas entendeu↓*.

Portanto, continua se posicionando como alguém confuso, incapaz de olhar dentro de si mesmo, enfim, inseguro.

Segmento 73

T96 – Gabe eh... (foi) muito muito maluco.

Gabe avalia o namoro como *muito maluco*. O que seria a solução de seus problemas não dá certo e o deixa ainda mais desconcertado. Foi um relacionamento muito complicado para ele, o que é revelado pela quantidade de hesitações que apresenta em todas as narrativas dentro da história “Não era minha onda”. Embora hoje perceba que não era “sua onda”, na época estava inseguro.

Os posicionamentos adotados por ele refletem o conflito de sentimentos por que passava, bem como sua perplexidade perante a eles: ora é assertivo, ora é frágil e reprimido. Ora se posiciona como homoafetivo, ora busca alinhamento com heterossexuais. O que parece claro é que a busca por uma identidade sexual homoafetiva, estigmatizada, é algo doloroso, que causa perplexidade e requer experiências diversas antes de sua aceitação.

4.1.2.3 Amor frustrado

A história surge após eu perguntar como foi a primeira vez que saiu com um homem. Gabe fala que percebeu que realmente não se interessava sexualmente por mulheres e que passou a perguntar para amigos e amigas sobre homoafetividade, quando se apaixonou por um rapaz.

A narrativa começa no turno 100 e se estende até o turno 114. Ela apresenta uma explicação encaixada – “Pensei que era mútuo” (turnos 102-104) e duas narrativas encaixadas – “Reveillon” (turno 104) e “Triângulo amoroso” (turno 108).

Amor frustrado

- T97 – Tais e como é que como é que você como é que rolou assim a primeira vez que você saiu com algum cara?
- T98 – Gabe é. [aí
- T99 – Tais [rolou um lance que aí não tinha jeito?
- T100 – Gabe /.../
bom↓ o que aconteceu foi que nesse meio nesse tempo foi quando eu conheci o cara que eu apaixonei. o tal cara que assim eu me apaixonei à primeira vista assim viu↓ (ca::ra) >eu tava fazendo o curso de fotografia no primeiro dia de aula o cara chegou na sala< eu olhe::i eh sabe olhei no olho pensei [“fudeu”
- T101 – Tais ((risos))
- T102 – Gabe “quem é esse cara?” e... se-- o curso durou o curso não durou mais que duas semanas por falta de alunos né. o curso aí teve que ser encerrado porque não tinha muitos alunos↓ só tinha na verdade no fim das contas ficavam só dois↓ eu e ele né↑ e aí a professora encerrou o curso e eu fiquei assim↓ “(e agora?) como é que eu vou ver esse cara?” sabe↑ “eu não vou mais ter motivo pra encontrar ele”↓ mas aconteceu da gente (fic-) em pouco tempo gente se tornou melhores amigos↓ (quer dizer) a gente se via todos os dias tipo eu chegava da faculdade tinha um recado dele pra mim lá↓ em casa a gente (se via--) eu telefonava pra ele todos os dias, ele me ligava todos os dias a gente fazia tudo junto. as pessoas chegavam aí depois a gente descobriu que tinha alguns amigos em comum as pessoas me perguntavam por ele sabe↑ tipo me encontrava “ah gabe tudo bom? e aí? como é que tá o omar?” e tal. omar o nome da figura. “aí como é que ele tá?” não sei que. me perguntavam como se fosse meu namorado sabe↑ como as pessoas perguntam pra mim “ah e o mauro? como é que tá?” não sei que. perguntavam por ele sabe e ficou-- e a gente era muito muito junto assim o tempo inteiro viajava juntos só os dois sabe↓ e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh... eh... tipo de chegar ao ponto de um sabe uma situação que tinha uma viagem que tinha nós dois mais um casal↓ tinham três quartos na casa↓ um quarto com uma cama de casal o outro quarto com uma cama maiorzinha, mas que não chegava a ser de casal e um outro quarto com uma cama de solteiro. o casal foi pro quarto de cama de casal e ele sugeriu que a gente ficasse dividisse a outra cama, que ficasse junto no mesmo quarto, porque o outro quarto era muito empoeirado. como se a casa inteira não fosse toda igualmente empoeirada.
- T103 – Tais ((risos))
- T104 – Gabe e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas↑

tipo assim a primeira vez que a gente saiu junto foi pra ir no mercado mundo mix, que é uma coisa super super gay, e ele que me convidou pra ir↓ segunda vez que a gente saiu junto foi pra ir no cinema ver beleza rouba:da que é um filme super romântico↓ depois a gente fez essa viagem junto que ele sugere que a gente durma na mesma cama↓ então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer↓ >mas ao mesmo tempo eu não tinha coragem de tomar a iniciativa< e assim se passaram seis meses. a gente... unha e carne ali sabe vivendo igual namorado mas num rolava nenhum abracinho nada sabe↓ nesses seis meses eu não vi ele ficar com ninguém↓ a gente vivia junto então eu saberia se ele tava sabia (que vivia--) de repente ele ficou com uma menina depois outra e outra e começou a galinha:r enlouquecidamente↓ ficava com uma mulher cada dia e aí () a minha desilusão foi um foram situações realmente difíceis porque eh eh ele... tipo assim dia trinta e um de dezembro onze horas e cinquenta e nove, a gente fazendo contagem regressiva pro ano novo, quando todo mundo começa a se abraçar que eu acho que vou abraçar ele ele abraça e vira pro outro lado abraça outra mulher e começar a beijar entendeu↑ isso depois de seis meses sem eu ver ele dar um beijo na boca de ninguém acreditando que ele ia ser meu namorado↓ hum sabe mais cedo ou mais tarde entendeu↑ e aí foi tipo meu mundo caiu nesse momento↓ falei “fudeu” sabe tipo eh “agora não sei o que eu faço” sabe↓ eu ()

T105 – Tais vai ver ele tava na mesma coisa [que você tava

T106 – Gabe eu não sei [sabe

T107 – Tais ()

T108 – Gabe eu não sei. e... mesmo isso durou a:nos↓ sabe tipo a gente passou o ano bom sabe↓ eu continuei um bom tempo eh sabe tipo fixa:do sabe↓ eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓ eu eu não conseguia imagina:r sabe (outr-) sabe pra mim ele era sabe era o amor da minha vida sabe↓ (eh) mas era uma loucura platônica da minha cabeça↓ fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓ coloquei nele todas as minhas sabe tipo achava que eh sabe↓ coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça e fiquei investindo nisso mesmo sabendo sabe aí veio um papo aí depois veio com um papo que (ele tinha) um amigo (ai)↓ (depois ele) conheceu através de mim sabe uma amiga minha que na época era minha amiga mais pró:xima uma pessoa que eu dividia tu:do sabe↓ conversava tudo↓ e aí foi se apaixonar por ela entendeu? e aí começou (esse) triângulo louco↓ ele apaixonado por e:la e ela sabendo que eu gostava de:le e ele achava que-- aí depois eu acabei contando pra ele que era apaixonado por ele↓ ele depois começou a achar que ela não ficava com ele porque eu sabia que eu era apaixonado por ele. e aí ficou essa loucu:ra. até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso. eh... a gente saiu pra conversar eu e ele sabe↓ colocar as coisas e e falar↓ ele num às vezes me ligava pra falar da maria perguntava “ah e aí? () não agüento mais só penso na maria só penso na maria↓ que que você a:cha que (voc-)” sabe↑ me pedindo opinião até que um dia eu falei “ó vamos sair pra conversar e tal↓ a gente conversa sobre isso.” sentei e falei “olha só, não me liga mais pra perguntar da mari:a sabe↓ não me pergunta o que que eu acho, o que a maria sente por você, o que você sente pela maria porque não dá pra mim sabe↓ resolve você sua vida com a marj:a sabe↓ eu tô fora entendeu↓ porque sabe você sabe o que eu sinto por você entendeu↓ então não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho sabe↓ então sabe não quero mais saber disso↓ chega.” aí ele ficou “é (pô) tem razã:o↓ eu nunca tinha me dado conta disso sabe↓ de como deve ser difi:cil pra você: e ta:l não sei que↓” e (veio com) aquele papo todo de melhor amigo. aí depois ele (ainda) veio com o papo “ah você viu aquele filme threesome?” falei “vi cara vi sim” ele “ah então” eu falei assim eu “então [o que? [((risos))

T109 – Tais

- T110 – Gabe no threesome todo mundo comeu todo mundo entendeu↓ no threesome todo mundo comeu todo mundo e até agora ninguém comeu ninguém.
- T111 – Tais [((risos))]
- T112 – Gabe [então (não) sabe eu acho que se fosse isso se fosse isso eu tava feliz sabe↓ mas não é nem isso entendeu↓ o negócio é que a gente está nessa (porra) há mais de um ano que a gente está nessa punheta sabe↓ e ninguém pega ninguém ninguém come ninguém eu não agüento mais sabe↓ eu tô tirando meu time”].
a partir daí a gente se afastou um tempo. o detalhe que nesse mesmo dia que a gente saiu pra conversar a gente tinha saído pra ir ver um estúdio, que a gente ia alugar um estúdio junto↓ °>que ele também é fotógrafo<° a gente ia alugar um estúdio junto ia montar uma empresa e tal↓ começar a trabalhar junto.
claro que depois desse dia a gente nunca mais se ligou pra falar de estúdio.
- T113 – Tais é
- T114 – Gabe morreu ali a história do estúdio automaticamente. e aí eu pensei foi quando eu pensei “cara agora eu tenho que entrar de outro homem porque esse eu tô descartando” sabe↓

Gabe introduz a história que irá contar: a primeira vez que se apaixonou por um homem. Fala que foi à primeira vista, que após olhar intensamente para o rapaz – *olhe::i eh sabe olhei no olho* –, pensou [“*fudeu*”, ou seja, começa a narrativa construindo sua paixão como nos romances populares, nas novelas, onde os olhos são espelhos da alma, portanto, só de olhar pode-se cair de paixão.

Segmento 74

- T101 – Tais [((risos))]
- T102 – Gabe “quem é esse cara?” e.. se-- /.../ e aí a professora encerrou o curso e eu fiquei assim↓
“(e agora?) como é que eu vou ver esse cara?” sabe↑
“eu não vou mais ter motivo pra encontrar ele”↓ mas aconteceu da gente (fic-) em pouco tempo gente se tornou melhores amigos↓ (quer dizer) a gente se via todos os dias tipo eu chegava da faculdade tinha um recado dele pra mim lá↓ em casa a gente (se via--)
eu telefonava pra ele todos os dias, ele me ligava todos os dias a gente fazia tudo junto.
as pessoas chegavam aí depois a gente descobriu que tinha alguns amigos em comum as pessoas me perguntavam por ele sabe↑ tipo me encontrava “ah gabe tudo bom? e aí? como é que tá o omar?” e tal. omar o nome da figura. “aí como é que ele tá?” não sei que.
me perguntavam como se fosse meu namorado sabe↑ como as pessoas perguntam pra mim “ah e o mauro? como é que tá?” não sei que. perguntavam por ele sabe e ficou--
e a gente era muito muito junto assim o tempo inteiro viajava juntos só os dois sabe↓
e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh...

No segmento 74, o relacionamento com Omar é relatado como algo similar a um namoro, havendo, inclusive, uma comparação com seu relacionamento com o atual marido. Saem sempre juntos, se telefonam todos os dias, até mesmo os amigos comuns fazem perguntas a ele sobre o rapaz. Aparentemente, tinha motivos para acreditar que tudo se encaminhava para um relacionamento amoroso.

Gabe posiciona-se aqui como alguém lúcido, que, apesar de ter falado em amor à primeira vista, o que poderia nos levar a vê-lo como ingênuo, tinha elementos para acreditar que Omar também se interessava por ele.

“Pensei que era mútuo” – explicação encaixada

T102 – Gabe e várias situações estranhas dormia na mesma cama sabe eh... eh... tipo de chegar ao ponto de um sabe uma situação que tinha uma viagem que tinha nós dois mais um casal↓ tinham três quartos na casa↓ um quarto com uma cama de casal o outro com uma cama maiorzinha, mas não chegava a ser de casal e um outro quarto com uma cama de solteiro. o casal foi pro quarto da cama de casal e ele sugeriu que a gente ficasse dividisse a outra cama, que ficasse junto no mesmo quarto, porque o outro quarto era muito empoeirado. como se a casa inteira não fosse toda igualmente empoeirada.

T103 – Tais ((risos))

T104 – Gabe e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas↑ tipo assim a primeira vez que a gente saiu junto foi pra ir no mercado mundo mix, que é uma coisa super super gay, e ele que me convidou pra ir↓ segunda vez que a gente saiu junto foi pra ir no cinema ver beleza rouba:da que é um filme super romântico↓ depois a gente fez essa viagem junto que ele sugere que a gente durma na mesma cama↓ então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer↓ >mas ao mesmo tempo não tinha coragem de tomar a iniciativa< e assim se passaram seis meses.

Segundo Linde (1993:90), a explicação como unidade discursiva específica começa com uma afirmativa de alguma proposição a ser comprovada, seguida de uma seqüência de declarações de razões sobre o porquê de se acreditar na proposição.

A primeira proposição de Gabe, no turno 102, é a de que tinha motivos para interpretar as atitudes de Omar como de alguém igualmente interessado devido a várias

coisas estranhas. Começa dando uma razão – Omar ter proposto dormirem na mesma cama, quando havia camas e quartos disponíveis para todos e depois repete, no turno 104, sua proposição – *e aí eu comecei a acreditar que poderia acontecer alguma coisa porque várias coisas* ↑, usando o marcador discursivo *porque* a fim de começar a enumerar as razões: Omar o convidou para ir a um lugar que Gabe avalia como *super super gay*; foram ver um filme, que avalia como *super romântico*; o rapaz sugeriu que dormissem na mesma cama. Através do uso do marcador *então*, retoma a proposição de que tinha motivos para acreditar que o sentimento era mútuo – *então eu tava acreditando que era uma coisa mútua que sabe tava rolando acreditava que ia acontecer* ↓ – ainda que não tivesse coragem de tomar a iniciativa.

Gabe finaliza a explicação colocando que se passaram seis meses, reintroduzindo a história “Amor frustrado”.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe reintroduz a história, fazendo um resumo: durante meses saíam juntos o tempo todo, mas o final não foi o esperado de uma situação como essa – *depois veio a desilusão sabe* ↓.

Prosseguindo com a história, narra sobre o porquê da desilusão. Omar não saiu com ninguém durante seis meses, mas *de repente*, começa a sair com uma menina após a outra. Gabe usa de repetição para reforçar a idéia de uma quantidade significativa de garotas com quem o amigo saía: *ficou com uma menina depois outra e outra, ficava com uma mulher cada dia*, avaliando que “galinhava” *enlouquecidamente*. A escolha do termo “galinhar” já é, de alguma maneira, uma avaliação. Quando usamos este termo, estamos implicando que trata-se de um volume bastante grande de parceiras, maior do que o comum. Aliado ao termo “enlouquecidamente”, temos um quadro de alguém que está tendo uma vida sexual extremamente ativa, mas sem envolvimento de sentimentos. Se considerarmos que o entrevistado, mais tarde, narra um momento da sua vida³, quando realmente assume que é gay e começa a “transar” com inúmeros homens, colocando que

³ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

não estava sendo seletivo, apenas queria “trepar” e que diz que estava “galinhando”, percebemos que o uso desta palavra para definir o momento de Omar não foi acidental. Há um julgamento inserido em seu uso.

Gabe avalia que estes foram tempos difíceis para ele, pois o levaram a se desiludir, novamente se posicionando como alguém iludido anteriormente. Contudo, não está se posicionando como ingênuo: antes do relato dos casos de Omar, conta que este estava há seis meses sem sair com ninguém além dele, o que indicava que tinha razões suficientes para acreditar que poderiam ser namorados, ou seja, embora iludido, Gabe não é ingênuo.

A fim de entendermos exatamente o grau de desilusão que sofreu, narra outra história.

“Reveillon” – narrativa encaixada

- T104 – Gabe porque eh eh ele... tipo assim dia trinta trinta e um de dezembro onze horas e cinquenta e nove, a gente fazendo contagem regressiva pro ano novo, quando todo mundo começa a se abraçar que eu acho que vou abraçar ele ele abraça ele vira pro outro lado abraça outra mulher e começar a beijar entendeu↑ isso depois de seis meses sem eu ver ele dar um beijo na boca de ninguém acreditando que ele ia ser meu namorado↓
hum sabe mais cedo ou mais tarde entendeu↑
e aí foi tipo meu mundo caiu nesse momento↓
falei “fudeu” sabe tipo eh “agora não sei o que eu faço” sabe↓ eu ()
- T105 – Tais vai ver que ele tava na mesma coisa [que você tava
- T106 – Gabe eu não sei [sabe
- T107 – Tais ()
- T108 – Gabe eu não sei.

Gabe introduz sua narrativa com os marcadores *porque* e *tipo assim*, o que nos permite perceber que se tratará de uma narrativa com o intuito de esclarecer porque se desiluiu. Ele estabelece quando o evento ocorreu, quem participa – ele e Omar –, qual o evento – ano novo. Contudo, ao precisar 11:59h, está mais do que especificando o horário; está gerando uma expectativa no ouvinte, posto que a meia-noite é a hora mais

importante em noites de *reveillon*. Aqui, mais do que mudar o ano do calendário, poderia mudar o relacionamento dos dois.

Gabe tem a expectativa de que Omar vai abraçá-lo, mas este se vira e abraça e beija uma mulher. Seu mundo desmorona. Ele estava o tempo todo esperando namorar Omar e agora percebe que isso nunca vai acontecer, pois o abraço e o beijo que deu em outra mulher, na sua frente, mostrou que não só não estava interessado em Gabe, como também tinha como escolha a heterossexualidade.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe faz avaliações sobre o período em que tinha esperanças de ter um relacionamento amoroso com Omar. Usa expressões como obsessão, fixação, loucura platônica, fantasia, idealização, perfeição, posicionando-se como alguém que agora percebe que ele mesmo criou uma expectativa que talvez não existisse:

Segmento 75

T108 – Gabe e... mesmo isso durou a:nos↓ sabe tipo a gente passou o ano bom sabe↓ eu continuei um bom tempo eh sabe tipo fixa:do sabe↓ eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓ eu eu não conseguia imagina:r sabe (outr-) sabe pra mim ele era sabe era o amor da minha vida sabe↓ (eh) mas era uma loucura platônica da minha cabeça↓ fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓ coloquei nele todas as minhas sabe tipo achava que eh sabe↓ coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça e fiquei investindo nisso mesmo sabendo sabe aí veio um papo aí depois veio com um papo que (ele tinha) um amigo (aí)↓

Embora diferentes, as expressões usadas por Gabe são repetições de uma mesma idéia: estava obcecado por Omar – *eu tava obsessivamente fixa:do nele sabe↓; pra mim ele era sabe o amor da minha vida sabe↓* -, mas aquele homem por quem se apaixonara não existia – *fantasiei sabe↓ idealizei sabe↓; coloquei que ele era perfeito que ele era a pessoa*. Gabe constrói aquele período como um período de insanidade, de obsessão – *mas era uma loucura platônica da minha cabeça; coloquei que ele era perfeito que ele era a*

pessoa e não conseguia tirar isso da minha cabeça -, mas assume toda a responsabilidade por isso. Posiciona-se, assim, como iludido, insano no passado e, por oposição, realista e são no presente, no momento em que conta a história, o que nos remete a Mishler (2002), quando argumenta que, ao narrarmos uma experiência, reformulamos nosso passado, nos reposicionamos com relação eventos e às pessoas envolvidas, reenquadramos as experiências de acordo com nossa vida atual.

Gabe passa, então, para outra narrativa encaixada a fim de nos conduzir ao final da história “Amor frustrado”.

“Triângulo amoroso” – narrativa encaixada

T108 – Gabe (depois ele) conheceu através de mim sabe uma amiga minha que na época era minha amiga mais pró:xima uma pessoa que eu dividia tu:do sabe↓ conversava tudo↓ e aí foi se apaixonar por ela entendeu?↑ e aí começou (esse) triângulo louco↓ ele apaixonado por e:la e ela sabendo que eu gostava de:le e ele achava que-- aí depois eu acabei contando pra ele que era apaixonado por ele↓ ele depois começou a achar que ela não ficava com ele porque eu sabia que eu era apaixonado por ele. e aí ficou essa loucu:ra. até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso.

A princípio, poderíamos pensar que este segmento é uma crônica, pois narra uma sucessão de fatos, contudo, na definição de Linde (1993: 85), esta unidade discursiva não possui um ponto avaliativo unificador. Aqui, portanto, temos uma narrativa, pois a avaliação *e aí ficou essa loucu:ra* é unificadora, refere-se ao conjunto de eventos narrados.

Gabe introduz a história que irá contar - o período em que Omar se apaixonou por sua amiga – ao mesmo tempo em que orienta sobre os personagens da narrativa – ele, a amiga confidente e Omar. Gabe avalia como sendo um *triângulo louco*, pois, como veremos na ação, era um triângulo amoroso onde nada acontecia de concreto.

Nada, na verdade, acontece: Gabe ama Omar que ama Maria que não ama ninguém. Gabe conta para Omar que é apaixonado por ele e este passa a acreditar que Maria não fica com ele por causa do amigo, o que não fica estabelecido na narrativa.

Como o foco de interesse da história é seu relacionamento com Omar, Gabe não se detém nos sentimentos da amiga.

O resultado é a própria avaliação que Gabe faz: *e aí ficou essa loucu:ra*, ou seja, nada resultava daquela situação. Gabe encerra a narrativa dizendo que chegou um momento em que eles tiveram que solucionar o problema, reintroduzindo a história “Amor frustrado”.

“Amor frustrado” – continuação

Gabe retoma a história de seu relacionamento com Omar, apontando para o fim da narrativa, quando diz que dariam *um ponto final nisso*:

Segmento 76

T108 – Gabe até que um dia (a gente teve que dar) um ponto final nisso. eh... a gente saiu pra conversar eu e ele sabe↓ colocar as coisas e e falar↓ ele num às vezes me ligava pra falar da maria perguntava “ah e aí? () não agüento mais só penso na maria só penso na maria↓ que que você a:cha que que (voc-)” sabe↑ me pedindo opinião até que um dia eu falei “ó vamos sair pra conversar e tal↓ a gente conversa sobre isso.”

Como em outras vezes, a informação tem papel importante nos relatos de Gabe. Ela acrescenta informações sobre o porquê de terem que sair para resolver a situação. Omar, sentindo-se amigo de Gabe, pede opiniões sobre Maria, confia que só pensa nela, causando desconforto em Gabe, que podemos perceber pela expressão *até que um dia*, que mostra que esta situação estava se prolongando por um tempo e que havia chegado ao seu limite.

Gabe posiciona-se como agente de sua vida – vai resolver o problema, vai conversar com o amigo e acabar com aquela situação:

Segmento 77

- T108 – Gabe sentei e falei “olha só, não me liga mais pra perguntar da maria:a sabe↓ não me pergunta o que que eu acho, o que a maria sente por você, o que você sente pela maria porque não dá pra mim sabe↓ resolve você sua vida com a maria sabe↓ eu tô fora entendeu↓ porque sabe você sabe o que eu sinto por você entendeu↓ então não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho sabe↓ então sabe não quero mais saber disso↓ chega.” aí ele ficou “é (pô) tem razão:o↓ eu nunca tinha me dado conta disso sabe↓ de como deve ser difícil pra você: e ta:l não sei que↓” e (veio com) aquele papo todo de melhor amigo. aí depois ele (ainda) veio com o papo “ah você viu aquele filme threesome?” falei “vi cara vi sim” ele “ah então” eu falei assim “então [o que?
- T109 – Tais [((risos))
- T110 – Gabe no threesome todo mundo comeu todo mundo entendeu↓ no threesome todo mundo comeu todo mundo e até agora ninguém comeu ninguém.
- T111 – Tais [((risos))
- T112 – Gabe [então (não) sabe eu acho que se fosse isso se fosse isso eu tava feliz sabe↓ mas não é nem isso entendeu↓ o negócio é que a gente está nessa (porra) há mais de um ano que a gente está nessa punheta sabe↓ e ninguém pega ninguém ninguém come ninguém eu não aguento mais sabe↓ eu tô tirando meu time.”

Gabe coloca para Omar que não quer mais se envolver em seus problemas com Maria, posicionando Omar como incapaz de resolver seus problemas sozinho – *resolve você sua vida com a maria sabe↓ eu tô fora entendeu↓* -, ao mesmo tempo em que se posiciona como assertivo, posto que tomou a atitude de finalizar o triângulo. É agressivo ao estabelecer o que quer, aumentando o volume na fala reportada que faz – *olha só; não dá pra mim sabe; eu tô fora; não vem me dizer nem perguntar se você quer que eu sabe que que eu Acho; chega*. Mais adiante, enfatiza a palavra *punheta*, colocando em foco a questão de aquele relacionamento não estar indo a lugar algum, razão porque estar decidido a acabar a amizade.

Finaliza a história dizendo que vai buscar outro homem para se relacionar, ou seja, vai começar outra etapa na sua vida. O interessante é que ele fala *esse eu tô descartando*, o que poderia dar a impressão que foi ele quem rejeitou Omar. Na verdade, ele está descartando é o relacionamento insatisfatório que tem com o amigo. Gabe, aqui, inverte as posições: de rejeitado passa a rejeitador. Entretanto, se voltarmos a examinar a

narrativa encaixada “Tristeza”, da história “Contando para minha mãe”, vemos outro estado de espírito. Naquela narrativa, Gabe coloca que está deprimido, triste o tempo todo, chorando por causa de seu relacionamento com Omar. Ou seja, está se posicionando como vítima de um amor não correspondido, além da já citada situação de se descobrir gay. Sua angústia era tão grande, que sua mãe ficou aflita, o que o levou a sair do armário com ela. Ele ainda, na mesma história, relata que meses depois foi tranquilizá-la, dizer que estava bem, que estava morando com um rapaz. Isso comprova que os sentimentos relatados em narrativas têm relação estreita com o contexto em que a história está sendo contada: em “Contando para minha mãe”, Gabe precisava relatar o porquê de a conversa com sua mãe ocorrer, o que o levou a falar de seu sentimento de tristeza quando se apaixonou por Omar; em “Amor frustrado”, Gabe está preocupado em relatar o desenvolvimento do relacionamento com o amigo, portanto, narra a revolta após a decepção, momento que não ocorre na narrativa de sair do armário, cujo foco é outro.

Gabe passa a entrevista inteira relatando histórias sequenciais que o teriam tornado quem é hoje em dia, o que nos remete a Bourdieu ([1986]1998: 186), quando alega que, no mundo social, a identidade é “entendida como constância em si mesmo”, “à maneira de uma história bem construída”. Quando não exatamente em seqüência, Gabe faz observações a fim de que eu localize o momento de sua vida em que a história ocorreu. Uma observação que não pode deixar de ser feita é a de que o entrevistado estava, naquela época, segundo ele, em um momento muito intenso da análise que estava fazendo. Talvez por isso o excesso de detalhes e reparos, pois estava, durante a entrevista, organizando sua história também do ponto de vista de uma consulta de psicanálise. Ele mesmo fez este comentário ao final da entrevista. Embora possa parecer, à primeira vista, que isso não teria relevância, posto que tenho como pressuposto que as identidades se constroem na interação, em consonância com as premissas da sociolinguística interacional, lembro que Gumperz (2002:32) argumenta que seu trabalho busca dar conta “tanto dos processos interpretativos no nível local como dos processos interpretativos mais gerais, societários, das ideologias lingüísticas e de como eles fazem parte do insumo para os processos inferenciais que determinam julgamentos de sentido”. Ou seja, o nível macro tem interferência no nível micro. O contexto macro da entrevista com Gabe, seu

momento de psicanálise⁴ tem influência em como a história é relatada em nível micro, sobretudo no que diz respeito à sua organização. Gabe estrutura suas histórias de maneira a fazer sentido também em seu processo de auto-conhecimento, que implica em buscar ordem dos acontecimentos. Além disso, seu conhecimento do mundo social é de extrema importância no que se refere aos posicionamentos que assume, principalmente com relação ao estigma. Por outro lado, o contexto no nível micro, do momento da interação, fez diferença nos seus posicionamentos e na forma com que contou suas histórias. Portanto, ao analisarmos narrativas, temos que levar em conta ambas as interferências quando fazemos interpretações de sentido do momento da interação.

⁴ Coloco como macro porque a psicanálise aqui está ligada ao mundo social mais amplo, não ao momento de interação.

4.2 Lauro

Lauro me concedeu a entrevista em sua casa, em Botafogo. Durante nosso encontro seu marido estava ausente (chegou somente no final, mas não ficou na sala), o que propiciou maior liberdade para falar não só de si, mas de seu companheiro e do relacionamento que mantinham.

Ao longo da entrevista, Lauro apresenta diferentes posicionamentos e alinhamentos em suas narrativas, privilegiando a unidade discursiva explicação em suas histórias, marcando seu intuito de estabelecer pontos e prová-los. A repetição, o aumento de volume, a fala mais vagarosa são alguns dos recursos que utiliza a fim de dar ênfase a algumas passagens e determinar suas posições.

4.2.1 Homoafetividade

Nesta seção, analisarei a construção da homoafetividade em Lauro. Veremos as diferentes facetas que emergem nas histórias por ele narradas.

4.2.1.1 Ser gay

Esta história surge logo no início da entrevista, motivada por uma pergunta que fiz sobre o que é ser gay para Lauro. Começa no turno 18 e se estende até o turno 20, sendo composta de duas explicações: “Ser gay é ter coragem” (todo o turno 18) e “Meio diferente” (todo o turno 20).

“Ser gay é ter coragem”

Segmento 1

T17 – Tais escuta vou fazer (a) eu falo da pergunta estopim↓ o quê que é ser gay pra você?

T18 – Lauro o quê que é ser gay? ser ga:y é ter muita coragem né↓
 acho que todo mundo vai te dizer isso↓ antes de qualquer coisa tem que ter muita
 coragem cara tem que tem que-- é como diz um amigo meu né↓
 que não é gay mas que é preto né↓ e é casado com uma negra.
 eh ele mata um a gente mata <dois leões> por dia porque... agora↑
 nem ta:nto assim nem tanto mas no começo né↓
 eu tinha lá uns dezoito, dezessete anos era <barra pesada>. () com a minha família nem
 tanto mas mais pra sociedade mesmo eh... é barra pesa:da.
 são muitas bata:lhas mas tem suas compensações sabe↑ tem suas compensações.

A primeira parte da história é uma explicação, no sentido da definição de Linde (1993:90). Segundo a autora, a unidade discursiva explicação começa com uma proposição a ser comprovada, seguida de uma seqüência de razões sobre o porquê de se acreditar nela.

A proposição de Lauro é a de que ser gay *é ter muita coragem*, e ele passa a enumerar as razões para isso: *todo mundo vai te dizer isso*; tem que matar *dois leões por dia*; ser gay é enfrentar uma <barra pesada>, sobretudo com relação à sociedade em que vivemos – *mas mais pra sociedade mesmo eh... é barra pesa:da*; ser gay é enfrentar muitas *bata:lhas*.

Lauro usa de várias formas de ênfase para marcar como é difícil viver a homoafetividade: a expressão barra pesada é dita mais devagar, depois é repetida com aumento de volume e alongamento de vogal na sílaba tônica. Também alonga a vogal da sílaba tônica da palavra batalha com a mesma finalidade. A fim de tornar mais claro para a entrevistadora a dificuldade de ser gay, faz uma comparação com o que os negros têm que enfrentar socialmente: *é como diz um amigo né↓ que não é gay mas que é preto né↓ e é casado com uma negra. eh ele mata um a gente mata <dois leões> por dia*, dando ênfase na expressão dois leões através de uma fala mais vagarosa. Entretanto, finaliza a explicação dizendo que *tem suas compensações*, repetindo a expressão para marcar sua posição: ser gay é difícil, há que se ter coragem, mas vale a pena.

“Meio diferente”

Segmento 2

T19 – Tais você falou dezessete dezoito anos. foi a época que você=
 T20 – Lauro =foi. quando eu me quando eu-- é é aquele papo né↓ eu (acho) (sempre) achei que eu fosse meio <diferente> assim... dos meni:nos >se bem< que tem uma certa idade na adolescência na infância que você não... eu não me sentia muito diferente

>porque eu achava também que todos os meninos< não eram nem muito pra fêmea nem muito pra macho. >todo mundo era assim meio que< menino né↓
 uma categoria assim... de meninos. mas depois eu fui sacando que tinha alguma diferença <embora eu nunca tenha me sentido...> exclusivamente gay sabe↓ (eu) nunca... tive essa. eu sempre achei que até por conta da barra ser pesada, no meu caso eu... transei mais a coisa de ser gay... né↑ mais gay mais homossexual assim (hum) uma coisa de atitude sei lá o quê↓ mas na minha cabeça eu nunca me achava muito eu nunca me achei muito gay pra te falar a verdade. sempre gostei de homem mas nunca me achei muito gay↓ sempre tive atração por mulheres também, mas acho que foi até por uma questão de... falta de tempo falta de contato↓ eu eu não consegui já consegui algumas vezes ter relações mas menos do que eu acho que deveria, pra te falar a verdade. esquisito né↑ mas é verdade.

Lauro começa com a proposição de que sempre se achou meio diferente, novamente usando do recurso da fala mais devagar para dar ênfase: *eu (acho) (sempre) achei que eu fosse meio <diferente> assim... dos meni:nos*. Depois, começa a enumerar as razões de sua proposição: não se sentia *muito diferente*, pois, na infância, os meninos *não eram nem muito pra fêmea nem muito pra macho*. >todo mundo era assim meio que< *menino né*↓; depois foi percebendo *que tinha alguma diferença*, embora nunca tenha se sentido *exclusivamente gay*; via ser gay como *uma coisa de atitude sei lá o quê*; sempre gostou de homem, mas também sempre teve atração por mulheres.

Lauro reforça sua argumentação de que era meio diferente falando que não se achava muito gay – *eu nunca me achei muito gay* – e alega que, embora gostasse de homem, também tinha atração por mulheres e só não teve mais relacionamentos amorosos com elas por *falta de tempo falta de contato*. Alega, ainda, que deveria ter tido mais relacionamentos. Ainda avalia *esquisito né↑ mas é verdade*, ou seja, é meio diferente não só por ser gay, como também por não ser exclusivamente gay, por achar que ser gay é uma questão de atitude, por achar que deveria ter tido mais relações com mulheres.

Lauro se posiciona, nas duas explicações, como pessoa diferente, mas comprometida com suas escolhas. Reconhece o estigma social de ser gay em uma sociedade heterossexista – *mata dois leões por dia; ser gay é uma questão de atitude*, mas acredita que vale a pena viver sua homoafetividade; também não seria um gay como os outros, pois sentia atração por mulheres, embora não tenha tido a quantidade de

relacionamentos que acreditava que deveria, atribuindo isso à vida, não a uma escolha pessoal – não teve mais relacionamentos por *falta de tempo, falta de contato*.

4.2.1.2 Me apaixonei

A história surge após eu perguntar quando se percebeu gay.

Me apaixonei

T21 – Tais então você mas você começou sua vida assim [quando ()
T22 – Lauro [gay? eh com dezoito anos.
dezoito anos foi quanto eu... e::u tive minha primeira relação <me apaixonei> e tive
minha primeira meu primeiro caso assim de uns meses né↓ namoro (namoro [assim↓)

A pergunta gerou uma crônica, onde Lauro narra que com 18 anos teve a primeira relação de uns meses, se apaixonou. Nessa passagem, estava interessada em saber quando ele teve a primeira relação gay e Lauro, assim como Gabe, responde narrando uma crônica de um relacionamento de afeto – <me apaixonei> – e não simplesmente de uma experiência sexual. Lauro enfatiza que se apaixonou usando o recurso da fala mais vagorosa, marcando um vínculo entre a vivência de um relacionamento homoafetivo e amor.

4.2.1.3 Cultura gay

Esta história é composta de duas partes – “Tô condicionado” (turno 142) e “Cultura gay não me interessa muito” (turnos 142, 144 a 156) – e uma explicação encaixada – “Adoro ser gay” (turno 142 a 144). Ela surge após eu perguntar se o casal tinha preferência por frequentar ambientes gays.

Cultura gay

T131 – Tais hã hã agora você falou em afeto em carinho como é que é vocês frequentam mais lugares
gays? ou [ou ou ou
T132 – Lauro [não não
T133 – Tais ou é irrelevante como é que é?
T134 – Lauro é olha a gente já [frequentou mais
T135 – Tais [porque o carinho me lembrou porque

- T136 – Lauro certo certo
- T137 – Tais em certos lugares você vai-- [sei lá na churrascaria porção
- T138 – Lauro [certo... certo fica difícil né↓
- T139 – Tais é. se você fizer um carinho nada nada impede a lei até [protege
- T140 – Lauro [entendi entendi
- T141 – Tais o restaurante inteiro vai ficar virando (pra sua mesa)
- T142 – Lauro eu tô muito condicionado ô tais. eu a gente já tá muito condicionado muito embora eu tenha muito carinho e tenho muita vontade às vezes de demonstrar e o zélio também. o zélio é mais carinhoso do que eu até eu sou mais... mais contido eh... a gente a gente é um negócio essa (cerceamento) de limites que a sociedade me colocou... dentro né do-- já foram tão-- porque já não sinto realmente eu eh... sabe? eu já internalizei já introjetei. quer dizer eu não me sinto em desvantagem por estar num lugar e não estar afetando assim sabe↓ não estar fazendo tendo um gesto de carinho às vezes a gente tem né↓ quando dá bate aquela coisa você olha “pôrra que cara legal como eu gosto desse cara. é legal estar com esse cara”. aí já sabe aperta a mão aquelas coisas, mas a gente não se sente em desvantagem (com o que) nem está se dando liberdade em lugares heterossexuais que são a maior parte dos lugares que eu vou↓ porque eu já fui muito a lugar gay mas pra te falar a verdade eu eu eu me sinto meio que um gay assim meio atípico sabe↓ eu não eu não me identifico muito com a cultura gay eu... >adoro ser gay< hum hum
- T143 – Tais
- T144 – Lauro não posso te (men-) adoro. eu acho que se eu não fosse gay eu eu não sei como é que eu ia ser porque isso dá muita liberdade pra gente↓ quando você se coloca você se é como você se sente meio que... empoderado sabe↓ mas ao mesmo tempo a cultura gay da forma como ela se apresenta... não me interessa muito↓ já me interessou.
(a gen-) chega uma época que freqüentava <mas freqüentava muito mais> uma coisa mais antropológica pra conhecer pra tentar entender os mecanismos do que por admiração--então eu ia a boate pra ver basfond boate gay da zona sul
>e pra seduzir também que eu sempre gostei muito de seduzir pra te falar a verdade< sempre gostei de jogar sedução né↓ novo não sei que↓ sem finalizar porque a (fin) a finalização realmente nunca me interessou muito↓ mas seduzir eu sempre gostei muito a paquera
- T145 – Tais
- T146 – Lauro paquera. de seduzir não >nem paquerar muito eu sempre gostei< assim (pra te fa-) eu pode parecer pretensão mas é assim eu sempre fui muito bonitinho e sempre chamei atenção, então por conta disso sempre me senti muito na na situação de não precisar fazer nada pra chamar pra coisa e sempre ((risos)) e gostava de me mostrar pra ter [()
[(é gostoso)
- T147 – Tais
- T148 – Lauro alimentado o ego sabe assim
- T149 – Tais mas é gostoso [(mesmo)
- T150 – Lauro [de alimentar o ego sabe de assim
“ai meu deus que... continua ali não sei que”. hoje menos, bem menos. bem menos. a idade ih também não tem mais vinte nem trinta ↓ mas hoje menos. e também já é uma coisa que não ((tais tosse)) não me interessa muito não.mas assim o lugar gay a coisa do gueto eu nã:o hoje eu não <°tolero°> () eu até tô ((risos)) tendo que fazer uma mea culpa sabe↓ porque eu estou tentando pensar o que que é que não está funcionando comigo. eh até sei não é mas eu acho às vezes o ambiente meio baba:ca então hoje eu tenho a gente se relaciona o zé também.
mas ele ele até tem mais tolerância com lugar gay do que eu. eu entro fico dez minutos acho a música ridícula horrorosa parece que o mercado direcionado pro gay é (im-) é imbecilizante é de músicas bate estaca
((interrupção da fita))
eu não encontro eu não encontro assim em ambiente gay <dificilmente>
eu encontro pares entendeu?

- T151 – Tais hã hã
- T152 – Lauro então não↓ então a maior parte dos meus amigos são todos hetero são todos heterossexuais tenho muita gay amiga né↓ sapatão viado sapatão↓ eu falo assim porque hum ã essa palavras (não me dizem) elas são pesadas são mas não pesam muito comigo não eu me sinto à vontade de falar↓ mas mas mas não sei... hoje o melhor o casal mais amigo da gente não é gay.
- T153 – Tais hum hum
- T154 – Lauro e assim no meu trabalho só eu sou gay. mas a gente tem uma relação com a amanda com a >leila flávia mauro< uma relação tão (que tudo) na verdade parece muito igual. depois que você ultrapassa determinadas conquistas que você tem determinadas conquistas assim como né de modo de vida, o que me interessa são as relações e como é que as pessoas vivem as relações e isso eu encontro mais tenho encontrado mais ((tais tosse)) com o pessoal heterossexual, você entendeu? fica muito mais parecido com o que eu vivo do que por exemplo outras relações↓ eu tenho amigos assim às vezes são casados também mas que não por exemplo um um casal de amigos que () muito mariqui:nha sabe↓ uma coisa (um pouco) eu não acho não sei não não bate muito comigo
- T155 – Tais hum hum
- T156 – Lauro eh então esse eu vou. eu vou. assim às vezes eu vou porque a gente vai. esses meus amigos também adoram, meu amigo é super viado o marido da minha amiga né, ele tem uma alma ele é animado ali, ele é super viado sem sem ser né↓ e aí a gente vai porque a gente se diverte. e:le gosta às vezes de ficar rindo acha a cultura gay muito engraçada de travesti↓ eu acho mas já achei mais e cada vez acho menos entendeu↓ eu tô meio que cansado. mas ainda vou. mas freqüento mais lugar heterossexual hh

“Tô condicionado” – primeira parte

Segmento 3

- T142 – Lauro eu tô muito condicionado ô tais. eu a gente já tá muito condicionado muito embora eu tenha muito carinho e tenho muita vontade às vezes de demonstrar e o zélio também. o zélio é mais carinhoso do que eu até eu sou mais... mais contido eh... a gente a gente é um negócio essa (cerceamento) de limites que a sociedade me colocou... dentro né do-- já foram tão-- porque já não sinto realmente eu eh... sabe? eu já internalizei já introjetei. quer dizer eu não me sinto em desvantagem por estar num lugar e não estar estar afetando assim sabe↓ não estar fazendo tendo um gesto de carinho às vezes a gente tem né↓ quando dá bate aquela coisa você olha “pôrra que cara legal como eu gosto desse cara. é legal estar com esse cara.” aí já sabe aperta a mão aquelas coisas, mas a gente não se sente em desvantagem (com o que) nem está se dando a liberdade em lugares heterossexuais que são a maior parte dos lugares que eu vou↓

Lauro tem consciência de que a homoafetividade é estigmatizada. Coloca que está condicionado, que internalizou, que introjetou os cerceamentos, os limites que a

sociedade impôs, entretando, alega que *não se sente em desvantagem*, apesar de não estar *se dando a liberdade em lugares heterossexuais*, que são os lugares que mais frequenta.

Goffman ([1963]1975:16-17) argumenta que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que os “normais”, tendo incorporado padrões de sociedade que o tornam suscetível ao que os outros vêem como seu defeito, fazendo com que, às vezes, concorde que ficou abaixo da expectativa, que tem realmente um defeito. No caso de Lauro, há uma percepção de que ser gay não é aceito entre os “normais”, contudo, não sente que tem um defeito, mas que é diferente do que a sociedade acredita ser normal. Ele incorporou os padrões da sociedade – *eu tô muito condicionado, já internalizei, já introjetei* –, a divisão dicotômica heterossexual x homoafetivo, e os segue quando necessário.

“Cultura gay não me interessa muito”

Segmento 4

T142 – Lauro porque eu já fui muito a lugar gay mas pra te falar a verdade eu eu eu me sinto meio que um gay assim meio atípico sabe↓ eu não eu não me identifico muito com a cultura gay eu...

Lauro introduz a narrativa dizendo que já foi a muitos lugares gays, mas que não se identifica com a cultura gay. Como na explicação “Meio diferente”, se diz um gay meio atípico, o que o leva à explicação “Adoro ser gay”.

Adoro ser gay – explicação encaixada

Segmento 5

T142 – Lauro >adoro ser gay<

T143 – Tais hum hum

T144 – Lauro não posso te (men-) adoro.eu acho que se eu não fosse gay eu eu não sei como é que eu ia ser porque isso dá muita liberdade pra gente↓ quando você se coloca você se é como você se sente meio que... empoderado sabe↓ dá uma parece que você pode (qualquer) coisa muita coisa quando você assume sabe↓

Lauro estabelece a proposição “adoro ser gay” e passa a enumerar as razões para isso: se não fosse gay não sabe como seria; ser gay dá muita liberdade; ser gay é se sentir *empoderado*. Essa explicação encaixada tem a finalidade de esclarecer à entrevistadora de que não se identifica com a cultura gay, mas isso não quer dizer que não goste de ser gay.

Por outro lado, inverte o papel de estigmatizado: ao invés de desvantagem, ser gay o empodera. Sua estratégia de resiliência, contudo, não repousa especialmente naquelas descritas por Shih (2004). Segundo a autora (p.178), uma das estratégias é fazer comparações seletivas, ou seja, procurar se comparar sempre com pessoas igualmente estigmatizadas. Lauro faz exatamente o oposto: implicitamente, compara-se com o mundo dos “normais” ao dizer que ser gay dá liberdade e empodera. A maior liberdade seria o fato de não sofrer as mesmas restrições, posto que já as transgrediu. Por ter ultrapassado obstáculos a fim de viver sua homoafetividade, ficou mais forte, mais empoderado.

Após a explicação, Lauro retoma a narrativa “Cultura gay não me interessa muito”.

“Cultura gay não me interessa muito”

Lauro retoma a narrativa dizendo que a cultura gay como se apresenta hoje em dia não o interessa. Apresenta, então, uma informação (Norrick, 2000) sobre o período em que se interessava e os motivos para isso: tentava entender os mecanismos dos lugares e também porque gostava de seduzir. Essa sedução não pressupunha realização de conquista, pois fala *a finalização realmente nunca me interessou muito* ↓ e atribui o interesse pela sedução como forma de alimentar o ego. Termina a informação dizendo que hoje isso não o interessa mais. Boate gay, assim, não era um espaço que freqüentava por sentir afinidade; era um espaço que freqüentava por curiosidade e para alimentar o ego através da sedução:

Segmento 6

- T144 – Lauro /.../
 já me interessou. (a gen-) chega uma época que freqüentava <mas freqüentava muito mais> uma coisa mais antropológica pra conhecer pra tentar entender os mecanismos do que por admiração-- então eu ia a boate pra ver basfond boate gay de zona sul >e pra seduzir também que eu sempre gostei muito de seduzir pra te falar a verdade <sempre gostei de jogar sedução né↓ novo não sei que↓ sem finalizar porque a (fin-) a finalização realmente nunca me interessou muito↓
 mas seduzir eu sempre gostei muito
 /.../
- T146 – Lauro /.../ eu pode parecer pretensão mas é assim eu sempre fui muito bonitinho e sempre chamei atenção, então por conta disso sempre me senti muito na na situação de não precisar fazer nada pra chamar pra coisa e sempre ((risos)) e gostava de me mostrar pra ter [()
- T147 – Tais [é gostoso
- T148 – Lauro alimentado o ego sabe assim
- T149 – Tais mas é gostoso [(mesmo)
- T150 – Lauro [de alimentar o ego sabe assim
 “ai meu deus que... continua ali não sei que”. hoje menos, bem menos. bem menos.
 a idade ih também não tem mais vinte nem trinta anos↓ /.../ mas assim o lugar gay a coisa do gueto eu nã:o hoje eu não <°tolero°> /.../ mas eu acho às vezes o ambiente meio baba:ca então hoje eu tenho a gente se relaciona o zé também.
 mas ele ele até tem mais tolerância com lugar gay do que eu.
 eu entro fico dez minutos acho a música ridícula horrorosa parece que o mercado direcionado pro gay é (im) é imbecilizante é de músicas bate estaca

No segmento acima, Lauro se constrói, quando jovem, como muito *bonitinho*, tão bonitinho que não precisava *fazer nada pra chamar atenção*; hoje, é diferente – *a idade ih também não tem mais vinte nem trinta anos* –, portanto, perdeu o interesse pelos ambientes homoafetivos, já que seu maior interesse seria a sedução. Contudo, não se dá conta de que talvez não tolere mais as boates por estar mais velho. Quando reclama da música ridícula horrorosa e alega que o mercado direcionado ao gay *é imbecilizante é de músicas bate estaca*, está repudiando é o mercado jovem como um todo – a música bate estaca não é tocada somente em ambientes gays; é tocada em boates em geral, pois estes ambientes costumam ter como foco jovens, que gostam desse ritmo para dançar. Talvez a

questão não seja que é meio atípico, mas que está com mais de quarenta anos e estes lugares sejam voltados para pessoas mais novas.

Segmento 7

T152 – Lauro então não↓ então a maior parte dos meus amigos são todos hetero são todos heterossexuais tenho muita amiga gay né↓ sapatão viado sapatão↓ eu falo assim porque hum ã essa palavras (não me dizem) elas são pesadas são mas não pesam muito comigo não eu me sinto à vontade de falar↓ mas mas mas não sei...
hoje o melhor o casal mais amigo da gente não é gay.

Após declarar que dificilmente encontra pares em ambientes gays, alega que todos os seus amigos são heterossexuais para logo depois retificar dizendo que tem muitas amigas gays, mas também amigos gays – *tenho muita amiga gay*↓ *sapatão viado sapatão*. Lauro justifica o uso destas palavras porque, embora pesadas, não pesam para ele, o que pode ser explicado pelo fato de também ser gay, ou seja, faz parte do grupo, podendo utilizar quaisquer termos que quiser sem soar ofensivo. Assim, posiciona-se como homoafetivo, ainda que se alinhe aos heterossexuais ao dizer que a maior parte de seus amigos são heterossexuais.

Segmento 8

T153 – Tais hum hum

T154 – Lauro e assim no meu trabalho só eu sou gay. mas a gente tem uma relação com a amanda com a >leila flávia mauro< uma relação tão (que tudo) na verdade parece tudo muito igual. depois que você ultrapassa determinadas conquistas que você tem determinadas conquistas assim como né de modo de vida, o que interessa são as relações e como é que as pessoas vivem as relações e isso eu encontro mais tenho encontrado mais ((tais tosse)) com o pessoal heterossexual, você entendeu?
fica muito mais parecido com o que eu vivo do que por exemplo outras relações↓

Lauro continua argumentando que tem se relacionado mais com pessoas heterossexuais, pois *na verdade parece tudo muito igual*. Ou seja, desloca a dicotomia homoafetivo x heterossexual. Não a elimina, posto que fala *parece*, não que é muito igual. Assim, constrói-se como um ser homoafetivo deslocado, pois seu foco são as

relações entre as pessoas como um todo, podendo se alinhar com qualquer um, independentemente de sua prática sexual.

Segmento 9

T155 – Tais hum hum

T156 – Lauro eh então esse eu vou. eu vou. assim às vezes eu vou porque a gente vai. esses meus amigos também adoram, meu amigo é super viado o marido da minha amiga né, ele tem uma alma ele é animado ali, ele é super viado sem sem ser né↓
e aí a gente vai porque a gente se diverte.
e:le gosta às vezes de ficar rindo acha a cultura gay muito engraçada de travesti↓
eu acho mas já achei mais e cada vez acho menos entendeu↓ eu tô meio cansado.
mas ainda vou. mas freqüento mais lugar heterossexual hh

Lauro prossegue deslocando as posições de gênero ao afirmar que às vezes vai a ambientes gays porque o marido de sua amiga, que define como *super viado sem sem ser*, gosta de rir da cultura travesti. Ou seja, ele, homoafetivo, somente freqüenta lugares gays para agradar o casal heterossexual, cujo homem seria *super viado*, ainda que se relacione sexualmente com mulher. Neste momento, Lauro desnaturaliza a relação sexo-gênero-prática sexual, revelando que a matriz cultural de inteligibilidade não é capaz de dar conta do que acontece na realidade.

4.2.1.4 Vivendo com estigma

A história surge após eu perguntar se já sofreu preconceito por ser homoafetivo. Compreende os turnos 162 ao 178 e é composta de duas partes – “Gay tem que se impor” (turnos 162-172) e “Provocação” (turnos 176-178).

Vivendo com o estigma

T161 – Tais eu queria te perguntar também também era nessa coisa que a gente tava falando do afeto não sei que e preconceito. já você já se viu em alguma situação [assim

T162 – Lauro [eu já já já vi sim e
me vejo ainda sou professor eh mas a gente eu acostumo.
olha só, é aquilo que eu te falei né↓
eu sempre fui uma característica né↓ eu sempre fui muito impositivo sempre assim sabe↓
e tive que ser assim por questão até de sobrevivência

- >porque senão não sei como é que eu ia ser<
 é eu não sei uma bichinha fraquinha ou sei lá o que. não sei.
 mas a gente tem que se impor pra caramba e eu sinto entre os os os caras né, os heterossexuais homens, sinto uma (sei que) muitas vezes eles quase se colocam a mercê dos gays >sabe assim tipo< a a situação às vezes se inverte né↓
 quando homem é assim né↓ homem que não é gay eh quando tá com outro (grrr) desdenha, quando tá sozinho parece que fica se sentindo ameaçado fica quase como se fosse uma moça que vai ser atacada por um lobão. um lobo né?
- T163 – Tais hum hum
 T164 – Lauro mas mas eu sinto sim já senti sinto muito cada vez me importo menos com isso, já me importei claro assim... já tive já já tive que em alguns momentos o fato de ser viado chegou na frente
- T165 – Tais hum hum
 T166 – Lauro isso me deixou chateado né↓ porque eu nunca me senti assim né↓
 assim super viado eu sempre achei que né↓ é é isso que eu tô te falando eu nunca me senti assim um o gay um gay () como eu sinto que eu sinto como algumas pessoas se sentem. assim é... sempre me impus sempre foi a minha maneira política de viver mas assim nunca me senti... hum nem com tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho que é uma coisa tão absurda intolerância coisa você sabe↑
 eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente
- T167 – Tais hum hum
 T168 – Lauro tem gente que é guerreira mesmo de chegar bater fazer, eu sou uma pessoa me imponho já meti... o bati forte assim “pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema? não tô a fim de ninguém aqui não.”
- T169 – Tais [(claro)
 T170 – Lauro *[já fiz isso em ambiente de trabalho↓ já fiz isso e já provei isso em outras sem falar assim mas já já dei essa prova↓ só que é assim é igual a cara do pt né↓ até por ser viado pra ter que ser respeitado você tem que praticamente ser santo.*
- T171 – Tais hã hã
 T172 – Lauro você entendeu? porque é sabe igual como diz o pessoal do pt “pôrra, petista não pode deslizar uma vez não pode ter uma mulher que corneie, não pode um dia ((risos)) sei lá fazer uma negociata (aprontar) com não sei quem porque fudeu, nego joga pra joga pra baixo”.⁵ quer dizer às vezes você tem um cara corrupto que faz faz uma coisa absurda “ah é tá tudo bem ele é assim, não presta mesmo.”
 agora aquele não pode mijar fora do penico porque senão cai tudo.
 com a minha situação praticamente eu senti que é mais ou menos assim.
 eu sempre tive muita necessidade de me impor e de me dar ao respeito.
 não sei se tava errado se tava certo mas foi a maneira foi a estratégia que eu arranjei de me fazer respeitar na vida entendeu↓
- T173 – Tais agora já aconteceu assim na rua de alguém=
 T174 – Lauro =já: [()
 T175 – Tais [eh ser agressiva até
 T176 – Lauro já. não porque também quando eu era mais jovem eu >(eu tô falando com você mas)< eu era mais danadinho eu botava gostava de botar roupas botava (o que assim) calças (verm-)-- há vinte anos vinte e cinco anos usar calça vermelha-- botava roupas que os homens que não eram gays né, que os heterossexuais não usavam muito né assim↓ gostava de ter uma... acho que eu também gostava de chamar atenção e de ser polêmico mas ao mesmo tempo eu também não me sentia muito forte mas eu fazia aquela coisa que você vai fazer (uma opção) sei lá. hoje eu nunca parei pra pensar sobre isso (e se tinha não me dava--) como é que chama mesmo no mundo gay? dar coió me vaiava “é é é viado” falavam assim e muitas vezes já me senti muito encabulado com isso,

⁵ Esta entrevista ocorreu em 2003, portanto, antes dos escândalos que envolveram o governo petista no ano de 2005.

- muito encabulado↓ até porque nunca é como eu te falei apesar de ser às vezes até ter uma postura meio agressiva né↓ na roupa no jeito não sei que né↑ dando pinta sei lá o que. eu achava que (ainda) acho que na minha cabeça é uma coisa tão secundária
- T177 – Tais hã hã
- T178 – Lauro sei lá. eu não achava uma coisa eu ainda me chocava com o que eu despertava muito embora eu tivesse consciência de que eu ficava... fazendo pra chocar mesmo. mas eu ainda me chocava com a imbecilidade das pessoas de aceitar uma provocação tão boba. uma calça uma meia uma meia de outra cor uma camisa estampada isso achava uma <imbecilidade>. eu acho que isso é que me tocava no gênero humano sabe↓ era meio que decepcionado e um pouco envergonhado mas eu também não conseguia deixar de ser assim

“Gay tem que se impor”

Lauro se avalia como impositivo, porém por uma questão de sobrevivência, portanto, o atributo aqui é desejado. A seguir, afirma que os homoafetivos têm *que se impor pra caramba*, mas logo depois fala que os heterossexuais homens *quase se colocam a mercê dos gays*, pois se são desdenhosos ou agressivos em grupo – (*grr*) –, quando estão sós, sentem-se ameaçados como se fossem *uma moça que vai ser atacada por um lobão*.

Essa colocação nos remete a Link, Yang, Phelan e Collins (2004:4), quando argumentam que uma das emoções que a identificação de diferenças pode despertar no estigmatizador é o medo e que esta resposta emocional pode ser detectada pela pessoa estigmatizada. Assim, o estigmatizador sentir medo quando se depara sozinho com o estigmatizado é menos contraditório do que aparenta: em grupo, sentiriam-se seguros, sozinhos, poderiam sofrer represálias daqueles que costumam atacar. Lauro, além de construir os heterossexuais preconceituosos como covardes, que só agriem em conjunto, os constrói como indivíduos fracos, indefesos, através da metáfora da moça atacada por um lobo. Ele se coloca como pertencente ao grupo dos homoafetivos e os posiciona como impositivos, no sentido de pessoas que se impõem, portanto, assertivas. Novamente, Lauro inverte os papéis de gênero, pois o homem heterossexual, símbolo da masculinidade, é indefeso como uma moça, enquanto os homoafetivos, normalmente tidos como femininos, são assertivos e impositivos.

Segmento 10

T162 – Lauro

[eu já já já vi sim e

me vejo ainda sou professor eh mas a gente eu acostumo.
 olha só, é aquilo que eu te falei né↓
 eu sempre fui uma característica né↓ eu sempre fui muito impositivo sempre assim sabe↓
 e tive que ser assim por questão até de sobrevivência
 >porque senão não sei como é que eu ia ser<
 é eu não sei uma bichinha fraquinha ou sei lá o que. não sei. mas a gente tem que se
 impor pra caramba e eu sinto entre os os os caras né, os heterossexuais homens, sinto
 uma (sei que) muitas vezes eles quase se colocam a mercê dos gays >sabe assim tipo<
 a a situação às vezes se inverte né↓ quando homem é assim né↓ homem que não é gay eh
 quando tá com outro (grr) desdenha, quando tá sozinho parece que fica se sentindo
 ameaçado fica quase como se fosse uma moça que vai ser atacada por um lobão.
 um lobo né?

/.../

T164 – Lauro

mas mas eu sinto sim já senti sinto muito cada vez me importo menos com isso, já me
 importei claro assim... já tive já já tive que em alguns momentos o fato de ser viado
 chegou na frente

/.../

T166 – Lauro

isso me deixou chateado né↓ porque eu nunca me senti assim né↓
 assim super viado eu sempre achei que né↓ é é isso que eu tô falando eu nunca me senti
 assim um o gay um gay () como eu sinto que eu sinto como algumas pessoas se sentem.
 assim é... sempre me impus sempre foi a minha maneira política de viver mas assim
 nunca me senti... hum nem com tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho
 que é uma coisa tão absurda a intolerância coisa você sabe↑
 eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente

/.../

T168 – Lauro

tem gente que é guerreira mesmo de chegar bater fazer, eu sou uma pessoa me imponho já
 meti... o bati forte assim “pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema?
 não tô a fim de ninguém aqui não”.

/.../

T170 – Lauro

[já fiz isso em ambiente de trabalho↓ já fiz isso e já provei isso em outras sem falar assim
 mas já já dei essa prova↓ só que é assim é igual a cara do pt né↓
 até por ser viado pra ter que ser respeitado você tem que ser praticamente santo.

/.../

T172 – Lauro

com a minha situação praticamente eu senti que é mais ou menos assim.

eu sempre tive muita necessidade de me impor e de me dar ao respeito.
 não sei se tava errado se tava certo mas foi a maneira foi a estratégia que eu arranjei de
 me fazer respeitar na vida entendeu↓

No segmento acima, Lauro prossegue dizendo que já não se importa muito com isso, mas alega que ficou chateado em momentos em que *o fato de ser viado chegou na frente*, pois nunca se definiu como gay, nunca teve *tesão de levantar determinadas bandeiras porque eu acho que é uma coisa tão absurda a intolerância coisa você sabe↑ eu não sei eu eu sou guerreiro de uma outra frente*. À primeira vista, pode parecer estranho essa colocação, pois se a intolerância é tão absurda, nada mais lógico do que militar para liquidá-la, entretanto, se considerarmos os argumentos de Goffman, podemos compreender melhor. Segundo Goffman ([1963]1975:125-126),

“Os problemas associados com a militância são bem conhecidos. Quando o objetivo político último é retirar o estigma do atributo diferencial, o indivíduo pode descobrir que os seus esforços podem politizar toda a sua vida, tornando-a ainda mais diferente da vida normal que lhe foi inicialmente negada – mesmo que a próxima geração de companheiros tire um bom proveito desses esforços, obtendo maior aceitação. Mais do que isso, ao chamar a atenção para a situação de seus iguais ele está, de uma certa forma, consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real e de seus companheiros estigmatizados como constituindo um grupo real.”

Voltando à fala de Lauro, reconhecer a intolerância como objeto de militância significa, de alguma maneira, reconhecer sua diferença como real e viver de forma mais diferente ainda do que se não militar. Assim, ele opta por viver sua homoafetividade sem ser ativista. Contudo, isso não implica em se encobrir, nem aceitar provocações.

A fala reportada “*pôrra sou viado sim e daí? qual é o problema? não tô a fim de ninguém aqui não*” revela um segundo aspecto do estigma de ser homoafetivo – gays estão sempre querendo sexo com os homens. Lauro, aqui, além de se posicionar como uma pessoa firme, destemida, recusa-se a ser posicionado como um ser sexual descontrolado e promíscuo.

Finaliza a primeira parte colocando que gay, para ser respeitado, tem que ser praticamente santo, pois já portam um estigma social. O que podemos perceber aqui é que o estigma de ser gay invade o cotidiano de quem não o encobre, obrigando aqueles que o portam a terem uma postura assertiva a fim de poderem participar da sociedade em que vivem.

“Provocação”

Segmento 11

- T176 – Lauro já. não porque também quando eu era mais jovem eu >(eu tô falando com você mas)< eu era mais danadinho eu botava gostava de botar roupas botava (o que assim) calças (verm)-- há vinte anos vinte e cinco anos usar calça vermelha-- botava roupas que os homens que não eram gays né, que os heterossexuais não usavam muito né assim↓ gostava de ter uma... acho que eu também gostava de chamar atenção e de ser polêmico mas ao mesmo tempo eu também não me sentia forte mas eu fazia aquela coisa que você vai fazer (uma opção) sei lá.
eu nunca parei pra pensar sobre isso (e se tinha não me dava--) como é que chama mesmo no mundo gay? dar coió me vaiava “é é é viado” falavam assim e muitas vezes já me senti muito encabulado com isso, muito encabulado↓ até porque nunca é como eu te falei apesar de ser às vezes até ter uma postura meio agressiva né↓ na roupa no jeito não sei que né↑ dando pinta sei lá o que.
eu achava que (ainda) acho que na minha cabeça é uma coisa secundária
/.../
- T178 – Lauro sei lá. eu não achava uma coisa eu ainda me chocava com o que eu despertava muito embora eu tivesse consciência de que eu ficava... fazendo pra chocar mesmo.
mas eu ainda me chocava com a imbecilidade das pessoas de aceitar uma provocação tão boba. uma calça uma meia uma meia de outra cor uma camisa estampada isso achava uma <imbecilidade>. eu acho que isso é que me tocava no no gênero humano sabe↓ era meio que decepcionado e um pouco envergonhado mas eu também não conseguia deixar de ser assim

Lauro se posiciona como provocador, meio agressivo, mas também como envergonhado pelo estigma. Naquela época, as vaias o deixavam constrangido, reação de quem aceita internamente que é passível de vergonha por ser o que é, ou seja, incorporava padrões da sociedade e concordava que havia ficado abaixo da expectativa, que tinha realmente um defeito (Goffman, [1963]1975: 16-17). Por outro lado, avalia aqueles que o vaiavam como imbecis, que aceitavam suas provocações, invertendo as posições, posto que quem se decepcionava com o comportamento era ele, o passível de vergonha, não aqueles que o estigmatizavam.

4.2.1.5 Mulher

A história surge quando pergunto para que faixa etária leciona. Lauro responde que é para calouros de Pedagogia e diz que noventa e tantos por cento de seus alunos são mulheres.

Mulher

T197 – Tais	you are giving class for which age group?	[()]
T198 – Lauro	entering university. I give class of	[I give class for young people personally that is
T199 – Tais		[ah then it must be
T200 – Lauro		[sociology and de [public policies
T201 – Tais		[nineteen twenty years
T202 – Lauro	nineteen twenty years. I get hit for the sake of a student that natural thing that you take from a student that stays a lot-- like I give a class of pedagogy a lot of women a lot of women ninety [and so many percent	↑ [it is pedagogy is that not letters [it is that not in my area
T203 – Tais		[ninety and so many percent.
T204 – Lauro	women I love women I give always I get a lot better (with) women I had a certain phase of life that I started "will it be that I am a woman?" (with) né↓ head of woman.	
T205 – Tais	hã hã	
T206 – Lauro	no. but eh eh eh after that I started to realize that it is not a question of identification, oppression that... as women live more the same way that I... always live more né? oppression for being for being gay and this always gave me a much more identification so I always preferred to be with the women than to be with the men.	
T207 – Tais	>(I always think) that the male world is a lot without grace< without grace understood? soccer and beer ((laughs))	
T208 – Lauro	mu:to without grace () I thought as women-- <u>também</u> tem tem cada umzinho that does not <u>presta</u> (of nothing), but in general I always had a lot more interaction option for women because of this↓ and it is like I think that this thing of discrimination of the question of being a minority creates a lot of complicity... understood? (like)	

Lauro introduces the narrative saying that *adora mulher* and that, in a certain phase of life, he began to reflect if he had a head of woman – “*pô será que sou mulher?*” (com) né↓ *cabeça de mulher*. However, he relates that he perceived that his identification with women was due to the fact of both being oppressed. Right after, he highlights another factor, through an evaluation: *o mundo masculino é muito sem graça*. Lauro uses repetition, emphasis and elongation of the vowel *a* to point out the importance of this evaluation – the oppression exercised by men allied to a male universe without grace led him to identify more with women.

In this way, he establishes the opposition universe male x women, linking sex and gender mimetically (Butler, 1990:24). Women, here representing the universe

feminino, seriam mais interessantes sobretudo por não fazerem parte do mundo masculino que os estigmatiza. Contudo, não é qualquer mulher – *também tem tem cada tipinho que não presta (de nada)* – é a mulher que rejeita a condição de exclusão, aquela que também se sente oprimida, estigmatizada, parte de uma minoria.

Lauro finaliza avaliando que a discriminação provoca cumplicidade entre os oprimidos, posicionando-se, assim, como estigmatizado e oprimido e posicionando as mulheres como igualmente estigmatizadas e oprimidas pelos homens, estigmatizadores e opressores.

4.2.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nesta parte, tratarei da construção que Lauro faz de seu casamento com Zélio e de seu desinteresse por aventuras amorosas sem importância.

4.2.2.1 Era o que eu queria

A história emerge após Lauro fazer uma narrativa sobre o fato de não gostar de ficar namorando indiscriminadamente. Compreende os turnos 40 e 42.

Era o que eu queria

- T40 – Lauro /../
 aí↑ acabei aí quando eu conheci o zélio eu tinha vinte e um anos. (ah pô) já estou com o zélio vinte e três anos↓ eu tinha vinte e um vinte anos vinte anos. foi em oitenta.
 aí eu fiquei: i idas e vindas relutei pra cara:mba pra ficar junto porque eu achava que eu não podia ficar junto que não era uma coisa muito legal que eu tinha que experimentar mais↓ aí eu me separa:va aí queri:a eh mas não consegui:a achava muito chato↓
 aí voltava. o zélio sempre foi muito () ele sempre foi muito determinado com o que queria↓ então a determinação dele-- sempre me esperou sempre insistiu e eu acho que isso acabou me ganhando porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria entendeu↓
- T41 – Tais hum hum
- T42 – Lauro estar assim meio que casa:do essas coisas

No segmento abaixo, Lauro introduz e orienta a história: do que tratará (como começou seu relacionamento com Zélio), quem são os personagens (ele e Zélio) e quando ocorreu (anos oitenta, quando tinha vinte anos):

Segmento 12

T40 – Lauro aí↑ acabei aí quando eu conheci o zélio eu tinha vinte e um anos. (ah pô) já estou com o zélio vinte vinte e três anos↓ eu tinha vinte e um vinte anos vinte anos. foi em oitenta.

Na ação, Lauro narra o início de seu relacionamento com Zélio: relutou para assumir que queria ficar com ele devido a cobranças que se fazia de viver aventuras, contudo, sempre voltava para o namorado, pois avaliava como *muito chato* as experiências que tinha.

Lauro se posiciona como indeciso, mas também como desejado – Zélio sempre o aceitava quando queria reatar o namoro:

Segmento 13

T40 – Lauro aí eu fique:i idas e vindas relutei pra cara:mba pra ficar junto porque eu achava que eu não podia ficar junto que não era uma coisa muito legal que eu tinha que experimentar mais↓ aí eu me separava aí queri:a eh mas não consegui:a achava muito chato↓
aí voltava.

Na avaliação do segmento abaixo, percebemos que, ao contrário do que se poderia imaginar - Zélio sempre o aceitando de volta – Lauro avalia como determinação o que o motivava, não fraqueza:

Segmento 14

T40 – Lauro o zélio sempre foi muito () ele sempre foi muito determinado com o que queria↓

Lauro acaba ficando com Zélio porque este, com sua determinação, o conquistou definitivamente. Contudo, Lauro alega que no fundo era o que sempre quis, ou seja, a união também se deu por sua causa:

Segmento 15

T40 – Lauro então a determinação dele-- sempre me esperou sempre insistiu e eu acho que isso acabou me ganhando porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria entendeu↓

- T41 – Tais hum hum
 T42 – Lauro estar assim meio casa:do essas coisas

Lauro finaliza a narrativa se posicionando como estável, como alguém que sempre quis estar casado. Embora construa Zélio como determinado e afirme que sua insistência é que o conquistou, Lauro não é passivo – ele vai e volta quando quer - e ficou porque quis – *porque no fundo (eu acho o que) é o que eu sempre queria.*

Esta narrativa é mais um reforço do posicionamento de Lauro como alguém *meio diferente*, que, ao contrário do esperado de um rapaz jovem, quer um relacionamento estável, não uma sucessão de casos sem importância.

4.2.2.2 Relacionamento com o Zélio

Esta história é composta de duas partes, “Namoro com o Zélio” (turnos 64-68) e “Morando com o Zélio” (crônica compreendida entre os turnos 68-70), com uma explicação encaixada, “Famílias” (turno 68), e surge após eu querer esclarecer quando Lauro casou com Zélio.

Relacionamento com o Zélio

- T61 – Tais agora você falou que você você foi veio morar com o zélio quando você tinha uns vinte vinte e um=
 T62 – Lauro =não [não
 T63 – Tais [você morava com seus pais?
 T64 – Lauro =não não. eu não morei com o zélio. foi assim, a gente começou eu tinha vinte e um... e o zélio tinha:... dezoito depois ele fez vinte. a diferença da gente é um ano e pouco eu sou mais velho. eh então aí >idas e vindas idas e vindas idas e vindas aquilo< não sabia se queria se eh eh >aquela coisa toda< até que há <quinze> (dezesseis)-- eu me considero casado porque na verdade... eu vou te falar (a verd-- eu nem me lembro direito como é que é a vida sem o zélio você entendeu?
 T65 – Tais hum hum
 T66 – Lauro a gente tá junto há tanto tempo e junto ou não muito junto a gente tá há tanto tempo que pra mim é é... como se fosse uma... (um desses) quase uma geração vinte e três anos↓ parece uma coisa só que não teve interrupção, não teve hiato. então mas morar a gente-- quando ele-- >foi assim< aí eu tinha a minha casa. na minha casa morava com a minha mãe morava com a minha família mas o zélio dormia lá. sabe eu não dava muitas explicações (assim) acho que eu sempre fui muito impositivo. eu também não sei se foi legal isso mas sempre fui muito impositivo. aí o zélio dormia minha mãe briga:va ela sempre brigou muito brigava comigo falava [mas (não)

- T67 – Tais [ela ela percebia que vocês [(transavam)
 T68 – Lauro [ela percebia mas ela já percebeu o outro anterior...
 ela percebeu (mas eu às vezes) eu não sei sabe↓ ela sempre gostou muito do zélio ele... adorava minha família adorava... ele. ele namorava minha prima.
 pra você ter uma idéia né quando a gente começou ele era namorado da minha prima. e foi ele que começou a dar em cima de mim não fui eu que comecei a dar em cima dele não. e assim né ele namorava-- é aquela coisa de criança né↑ a minha prima era mais no:va o que ela tinha uns dezesseis dezessete anos ele já devia ter e aí a gente assim não sei que e aí “não não sei que” mas aí depois ele terminou com ela e a gente engatou. aí foi assim aí às vezes ele dormia na minha casa, outras vezes eu entrava escondido na casa dele que ele era meu vizinho né e a gente dormia junto↓ mas assim a minha família (tá acostu-) acho que ela foi se acostumando também igual a mim a ter aquela figura na minha vida. assim no começo não era muito legal mas eu já não me lembro <quando>. eu já não me lembro eu já não sei precisar pra você (qual) é que foi o tempo que eles... pararam de... tem tanto tempo↓ pararam de implicar com o zélio assim minha irmã no começo era muito ciumenta mas hoje ela ado:ra aquela coisa eh (devia estar aquela) coisa monótona a gente se dá bem↑ é quer dizer com a minha família. eu com a família dele eu não me dou bem↓ não a família dele (se vai) é outra história. é radical. não acei:ta ah engole mas não aceita a coisa não é verbalizada↓ com a minha família eu acho que por eu ser mais impositivo então a coisa sempre foi mais às claras e a minha família é mais tolerante também↓ muito <doida> família meio maluca mais louca mais tolerante mais assim... agora a gente começou a morar junto o que uns quinze anos... quinze anos talvez quando ele comprou um (apartam-)-- aí ele quis sair da casa dele que ele também não se sentia bem aí comprou um apartamento lá em são gonçalo (onde) a gente morava↓ aí eu ficava muito lá. ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe. aí meu pai já tinha morrido meu pai morreu em oitenta e cinco↓ oitenta e cinco por aí e aí a gente (fica) ficava na casa da minha mãe ficava lá e ele ficava lá em casa não sei que e aquilo↓ agora morar junto na mesma casa direto a gente mora desde noventa e... acho que noventa e cinco↓ quando essa minha amiga morreu quando essa minha amiga morreu. há uns oito nove anos por aí essa minha amiga que eu quase tive um filho morreu. aí aí vocês aí já vieram pra cá morar=
 T69 – Tais =é. aí não aí a gente veio aí eu comprei um apartamento no no catete↓
 T70 – Lauro aí fiz uma reforma e a gente veio pra cá, o zé não queria vir mas eu sempre trabalhei aqui no rio e... queria mudar. aí a gente veio pra cá aí a vida ficou junto ficou boa aí a gente depois mudou de lá ficou um tempo aí veio morar aqui em botafogo aí nós depois viemos (mudamos pra cá) continuamos aqui em botafogo↓ aí compramos essa casa essa casa (já) foi comprada por nós dois. o apartamento do catete foi comprado por mim, o de botafogo aqui na são clemente foi comprado por mim↓ mas essa aqui já foi comprada por nós dois a gente já... as nossas coisas são todas divididas >(é tudo meio misturado mas)< misturada sabe

“Namoro com o Zélio” – primeira parte

Na introdução, Lauro narra que começaram a se relacionar com cerca de 20 anos e, entre idas e vindas, estão juntos há vinte e três anos. Lauro avalia que *parece uma coisa só que não teve interrupção, não teve hiato*. A relação que tem com Zélio faz parte

dele – *eu nem me lembro direito como é que é a vida sem o zélio* –, ou seja, seu comprometimento é tamanho que, numa metáfora, penetraria a sua própria memória.

Lauro resume a narrativa: ele morava com a família e Zélio dormia lá:

Segmento 16

T66 – Lauro /.../ >foi assim< aí eu tinha a minha casa. na minha casa morava com a minha mãe morava com a minha família mas o zélio dormia lá.

Lauro fala que não dava muitas explicações à mãe, que brigava muito com ele. Ele avalia que sempre foi muito *impositivo*, usando de ênfase para marcar uma característica que acredita ter e que também não consegue avaliar se é uma coisa boa ou ruim. Também avalia que a mãe *sempre brigou muito*, ou seja, não brigava apenas devido à situação de Zélio, mas, possivelmente, porque ele queria impor à mãe suas vontades. Impositivo, nesta narrativa, não é mais apenas um atributo ligado à assertividade, mas um atributo ligado ao autoritarismo. Por isso Lauro não conseguir precisar se era uma característica boa ou ruim: ser impositivo no sentido de se impor é uma coisa; ser impositivo no sentido de impor as próprias vontades aos outros é outra:

Segmento 17

T66 – Lauro /.../ sabe eu não dava muitas explicações (assim) acho que eu sempre fui muito impositivo. eu também não sei se foi legal isso mas sempre fui muito impositivo.
aí o zélio dormia minha mãe briga:va ela sempre brigou muito brigava comigo falava [mas (não)]

No segmento abaixo, Lauro dá uma informação (Norrick, 2000), dizendo que a mãe já sabia que ele era gay na ocasião que começou a namorar Zélio. Informa, ainda, que a família já conhecia Zélio porque ele namorava sua prima e que não só Zélio adorava sua família, como parece que era correspondido (a impressão que se tem quando se ouve a fita é que ele usa o objeto da oração *ele adorava minha família* e o coloca como sujeito de outra oração *minha família adorava... ele.*):

Segmento 18

T67 – Tais [ela ela percebia que vocês [(transavam)]
 T68 – Lauro [ela percebia mas ela já percebeu o outro anterior...
 ela percebeu (mas eu às vezes) eu não sei sabe↓ ela sempre gostou muito do zé.
 ele adorava minha família adorava... ele. ele namorava minha prima.

Lauro estabelece quando se passa a história – no início do namoro com Zélio –, quem participa – ele, sua prima e Zélio – e do que tratará – de como começaram a namorar. Coloca que Zélio começou a *dar em cima* dele, enfatizando a palavra ele, a fim de marcar quem foi o agente da conquista. Lauro ainda faz um discurso reportado de uma suposta hesitação de sua parte – “não não sei que”, enfatizando o primeiro não e a palavra que, simbolizando seus argumentos para não ceder, marcando sua resistência às investidas do atual marido:

Segmento 19

T68 – Lauro /.../ pra você ter uma idéia né quando a gente começou ele era namorado da minha prima. e foi ele que começou a dar em cima de mim não fui eu que comecei a dar em cima dele não. e assim né ele namorava-- é aquela coisa de criança né↑ a minha prima era mais no:va o que ela tinha uns dezesseis dezessete anos ele já devia ter... e aí a gente assim não sei que e aí “não não sei que” mas aí depois ele terminou com ela e a gente engatou.

Lauro fala que depois Zélio terminou com a namorada e eles começaram a namorar, o que nos revela que as investidas de seu marido se deram enquanto ele ainda estava namorando a prima dele. Justifica a preferência de Zélio por ele através da avaliação de que o namoro com a prima era *aquela coisa de criança*, e também pelo fato de que a prima *era mais no:va*. O uso da expressão *ele já devia ter*, quando coloca *que ela tinha dezesseis dezessete anos ele já devia ter...*, nos leva a pensar que haveria uma distância grande de idade entre os dois e por isso o desinteresse, contudo, no início da narrativa “Namoro com o Zélio”, havia dito que ele tinha dezenove anos, ou seja, não era tão mais velho que a menina.

Lauro se posiciona como desejado e Zélio como desejante; se constrói como alguém passível de ser conquistado e constrói Zélio como determinado. Aliás, na

narrativa “Era o que eu queria”, Lauro também constrói Zélio como determinado e como aquele que o conquistou.

Segmento 20

T68 – Lauro /.../ aí foi assim aí às vezes ele dormia na minha casa, outras vezes eu entrava escondido na casa dele que ele era meu vizinho né e a gente dormia junto↓

No segmento acima, Lauro conta que os dois começaram a namorar, revesando a casa onde se encontravam. Narra que *entrava escondido* na casa de Zélio, o que nos leva a deduzir que a família deste não aprovava os encontros, o que é confirmado na explicação “Famílias”.

“Famílias” – explicação encaixada

Segmento 21

T68 – Lauro assim no começo não era muito legal mas eu já não lembro <quando>. eu já não me lembro eu já não sei precisar pra você (qual) é que foi o tempo que eles... pararam de... tem tanto tempo↓ pararam de implicar com o zélio assim minha irmã no começo era muito ciumenta mas hoje ela ado:ra aquela coisa eh (devia estar aquela) coisa monótona a gente se dá bem↑ é quer dizer com a minha família. eu com a família dele eu não me dou bem↓ não a família dele (se vai) é outra história. é radical. não acei:ta ah engole mas não aceita a coisa não é verbalizada↓ com a minha família eu acho que por eu ser mais impositivo então a coisa sempre foi mais às claras e a minha família é mais tolerante também↓ muito <doida> família meio maluca mais louca mais tolerante mais assim...

Lauro faz a proposição de que, no começo, o relacionamento com a família não era muito bom, mas que depois pararam de implicar com o Zélio. A partir daí, enumera as razões: a irmã tinha ciúmes, mas passou; Lauro impôs à família suas escolhas, que sempre foram às claras, sem subterfúgios; sua família é mais tolerante; sua família é mais doida.

A segunda proposição é a de que não se entende com a família de Zélio. Enumera, então as razões: a família de Zélio é radical; a família de Zélio não aceita, *engole*, seu relacionamento com Lauro.

Nessa explicação, Lauro constrói sua família como tolerante e a do Zélio como intolerante. Mais uma vez se posiciona como uma pessoa impositiva, entretanto, aqui, isso é um atributo desejado, pois faz com que haja mais clareza nas relações familiares.

“Morando com Zélio” – segunda parte

Nessa crônica, Lauro começa dizendo que começaram a morar juntos há uns quinze anos, mas depois acrescenta que *morar junto na mesma casa direto* foi a partir de noventa e cinco. Para Lauro, morar junto tem relação com dormir junto, pois menciona que, após Zélio comprar um apartamento, dormia muito lá – *ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe*. Coloca, ainda, que, após a morte de seu pai, Zélio ficava na casa dele também:

Segmento 22

T68 – Lauro *agora* a gente começou a morar junto o que uns quinze anos... quinze anos talvez quando ele comprou um (apartam-)-- aí ele quis sair da casa dele que ele também não se sentia bem aí comprou um apartamento lá em são gonçalo (onde) a gente morava↓
aí eu ficava muito lá. ficava lá quatro dias dois dias na casa da minha mãe.
aí meu pai já tinha morrido meu pai morreu em oitenta e cinco↓ oitenta e cinco por aí e aí a gente (fica) ficava na casa da minha mãe ficava lá e ele ficava lá em casa não sei que e aquilo↓ agora morar junto na mesma casa direto a gente mora desde noventa e... acho que noventa e cinco↓ quando essa minha amiga morreu quando essa minha amiga morreu.
há uns oito nove anos por aí essa minha amiga que eu quase tive um filho morreu.

T69 – Tais *aí aí vocês aí já vieram pra cá morar=*

T70 – Lauro *=é. aí não aí a gente veio aí eu comprei um apartamento no catete↓ aí fiz uma reforma e a gente veio pra cá, o zé não queria vir mas eu sempre trabalhei aqui no rio e... queria mudar. aí a gente veio pra cá aí a vida ficou junto ficou boa aí a gente depois mudou de lá ficou um tempo aí veio morar aqui em botafogo aí nós depois viemos (mudamos pra cá) continuamos aqui em botafogo↓ aí compramos essa casa essa casa (já) foi comprada por nós dois. o apartamento do catete foi comprado por mim, o de botafogo aqui na são*

clemente foi comprado por mim↓ mas essa aqui já foi comprada por nós dois a gente já...
as nossas coisas são todas divididas >(é tudo meio misturado mas)< misturada sabe

Lauro marca o início de seu casamento com duas mortes: na primeira etapa, passam a dormir juntos, seja no novo apartamento de Zélio, seja em sua casa, após a morte de seu pai; na segunda etapa, no ano em que sua amiga morreu. Assim, relaciona dois grandes momentos de sua vida – casamento e morte, marcando aquele como transformação tão contundente quanto este.

Lauro enumera as diversas residências que ele e Zélio tiveram e finaliza a crônica dizendo que o último apartamento, o lugar onde estava dando entrevista, foi comprado pelos dois e que dividiam tudo, tudo é uma misturada. Constrói, então, seu casamento como um relacionamento de total parceria.

4.2.2.3 Casamento com o Zélio

Essa história é composta de duas partes, “Muito senhorio” (turnos 114-126) e “Papel feminino” (turnos 126-130). Ela foi gerada quando indaguei sobre ciúme.

Casamento com o Zélio

- T113 – Tais e ciúme é uma coisa...
- T114 – Lauro eu sou ciumento e disfarço muito bem sabe↓ eu sou ciumento mas de atenção sabe
- T115 – Tais hum hum
- T116 – Lauro sabe assim disfarço bem. já fui menos ciumento e estou ficando cada vez mais ciumento↓ e tento me (disfarçar) e tento me segurar porque... não acho que é uma coisa legal não é legal pra mim também. acho que não é legal pra ele e... estou ficando mais ciumento mais possessivo. o tempo tá me dando muito senhorio que eu não tô gostando
- T117 – Tais hum hum
- T118 – Lauro sabe igual como diz uma música “pegando muito ar daquelas” (sabe) “de minha senhora”. é uma música de de sua senhora. fátima guedes é que fala pegando muito ar de sua senhora. não tô gostando. não tô gostando desse negócio (em mim).
ando me segurando mas tô mais possessivo tô fazendo mais cara feia↓ tô isso tô assim mas não acho que tá sendo uma coisa legal. e o zélio por sua vez eu tenho percebido que ele tá mais solto mais leve >ele sempre foi muito mais desesperado< nessa relação sabe↓ (sempre foi muito mais) sempre dava a impressão de que gostava muito mais de mim do que eu gostava dele... e não é que tenha que eu esteja gostando mais ou menos mas é porque eu tô mais possessivo e ele tá menos possessivo muito embora assim a... as demonstrações de carinho de afeto continuam as mesmas↓
aliás ele permanece ele é igual e parece a mesma coisa de quando eu conheci↓

- eu mudei muito mas ele parece a mesma coisa de quando eu conheci há vinte e três anos atrás↓ parece mesmo.
eu mudei eu realmente a frequência sexual eh diminuiu pra caramba↓
 agora outras coisas entram no jo:go outros valo:res. isso no meu caso né me apeguei mais mas ele (cons-) continua com a mesma paixão inclusive física
- T119 – Tais hum hum
- T120 – Lauro sabe aquela paixão física aquele
- T121 – Tais que bom
- T122 – Lauro aquele desejo é legal mas (viu) hh aí fica uma coisa (às vezes eu até não pô)
- T123 – Tais dá um descompasso
- T124 – Lauro dá um certo descompasso porque hoje eu tô muito mais feminino sabe assim dentro do que
- T125 – Tais [hã hã
- T126 – Lauro [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal (outro) também gosto mas gosto né↓ a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma frequência de jeito nenhum e não é na mesma proporção do zélio entendeu?
- T127 – Tais hã hã
- T128 – Lauro já foi mais agora não. meus valores são outros. eu consigo ficar ah semanas sem transar e o zélio se puder transa todo dia. você entendeu?
- T129 – Tais entendi (lógico)
- T130 – Lauro é um descompasso né mas a gente tenta equacionar isso↓ eu já brigo muito às vezes “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir forçado” não sei que. “ah mas se não forçar às vezes não der uma uma prensa você não vai porque você não gosta do”-- e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais ou tô mais... sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso entendeu↓
 >nem pra ele nem pra outros<... >(a mesma coisa)<

“Muito senhorio” – primeira parte

Lauro introduz a narrativa respondendo a pergunta da entrevistadora: *eu sou ciumento e disfarço muito bem sabe*↓ *eu sou ciumento mas de atenção sabe*↓, contudo, coloca já foi menos ciumento e está cada vez mais ciumento e avalia que isso não é *uma coisa legal* para ele, nem para Zélio, o que nos leva a perceber que vai tratar das mudanças ocorridas em seu casamento. Isso é confirmado pela fala no final da introdução, quando diz *o tempo tá me dando muito senhorio*, ou seja, o desenvolvimento do casamento e suas conseqüências serão os temas dessa narrativa.

Lauro prossegue fazendo uma comparação de como tem se sentido com a letra de uma música: está possessivo como se fosse dono de seu marido e avalia que isso não é bom: *tô isso tô assim mas não acho que tá sendo uma coisa legal*. Por outro lado, constrói Zélio como alguém que está mais tranquilo, que os anos de casamento deram

mais segurança: *ele tá mais solto mais leve >ele sempre foi muito mais desesperado< nessa relação sabe*↓.

Ao longo da narrativa, Lauro relata as mudanças ocorridas dentro de si ao mesmo tempo em que fala que Zélio, embora tenha mudado na questão da possessividade, não mudou nas atitudes: *aliás ele permanece ele é igual e parece a mesma coisa de quando eu conheci*↓ *eu mudei muito mas ele parece a mesma coisa de quando eu conheci há vinte e três anos atrás*↓.

A repetição que faz acerca da constância de Zélio nos leva a perceber que algum fato específico o está incomodando - *ele permanece, ele é igual, parece a mesma coisa, ele parece a mesma coisa, parece mesmo* -, o que se confirma quando passa a exemplificar uma de suas mudanças e uma das permanências de Zélio: *eu mudei eu realmente a frequência sexual eh diminuiu pra caramba*↓, *ele (cons-) continua com a mesma paixão inclusive física*. Diante da minha falta de reação, que apenas fiz *hum hum*, Lauro repete – *sabe aquela paixão física aquele* –, o que provoca uma fala minha que não era a desejada – *que bom* –, fazendo com que Lauro precise ser direto – *aquele desejo é legal mas (viu) hh aí fica uma coisa (às vezes eu até não pô)* –, o que permite que eu finalmente entenda aonde quer chegar e complete – *dá um descompasso* –, observação que Lauro concorda, repetindo o que eu disse – *dá um certo descompasso*, esclarecendo o problema.

“Papel feminino” – segunda parte

Segmento 23

- T124 – Lauro porque hoje eu tô muito mais feminino sabe assim dentro do que
- T125 – Tais [hã hã
- T126 – Lauro [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal (outro) também gosto mas gosto né↓ a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma frequência de jeito nenhum e não é na mesma proporção do zélio entendeu?
- T127 – Tais hã hã
- T128 – Lauro já foi mais agora não. meus valores são outros. eu consigo ficar ah semanas sem transar e o zélio se puder transa todo dia. você entendeu?
- T129 – Tais entendi (lógico)

T130 – Lauro é um descompasso né mas a gente tenta equacionar isso↓ eu já brigo muito às vezes “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir força:do” não sei que. “ah mas se não forçar às vezes não der uma prensa você não vai porque você não gosta do”-- e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais ou tô mais... sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso entendeu↓
>nem pra ele nem pra outros<... >(a mesma coisa)<

Lauro começa a segunda parte da história avaliando que hoje em dia é mais feminino e acrescenta *dentro do que [dessa coisa de papel feminino*, fazendo referência a papéis sociais.

Os papéis sociais femininos e masculinos a que se refere são os tradicionais: o homem mantendo intacto seu desejo sexual x valores femininos de companheirismo – *[dentro do que [dessa coisa de papel feminino eu acho o companheirismo mais bacana mais legal*. Lauro busca uma cumplicidade feminina comigo, dizendo: *a gente gosta de ter relação sexual↓ mas não é com a mesma freqüência de jeito nenhum*, ou seja, como sou mulher, também teria essa característica dita feminina de não ter um desejo sexual tão exacerbado quanto o dos homens. Assim, Lauro se coloca dentro de um papel social tradicional, porém deslocado, posto que é um homem dizendo-se mais feminino.

Lauro finaliza a introdução dizendo que seu desejo *não é na mesma proporção* do Zélio, *já foi mais agora não*, seus valores são outros, consegue ficar *semanas sem transar* e seu companheiro *se puder transa todo dia*, por isso o descompasso, que será explorado durante a narrativa.

Lauro fala que tentam equacionar o problema e usa de fala reportada, mostrando o tipo de discussão que esse descompasso gera: “porra (ó) isso vai acabar com a nossa relação porque é ruim você se sentir força:do” /.../ “ah mas se não forçar às vezes não der uma uma prensa você não vai porque você não gosta do”. Ele alega que o fato de não querer com a mesma freqüência não quer dizer que goste menos de relações sexuais: *e o pior é que eu não acho que eu acho que eu gosto até mais só que... gosto mais*, contudo, reflete *ou tô mais...sei lá mais ciente da nossa situação e me sinto até mais feliz com a situação mas ao mesmo tempo: não tenho o mesmo impulso*, ou seja, está

desvinculando o desejo sexual do companheirismo, colocando este último como ter consciência da importância do relacionamento em oposição àquele. Lauro finaliza afirmando enfaticamente que não tem o mesmo impulso *nem pra ele nem pra outros*, certamente para que eu perceba que não é um simples desinteresse após anos de casamento, mas uma mudança de postura, que associa ao papel feminino.

4.2.2.4 Casamento

Essa história é composta de duas explicações, “Sou bem casado” (turnos 292-302) e “Vida a dois” (turnos 332, 334-338, 342), e duas explicações encaixadas “Individualismo exacerbado” (turnos 334, 338) e “Eu também me enganei” (turnos 338-340). Ela surge após Lauro falar sobre o fato de que deveria de ter tido mais relacionamentos com mulheres, mas que não aconteceu e ele tem que conviver com isso.

Casamento

- T292 – Lauro no entanto hoje meu tipo de vida com a vida que eu tenho↓ (pô) eu sou bem casado eu acho que eu sou um cara bem casado sabe↓ assim acho que eu tenho uma posição privilegiada em relação a a muita gente então o cara é bacana é legal, eu sou bacana legal a gente se... (entende)↓ sei lá tem horas assim que eu fico pensando “meu deus”. eu tava falando com a minha sobrinha isso “minha filha não é sexo. é alma.” é uma compreensão tã:ô maior do que (eh) assim é uma cumplicidade que se estabelece tão maior tão mais profunda do que a física que >até física nem tanta né, assim né tem um certo descompasso< mas tem uma cumplicidade espiritual que não é espírito (você me entendeu↓) você entende↑
- T293 – Tais [entendo o que você tá falando
- T294 – Lauro [no sentido do espírito da da da coisa de você conhecer o outro o outro te conhecer, você mentiu o outro saber que você tá mentindo↓ esse jogo pra mim é uma coisa tão excitante↓ tão fascinante sabe↑ da convivência... e do e do amor também (isso tudo) é mesclado com amor é um negócio que (tu me) é um negócio que é muito grande. você entende↑ é uma coisa muito grande é um negócio que não dá pra abrir mão.
- T295 – Tais hã hã
- T296 – Lauro então por mais que eu tenha os meus problemas eu não consigo-- pelo menos até hoje é igual a (aquilo)↓ até hoje eu sei. eu não conseguiria abrir mão hoje conscientemente não conseguiria (abrir) abrir mão disso por mais que isso seja represente algum proble:ma não sei que que “ah e se:?” sabe↑ “e se?” e a vida não é laboratório entendeu ou é isso ou é aquilo. infelizmente. >mas então< isso que eu tenho hoje e que não é só questão de ter uma vida juntos financeira e relativamente estável é uma cumplicidade:: espiritual no sentido de... que às vezes me assusta↓ isso me juro que me assusta é saber que não posso mentir que eu não vou conseguir mentir ou que eu vou mentir e que ele vai saber que eu estou mentindo mas ele vai aceitar porque ele sabe que eu sou assim que às vezes as pequenas mentiras a gente mente faz isso faz aquilo. como eu também percebo assim

- sabe[↑] é uma coisa muito esquisita tais. é muito esquisita[↓] eh e isso é um negócio que eu hoje não conseguiria abrir mão. pra resolver outras coisas você entendeu[↓]
- T297 – Tais é até porque no fundo no fundo todo mundo tá buscando é isso
- T298 – Lauro ih eu acho que [(sim)
- T299 – Tais [encontrar um pessoa
- T300 – Lauro [eu acho que sim.
- T301 – Tais [que afine de não precisar às vezes nem falar=
- T302 – Lauro =não precisar falar e é é uma coisa assim que eu também eu tenho muito disso.
/.../
- T332 – Lauro =entendeu? você é você é e assim e amizade e tolerância e casamento é assim eh...
o limite é saber que você tem seu limite o outro saber que você tem seu limite e assim tentar... manejar né (que) se valer a pena[↓] a gente só tá junto porque vale a pena.
é isso que eu te digo nosso casamento só funciona porque vale a pena[↓] eu não saberia te dizer o quê que eu poderia fazer de melhor se não tivesse o zélio. não sei. não sei.
sinceramente. pode ser que eu veja °(não tô te dizendo)°, mas eu não saberia te dizer se eu poderia estar tendo uma coisa melhor hoje. eu acho que de jeito nenhum estaria então eu estou na situação que eu queria estar. você entendeu?
- T333 – Tais hã hã
- T334 – Lauro é pois é[↓] graças a deus. eh agora tem muita gente ô ô tais que não pensa assim.
eu não sei não sei... menos entre as mulheres (mun-) no mundo gay tem muita gente que pensa assim[↓] não sei também se (pessoas) amigos meus que são meio que desiludidos com com as relação:es né[↑] aí é um pouquinho introjetado demais essa maluquice da: subjetividade individualidade do eu acima de tudo porque pra viver uma relação você tem que... não tô dizendo não tô dizendo não tô dando receita mas assim se pra no meu caso a gente tem que abafar um pouco o ego e é difícil pra caramba
- T335 – Tais hum hum
- T336 – Lauro enxergar o outro ver o limite do outro o espaço do outro... é difícil pra caramba né[↓]
é difícil muito difícil. isso às vezes é pesado a gente briga (pra) caramba mas prevalece sabe[↓] aquilo que eu te falei[↓] a coisa do valer a pena sabe () a gente se engalfinha[↓]
briga mesmo. eu fico insuportável ele também fica insuportável mas prevalece o que é bom[↓] o que é bom tá guardado sabe[↓] não
- T337 – Tais hum hum
- T338 – Lauro o que é bom continua ali muito embora arranhe volta. é legal é legal agora eu sei que não é todo mundo que consegue e também as relações não tão pra isso. eu acho acho inclusive que o mundo não tem preparado as pessoas pra viver isso e nem as pessoas estão convencidas hoje pela própria:: sociedade de que isso é uma coisa muito válida.
estão muito individualizadas (são) “ai o meu espaço”. então às vezes tu vê (a coisa) “ai ai o meu espaço”-- ficam introjetando uma coisa sabe[↑] um (indiv-) um individualismo exacerbado que não traz felicidade e ao mesmo tempo elas ficam sem saber como... dar a volta naquilo. mas é isso que tão que tão passando como: positivo como socialmente válido hoje e:: sabe[↑] até isso eu tive que quebrar porque eu também me enganei com isso. “não e eu e meu prazer e meu corpo e eu eu eu”. quando eu fui perceber que eu não tô sozinho no mundo mesmo. não tem esse papo de que... eu (só me) construo-- a sociologia é maravilhosa né[↓] você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através do olhar do outro você se enxerga.
eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro entendeu[↑]
dependo <profundamente sem sombra de dúvida>. não tenho a mínima vergonha não, eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender [sabe[↑]
[hum hum
- T339 – Tais
- T340 – Lauro mas só assim. é isso.
- T341 – Tais () bom eu acho que é por aí mesmo. eu acho também [()
- T342 – Lauro [é. é. eu também né[↓]
sei lá[↑] né[↓] de repente-- (mas) tô vivendo assim-- tá, de vez em quando eu ()

mas vamos vivendo assim↓ mas a gente vive bem. se dá bem né↓

“Sou bem casado” – primeira parte

Na primeira explicação, Lauro estabelece a proposição de que é bem casado e que isso é um privilégio. A seguir enumera suas razões: ambos são legais; não é só sexo, é alma; há compreensão; há cumplicidade; ambos se conhecem profundamente; os problemas são menores do que as compensações; há cumplicidade espiritual, não só financeira; não consegue mentir ou se conseguir, será aceito.

Ao mesmo tempo, faz várias avaliações acerca do relacionamento: é fascinante; é excitante; é muito grande; é muito esquisito e é assustador, mas não conseguiria viver sem isso.

Lauro constrói sua relação com Zélio como algo mais espiritual do que físico ou financeiro. Constrói a vida a dois como um romance, usando todos os clichês, onde tudo pode ser superado, inclusive as falhas pessoais – *eu não vou conseguir mentir ou que eu vou mentir e que ele vai saber que eu estou mentindo mas ele vai aceitar porque ele sabe que eu sou assim que às vezes as pequenas mentiras a gente mente faz isso faz aquilo*. Dessa maneira, Lauro também está se construindo e construindo seu companheiro como pessoas comuns, com defeitos e virtudes, mas pessoas românticas que acreditam no amor como cumplicidade e conhecimento mútuo.

Após falar sobre amizades e relacionamentos em geral, Lauro retoma a questão do casamento.

“Vida a dois” – segunda parte

A primeira proposição é a de que casamento é tolerância e as razões são: tem que se manejar os limites de ambos; tem que abafar egos; tem que enxergar o outro; tem que ver o espaço do outro:

Segmento 24

T332 – Lauro =entendeu? você é você é e assim e amizade tolerância e casamento é assim eh...

- o limite é saber que você tem seu limite o outro saber que você tem seu limite e assim tentar... manejar né (que) se valer a pena↓
/.../
- T334 – Lauro porque pra viver uma relação você tem que... não tô dizendo não tô dizendo não tô dando receita mas assim se pra no meu caso a gente tem que abafar um pouco o ego e é difícil pra caramba
- T335 – Tais hum hum
- T336 – Lauro enxergar o outro ver o limite do outro o espaço do outro... é difícil pra caramba né↓ é difícil muito difícil. isso às vezes é pesado

A segunda proposição dessa explicação é que o casamento de Lauro vale a pena. As razões são que Lauro não sabe o que poderia fazer melhor sem o Zélio; não teria nada melhor do que tem; o que há de bom supera as brigas:

Segmento 25

- T332 – Lauro /.../
a gente só tá junto porque vale a pena. é isso que eu te digo nosso casamento só funciona porque vale a pena↓ eu não saberia te dizer o quê que eu poderia fazer de melhor se não tivesse com o zélio. não sei. não sei. sinceramente. pode ser que eu veja né °(não tô te dizendo)°, mas eu não saberia te dizer se eu poderia estar tendo uma coisa melhor hoje. eu acho que de jeito nenhum estaria então eu estou na situação que eu queria estar. você entendeu?
- T333 – Tais hã hã
- T334 – Lauro é pois é↓ graças a deus.
/.../
- T336 – Lauro a gente briga (pra) caramba mas prevalece sabe↓ aquilo que eu te falei↓ a coisa do valer a pena sabe () a gente se engalfinha↓ briga mesmo. eu fico insuportável ele também fica insuportável mas prevalece o que é bom↓ o que é bom tá guardado sabe↓ não
- T337 – Tais hum hum
- T338 – Lauro o que é bom continua ali muito embora arranhe volta. é legal. é legal

Lauro constrói a vida a dois como algo difícil, que requer tolerância, tato e sacrifício. Chega a repetir quatro vezes a palavra *difícil*, enfatizando duas vezes, através das palavras *pra caramba* e *muito* – é difícil pra caramba; é difícil pra caramba; é difícil é muito difícil –, além de usar a expressão *às vezes é pesado*, a fim de marcar o grau de trabalho que um casamento necessita.

Ao construir a vida a dois dessa forma, Lauro também está se construindo, posto que é casado, como alguém que respeita os limites do outro, que consegue abafar o próprio ego a fim de garantir um bom relacionamento. Se posiciona como tolerante e determinado, pois ultrapassa dificuldades para viver bem com Zélio. Por outro lado, se constrói e constrói o marido como indivíduos comuns, capazes de ter brigas violentas

com frequência – *a gente briga (pra) caramba; a gente se engalfinha* ↓ *briga mesmo* –, passíveis de mau-humor – *eu fico insuportável ele também fica insuportável*.

O casamento dos dois vale a pena porque, embora sejam pessoas como outras quaisquer, são tolerantes e determinados a fazer a relação funcionar e é isso que prevalece – isso é o lado bom.

“Individualismo exacerbado” – explicação encaixada

A proposição dessa explicação encaixada é a de que nem todos são como Lauro, desejosos de partilhar a vida com alguém. A seguir, enumera as razões: talvez porque desiludidos com as relações; porque têm introjetado demais a subjetividade e a individualidade; o mundo não preparou as pessoas para as relações; a sociedade introjetou nas pessoas de que o individualismo exacerbado é válido; as pessoas não sabem como lidar com o individualismo nas relações:

Segmento 26

T334 – Lauro /.../

eh agora tem muita gente ô ô tais que não pensa assim. eu não sei não sei... menos entre as mulheres (mun-) no mundo gay tem muita gente que pensa assim ↓ não sei também se (pessoas) amigos meus que são meio que desiludidos com com as relação:es né ↑
aí é um pouquinho introjetado demais essa maluquice da: subjetividade individualidade do eu acima de tudo

/.../

T338 – Lauro /.../

agora eu sei que não é todo mundo que consegue e também as relações não tão pra isso. eu acho acho inclusive que o mundo não tem preparado as pessoas pra viver isso e nem as pessoas estão convencidas hoje pela própria:: sociedade de que isso é uma coisa muito válida. estão muito individualizadas (são) “ai o meu espaço”.
então às vezes tu vê (a coisa) “ai ai o meu espaço”-- ficam introjetando uma coisa sabe ↑
um (indiv-) um individualismo exacerbado que não traz felicidade e ao mesmo tempo elas ficam sem saber como... dar a volta naquilo. mas é isso que tão que tão passando como: positivo como socialmente válido hoje

Lauro constrói as pessoas que não estão interessadas em casamentos como pessoas que têm um individualismo exacerbado e, mesmo aquelas que desejariam manter relacionamentos estáveis, não conseguiriam porque teriam introjetado valores de individualidade tão profundamente que isso as tornaria incapazes de lidar com os sacrifícios necessários para a convivência a dois. Assim, marca o social como

determinante da vida dos sujeitos. Por oposição, ele, que é casado, não seria tão determinado pelo social, teria conseguido contornar essa influência, o que podemos confirmar pela explicação encaixada a seguir.

“Eu também me enganei”

Lauro estabelece uma proposição: ele também se enganou como as outras pessoas. A seguir, enumera os motivos: não está sozinho no mundo; as pessoas só se constroem a partir do outro; ele depende do outro; ele só se entende a partir do outro:

Segmento 27

T338 – Lauro /.../

e:: sabe[↑] até isso eu tive que quebrar porque eu também me enganei com isso. “não e eu e meu prazer e meu corpo e eu eu eu”. quando eu fui perceber que eu não tô sozinho no mundo mesmo. não tem esse papo de que... eu (só me) construo-- a sociologia é maravilhosa né[↓] você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através de olhar o outro você se enxerga. eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro entendeu[↑] dependo <profundamente sem sombra de dúvida>. não tenho a mínima vergonha não, eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender

T339 – Tais

[sabe[↑]
[hum hum

T340 – Lauro

mas só assim. é isso.

Lauro encaixa essa explicação mostrando, novamente, que é um homem comum. Como as pessoas de uma maneira geral, também foi seduzido pela idéia de individualismo, da preocupação consigo próprio. Contudo, superou essa fase, aprendeu que precisa do outro.

Lauro marca a necessidade que tem do outro através de repetição e ênfase: *eu não tô sozinho no mundo mesmo; você só se constrói como o homem (vivendo) na sociedade através do olhar do outro você se enxerga; eu dependo sinceramente dependo profundamente do outro; dependo <profundamente sem sombra de dúvida>; eu dependo sim dependo porque só assim é que eu (me) consigo me entender*. Lauro, ainda, amplia o escopo da dependência acrescentando ao verbo “depende” a palavra *profundamente*, que depois repete enfatizando tanto no volume, quanto na fala mais vagarosa – <profundamente sem sombra de dúvida> –, como também pelo acréscimo da expressão *sem sombra de dúvida*. Dessa forma, se posiciona como dependente, mas este é um

atributo desejado, posto que é resultado de uma reflexão e está em oposição ao individualismo, que torna as pessoas intolerantes e incapazes de se relacionar com os outros.

“Vida a dois”

Lauro retoma a explicação “Vida a dois” a fim de finalizar a história, concluindo que ele e Zélio vivem bem:

Segmento 28

T341 – Tais () bom eu acho que é por aí mesmo. eu acho também [()
 T342 – Lauro [é.é. eu também né↓
 sei lá↑ né↓ de repente-- (mas) tô vivendo assim-- tá, de vez em quando eu () mas vamos vivendo assim↓ mas a gente vive bem. se dá bem né↓

4.2.2.5 Cantando na nota errada

A história surge após eu perguntar sobre a fase de “galinhagem”, quando uma pessoa tem vários casos fortuitos. Compreendendo os turnos 36-40, é composta de duas partes: “Antes de tudo sou homem” (turnos 36, 40) e “Namoricos” (turno 38).

Cantando na nota errada

T25 – Tais =todo mundo me fala de uma (fa-) de uma primeira fase de=
 T26 – Lauro =adolescência?
 T27 – Tais é. de quando [()
 T28 – Lauro [de juventude?
 T29 – Tais () é. de juventude↓ de uns dezenove anos↓ uma fase (que a gente chama de fa-) fase da galinhagem.
 T30 – Lauro é?
 T31 – Tais () a maioria [()
 T32 – Lauro [não não [eu
 T33 – Tais [(você deu) sorte [(logo no princípio)
 T34 – Lauro [é. eu nunca fui eu--
 sempre assim sabe↓ assim eu sempre quis ser mais galinha mas eu nunca fui galinha. sempre fui (meio) assim
 T35 – Tais (nunca foi seu seu instinto)
 T36 – Lauro nunca foi. eu até me forçava antes da gente se conhecer de ter essa auto conhecimento né↓ você fica assim “ah pô perai pô eu não sou feio eu não sou isso não sou aquilo pô, deixa eu aproveitar.” mas... era como se eu tivesse cantando na nota errada. não me saía bem não gostava↓ acho (mas ao) mesmo tempo que eu achava ridículo querer já ficar

- junto de sabe assim meio casado meio achava ridículo, “não↓ tem que aproveitar porra↓ sou homem antes de tudo sou homem né↓ tem que botar pra quebrar.” mas tu sabe que eu vou te falar eu tive muitas a... tive muitas oportunidades, mas se eu te disser que eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive↓ é é isso. eu não tive não tive uma vida... assim sexual amorosa. tive () gostei me interessava mas sexual nunca tive muita porque também não não era não batia muito comigo, muito embora eu me sentisse como homem na obrigação de galinhar↓ mas é aquilo que eu te disse↓ achava que eu estava cantando na nota errada↓ mal. me sentia mal.
- T37 – Tais e você logo que você começou você abriu logo pra pra tua família
- T38 – Lauro olha só é assim↓ eu tinha quando era menor quinze treze doze anos sei lá o quê, a gente tem aqueles contatos com os coleguinhas rola mesmo quer dizer pelo menos comigo rolou é primos, colegas, assim↓ mas é uma coisa mas pode ser com prima também↓ podia ser com prima essas coisas... (pra) depois eu me apaixonei por muitas meninas também me apaixonei por muitas meninas↓ assim nunca tive () sempre fui tímido também nunca fui galinha essas-- (uma porção de) de coisas malucas mas mas assim com... dezoito anos foi que eu realmente me apaixonei e aí fiquei logo junto. fiquei junto o que? uns nove meses por aí. aí depois fiquei um tempão sozinho↓ uns dois anos↓ você imagina vinte anos dezoito anos dezoito anos vinte anos uns dois anos sozinho aí tive uma um caso assim↓ (uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça. aí depois também (mal) só uma vez que eu consegui transar com uma pessoa que eu conheci no mesmo dia pra você ter uma idéia↓ só uma vez. é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe↓ (eu não queria) é chato ()
- T39 – Tais [((risos))
- T40 – Lauro [“(uma pessoa) muito legal tenho que me dar liberdade” sabe↑ (aquele) papo furado “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer.” qual nada. achei uma porcária.

Podemos perceber que Lauro não entende minha pergunta: eu pergunto sobre uma fase de “galinhagem” devido à necessidade de experimentar relacionamentos gays diversos e ele interpreta como uma simples fase da juventude; por fim, desisto e trato dessa “galinhagem” em termos de juventude. Lauro demonstra sua surpresa com a pergunta *é?* e justifico alegando que a maioria dos meus entrevistados menciona essa fase.

“Antes de tudo sou homem” – primeira parte

Como Lauro interpretou meu interesse pela sua fase de aventuras em geral, não como uma fase seguinte à descoberta de sua homoafetividade, começa a sua narrativa dentro daquele tema.

Segmento 29

T36 – Lauro nunca foi. eu até me forçava antes da gente se conhecer de ter essa auto conhecimento né↓ você fica assim “ah pô peraí pô eu não sou feio eu não sou isso não sou aquilo pô, deixa eu aproveitar.” mas... era como se eu tivesse cantando na nota errada. não me saía bem não gostava↓

Lauro introduz a narrativa resumindo do que tratará: de como acreditava dever ter relações casuais, mas de como isso não era sua maneira de ser. Usa de fala reportada para marcar o porquê de ter que sair mais, mas avalia que estava *cantando na nota errada*, que não se saía bem.

Segmento 30

T36 – Lauro /.../
 acho (mas ao) mesmo tempo que eu achava ridículo querer já ficar junto de sabe assim meio casado meio achava ridículo, “não↓ tem que aproveitar porra↓ sou homem antes de tudo sou homem né↓ tem que botar pra quebrar.” mas tu sabe que eu vou te falar eu tive muitas a... tive muitas oportunidades, mas se eu te disser que eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive↓

No segmento acima, Lauro usa de discurso reportado para marcar seu conflito interno, como se estivesse brigando consigo mesmo, inclusive enfatizando a palavra *porra*. A argumentação que faz para si mesmo é baseada em papéis de gênero: faz parte de ser homem ter vários relacionamentos.

Segundo Goldenberg (1991:22), dois dos componentes fundamentais da construção social da identidade masculina no Brasil são a afirmação da masculinidade através do relacionamento sexual com uma mulher e a negação da homossexualidade. Ainda segundo a autora, a performance sexual está ligada à potência e à frequência, não necessariamente ao prazer com os parceiros (Goldenberg, 1991:22). Heilborn observa a importância dos relacionamentos sexuais na construção de identidade masculina. Segundo ela, “Na construção do gênero masculino, a despeito das significativas diferenças de classes, há um patamar compartilhado que se refere a certos contornos culturais da sociedade brasileira: o manejo da atividade sexual por parte dos sujeitos é capital para a constituição de suas identidades de gênero” (Heilborn, 1999:43). A

necessidade de sexo se inscreve corporalmente e se une ao desejo de dar satisfação à sociedade de mostrar-se homem (Heilborn, 1999:45).

Aparentemente, é uma contradição: Lauro é gay, mas está se cobrando atitudes de homens heterossexuais, que visam a estabelecer uma identidade de gênero masculina. Contudo, se considerarmos a reflexão de Bourdieu ([1998]1999:9),

“As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjuram-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os “gêneros” como *habitus* sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade”,

percebemos que Lauro está, novamente, estabelecendo uma ligação mimética entre sexo e gênero (Butler, 1990:24). Lauro quer agir como o esperado dele, vários casos fortuitos, mas coloca que *eu conto nas minhas mãos as vezes a... as transas que eu já tive*↓, novamente revelando uma outra opção de performance diferente daquelas que a sociedade colocava à sua disposição. Embora Goldenberg (1991:26) alegue que a variedade de parceiras sexuais seja vista criticamente pelos homens moradores da zona sul hoje (década de 90), Lauro está tratando da época em que tinha em torno de 18, 20 anos, ou seja, de cerca de 22 anos atrás, mais precisamente da década de 80 que se, por um lado, foi a década seguinte à revolução sexual no Brasil, por outro, foi uma década marcada pela retomada de alguns valores tradicionais, representados pela figura do *yuppie* em contraposição ao *hippie*.

Lauro, embora seja um doutorando em educação, ou seja, tem acesso à informação especializada, não consegue, em sua vida privada, distanciar-se completamente dos papéis de gênero de uma sociedade dicotomizada, onde homem x mulher é quase que sinônimo de masculino x feminino, e da questão de ter que escolher qual o seu lugar nesta dicotomia. Ora, se possuir sexo masculino, biológico, é o mesmo que pertencer ao gênero masculino, então, não lhe resta outra alternativa que não seja buscar o padrão comportamental esperado dele. Por outro lado, Lauro se desvia dessa

matriz de heterossexualidade (Butler, 1990), ao buscar relacionamentos casuais com pessoas do mesmo sexo, desnaturalizando, assim, as performances de gênero. Lauro se posiciona como homem, mas como um homem deslocado, que não segue o esperado dele em termos de papéis sociais.

Segmento 31

T36 – Lauro é é isso. eu não tive não tive uma vida... assim sexual amorosa. tive () gostei me interessava mas sexual nunca tive muita porque também não não era não batia muito comigo, muito embora eu me sentisse como homem na obrigação de galinhar↓

O resultado de seu conflito é que, embora se *sentisse como homem na obrigação de galinhar*, não conseguia, pois *não batia muito* com ele.

Segmento 32

T36 – Lauro mas é aquilo que eu te disse↓ achava que eu estava cantando na nota errada↓ mal. me sentia mal.

Lauro finaliza avaliando que se *sentia mal*, que *estava cantando na nota errada*, ou seja, estava tentando ser/fazer aquilo não era/não queria fazer. Ele encerra a primeira parte da história se construindo como um homem deslocado da matriz de heterossexualidade (Butler, 1990).

“Namoricos” – segunda parte

Essa narrativa surgiu após uma pergunta minha que foi ignorada; o sujeito queria continuar a falar sobre não gostar de casos fortuitos.

Segmento 33

T37 – Tais e você logo que você começou você abriu logo pra tua família

T38 – Lauro olha só é assim↓ eu tinha quando era menor quinze treze doze anos sei lá o quê, a gente tem aqueles contatos com os coleguinhas rola mesmo quer dizer pelo menos comigo rolou é primos, colegas, assim↓ mas é uma coisa mas pode ser com prima também↓

podia ser com prima essas coisas... (pra) depois eu me apaixonei por muitas meninas também me apaixonei por muitas meninas↓ assim nunca tive () sempre fui tímido também nunca fui galinha essas-- (uma porção de) de coisas malucas mas assim com... dezoito anos foi que eu realmente me apaixonei e aí liquei logo junto. fiquei junto o que? uns nove meses por aí. aí depois fiquei um tempão sozinho↓ uns dois anos↓ você imagina vinte anos dezoito anos dezenove anos vinte anos uns dois anos sozinho e aí tive um caso assim↓ (uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça. aí depois também (mal) só uma vez que eu consegui transar com uma pessoa que eu conheci no mesmo dia pra você ter uma idéia↓ só uma vez. é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe↓ (eu não queria) é chato ()

Lauro começa dizendo *olha só é assim*↓, o que gerou a expectativa de que iria responder à minha proposta, mas não é isso que ocorre. Nessa narrativa, ele enumera namoricos que teve ao longo de sua adolescência: fala de contatos com colegas, primos, primas; fala que se apaixonou por meninas. Por fim, coloca que se apaixonou aos 18 anos e que ficou estável por cerca de 9 meses. Após este namoro, fala de dois anos em que ficou sozinho e avalia: *aí depois fiquei um tempão sozinho*↓; *você imagina vinte anos dezoito anos dezenove anos vinte anos uns dois anos sozinho*. A ênfase no espaço de tempo e o estabelecimento da idade que tinha na época nos permite concluir que acreditava este ser um longo período sozinho, considerando-se sua idade na ocasião.

Lauro prossegue relatando que teve um caso de cerca de 3 meses e avalia: *(uns) três meses que não era nada pessoa sem graça não achava a menor graça*. Ainda seguindo em sua enumeração, comenta, avaliando, que somente uma vez conseguiu ter relações com alguém que conheceu no mesmo dia. Por fim, encerra com uma avaliação: *é uma coisa que não não bate comigo. e achei horrível sabe*↓ *(eu não queria) é chato ()*

Lauro continua a se construir como um homem deslocado. Destaca, através da enumeração de namoricos, que teve seus casos, porém, que isto não se afina com sua maneira de ser. Essa narrativa reafirma a anterior, que trata de seu desconforto com a suposta obrigação a que os indivíduos do sexo masculino têm: “galinhar”. Assim, confirma sua posição de homem deslocado.

“Antes de tudo sou homem”

Segmento 34

T39 – Tais [(risos)]

T40 – Lauro [“(uma pessoa) muito legal tenho que me dar liberdade” sabe↑ (aquele) papo furado “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer.” qual nada. achei uma porcaria.

Lauro retoma a primeira parte, “Antes de tudo sou homem”, a fim de encerrar a história “Cantando na nota errada”. Ele volta a narrar acerca de suas exigências internas – “(uma pessoa muito legal tenho que me dar liberdade”; “tenho que me dar liberdade, tenho que transar, tenho que me dar, tenho que conhecer” –, faz avaliações – (aquele) papo furado; qual nada; achei uma porcaria. –, novamente se construindo como homem deslocado, cuja experiência vivida mostrou que casos fortuitos não se afinavam a sua maneira de ser.

Lauro, através de suas histórias, se posiciona sobretudo como um ser deslocado, *meio diferente*: pode se alinhar com heterossexuais, sejam homens ou mulheres, se posicionando como homoafetivo. Mas mesmo como homoafetivo seria deslocado, não teria os comportamentos e atitudes esperados da maioria dos gays.

Ao falar de seu amigo super viado, casado com uma mulher, Lauro desnaturaliza categorias de gênero, estabelecendo que a homoafetividade não é mera prática de desejo por pessoa de mesmo sexo.

O que fica claro, a partir de suas narrativas, é que a matriz cultural que torna uma identidade de gênero inteligível, isto é, que liga sexo biológico, gênero culturalmente constituído e a expressão de ambos através do desejo sexual pela prática sexual (Butler, [1990] 2003: 38), não dá conta do que ocorre na realidade.

4.3 Zélio

A entrevista foi feita em sua casa, após ter entrevistado seu marido (Lauro não ficou presente na sala, embora estivesse em casa). Zélio contou menos histórias que os outros sujeitos de pesquisa aqui analisados, contudo, os relatos foram bem interessantes e analisei aqueles que retratavam seu casamento, sua visão sobre homoafetividade, sua infância e sua família.

Assim como Lauro, apresenta posicionamentos e alinhamentos variados. Entretanto, não privilegia uma unidade discursiva em particular em suas histórias: foram quatro explicações, seis narrativas e uma crônica. Quanto a marcadores discursivos, a repetição foi o instrumento mais utilizado por ele.

4.3.1 Homoafetividade e família

Nessa parte, analiso as histórias que tratam de definições que Zélio fornece acerca de homoafetividade, de suas impressões sobre seus sentimentos durante a infância e da reação de sua família com sua escolha.

4.3.1.1 Ser gay é como ser hetero

Esta história foi motivada por uma pergunta minha, no início da entrevista. Compreende os turnos 38 a 44, sendo composta de duas partes: uma explicação, “Não tem problema ser gay” (turnos 38-42) e a narrativa “Quero essa relação” (turnos 42-44).

Ser gay é como ser hetero

T37 – Tais isso aí é só pra eu () eh que que é pra você ser gay, zélio?

T38 – Zélio ... nada muito diferente do que não ser eh entendeu↓
 é... ou um pouco opção ou uma u:m o que↑ surgiu na minha vida uma opção e:: foi super tranquilo assumir isso, eu tinha dezoito anos de idade e eu cheguei: >sei lá< eu tinha uma namorada tinha tido já algumas namoradas mas acabei sentindo atração por (por) homem e:: tudo bem. fui embora ver o que que era, entendeu↓ e foi foi tranquilo sem problema. sem problema. então eu não vejo... é quer dizer é claro existe um... preconcei:to né↑

- que você ainda percebe algumas coisinhas, mas acho que é muito é muito de como você se coloca entendeu↓ né↑ ver aquelas pessoas e... eu nu:m não tenho nenhum problema não.
- pra mim eu acho que ser gay é: como ser hetero ()
- T39 – Tais hã hã
- T40 – Zélio não sinto uma diferença assim muito grande
- T41 – Tais e você (falou que essa transição) de assumir foi super tranqüila sem problema.
- T42 – Zélio tranqüilo. sem problema. sem problema nenhum. não tive nenhum problema↑ foi tipo assim “bem eu acho que:... eu gosto disso. vou ver qual é a boa” entendeu↓ e e começou logo com uma relação: o↓ foi com o lauro↓ começou logo com uma relação com ele uma relação eh legal quer dizer (hum)... a gente brigou muito↓ acho que é porque eu era muito novo também né↑
- T43 – Tais [hã hã
- T44 – Zélio [eh tipo assim “ah eu quero conhecer muitas pessoas quero ter muitas experiências.” e com isso:: você acaba >quer dizer< isso mais por parte dele. eu tava muito a fim de investir na relação↑ e:: ele: sempre meio mais maluquinho do que eu né↓ ma:s eu fui insis- muito certo do que eu queria. (assim) “não, tô a fim de investir vou investir nessa relação e tal”. aí foi meio complicado no início mas depois... foi super tranqüilo.

“Não tem problema ser gay” – primeira parte

Zélio começa a explicação com uma proposição sobre o que é ser gay – *nada muito diferente do que não ser*. As razões seriam: porque não teve problemas para assumir sua homoafetividade; porque soube se colocar.

A fim de reforçar sua proposição, repete exaustivamente que não teve problemas para assumir sua homoafetividade: *foi super tranqüilo assumir isso, foi tranqüilo sem problema, sem problema, eu nu:m tenho nenhum problema, tranqüilo, sem problema, sem problema nenhum*. Embora estabeleça que a pessoa precisa se colocar, reconhecendo, então, que há um estigma em torno de sua prática sexual, não aceita o estigma e alinha-se com os “normais”.

A seguir estabelece outra proposição – *ser gay é um pouco opção* – e coloca a razão: porque havia tido relacionamentos com mulheres, mas, quando sentiu-se atraído por homens, resolveu *ver o que que era*.

Zélio repete a primeira proposição duas vezes – *pra mim eu acho que ser gay é: como ser hetero, não sinto uma diferença assim muito grande* –, ou seja, desafia a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo com a relação sexo-gênero-prática sexual-desejo e dissemina uma matriz rival e subversiva de desordem de gênero (Butler, [1990]2003:39). Assim, posiciona-se como gay, mas não no sentido binário, em oposição ao

heterossexual, posto que, ao estabelecer que ser gay é como ser heterossexual, está se alinhando com este.

“Quero essa relação” – segunda parte

Segmento 1

T42 – Zélio /.../

não tive nenhum problema[↑] foi tipo assim “bem eu acho que:... eu gosto disso. vou ver qual é a boa” entendeu[↓] e e começou logo com uma relação: o foi com o lauro[↓] começou logo com uma relação com ele uma relação eh legal quer dizer (hum)... a gente brigou muito[↓] acho que é porque eu era muito novo também né[↑]

T43 – Tais [hã hã

T44 – Zélio [eh tipo assim “ah eu quero conhecer muitas pessoas quero ter muitas experiências”. e com isso:: você acaba >quer dizer< isso mais por parte dele. eu tava muito a fim de investir na relação[↑] e:: ele: sempre meio mais maluquinho do que eu né[↓] ma:s eu fui insis- muito certo do que eu queria. (assim) “não, tô a fim de investir vou investir nessa relação e tal”. aí foi meio complicado no início mas depois... foi super tranqüilo.

Zélio introduz a narrativa com uma reflexão – *não tive nenhum problema[↑]* - e relata, através de discurso reportado, marcando sua reflexão interna, que resolveu experimentar uma relação homoafetiva. Contudo, a questão de ter ou não problema não se refere mais ao fato de assumir que podia ser gay, mas ao seu namoro com Lauro. Embora avalie sua relação como *legal*, inclusive enfatizando a palavra, resume do que tratará a segunda parte da história: das brigas que tiveram – *a gente brigou muito[↓]*.

A ação começa com uma avaliação – *acho que é porque eu era muito novo também né[↑]* –, o que nos leva a pensar que o discurso reportado que vem a seguir é uma fala do próprio Zélio, entretanto, logo faz um reparo dizendo que se trata de Lauro, que mais adiante avalia como *meio maluquinho*. Finaliza a história falando que no início foi meio complicado, mas que depois tudo foi super tranqüilo, isto é, teve problemas, mas foram resolvidos.

Zélio posiciona-se como determinado e assertivo. Nas falas reportadas, se coloca como alguém que sabe o que quer e luta para conseguir seu objetivo. Ainda que

possamos perceber que talvez pudesse ter evitado alguns conflitos, posto que se auto-avalia como muito novo na época do início do namoro, ou seja, em alguns momentos pode ter brigado por motivos infantis, sua posição é a de uma pessoa que assume seus desejos e não recua diante de problemas.

Na história “Ser gay é como ser hetero”, Zélio posiciona-se como gay, mas alinha-se com os heterossexuais, revelando que o binarismo não dá conta do que ocorre na realidade. Além disso, na segunda parte da história, os conflitos narrados acerca de seu namoro com Lauro não têm relação com o fato de serem homoafetivos; são brigas comuns a qualquer relacionamento que se inicia, sobretudo porque avalia que o fato de ser novo é que pode ter contribuído para os problemas. Assim, confirma seu posicionamento como gay e seu alinhamento com heterossexuais, deslocando a matriz cultural de inteligibilidade.

4.3.1.2 Minha família não quer saber

Na história anterior, ao falar sobre ter assumido que era gay, Zélio não menciona a reação de sua família, o que me levou a perguntar sobre a reação de sua irmã, motivando a explicação “Minha família não quer saber” (turnos 46-60).

Minha família não quer saber

- T45 – Tais e na na sua família a sua irmã como é que ela
 T46 – Zélio ah não eh eh quer dizer... minha irmã já já abri pra ela e meus pais preferem que eu não abra né↓
 T47 – Tais hum hum
 T48 – Zélio preferem que:... >quer dizer< que eu não... fale pra eles. mas claro que sabem. ((palavra anterior meio rindo)) minha mãe não. minha mãe é mais tranquila mas meu pai não gosta, com certeza acha que eu deveria casar essa coisa toda. minha irmã também: m ela não se mete mas também não é muito legal >entendeu↓< porque ela é... ela é::... ela é protestante então já acha que isso não é muito ce::rto aquela coisa toda=
 T49 – Tais =e qual igreja?=
 T50 – Zélio =universal do reino de deus.
 T51 – Tais universal do reino
 T52 – Zélio é. essa coisa essa maravilhosa igreja↓
 T53 – Tais ((risos)) eu sou (muito suspeita pra falar) [() [
 T54 – Zélio [eu odeio essa igreja. eu odeio. olha que podia pode ser qualquer outra ((palavra anterior meio rindo)) menos essa. eu falo pra ela “não podia ter escolhido uma outra qualquer? logo essa?”
 T55 – Tais ((risos))

- T56 – Zélio eu escullhambo ((palavra anterior meio rindo)) (com ela).
mas ela tá feliz eu acho que sei lá. é
- T57 – Tais é escolha dela
- T58 – Zélio é escolha dela. é isso aí. o seu caminho
- T59 – Tais e... e você falou que seus pais você acha que eles preferem... não saber↓
- T60 – Zélio é. não, saber eles sa- claro que eles sabem pô. há-- que? há vinte e poucos anos que eu não apareço com uma namorada ((palavra anterior meio rindo)) na casa deles ((risos)) e vou e vivo com outro homem↑

A primeira proposição feita por Zélio é a de que seus pais preferem que não fale que é gay. No início da explicação, coloca que preferem que *não abra*, depois faz um reparo dizendo, com ênfase no verbo falar, que preferem que *não... fale pra eles* e enumera as razões: eles já sabem, pois, além de não aparecer nunca com nenhuma mulher, há muitos anos vive com um homem; o pai não gosta de sua opção. Talvez o aspecto mais interessante dessa proposição seja de que a questão não é saberem que é gay, mas de ouvirem do filho que é gay. É como se falar sobre o assunto desse mais substância a ele, tornando-o mais real e, portanto, obrigando as pessoas a se posicionarem com relação ao fato narrado. Se considerarmos que uma das estratégias de evasão na conversação é o silêncio (Galansinski, 1996; Maynard, 1980), percebemos o porquê de os pais preferirem que Zélio não fale sobre sua homoafetividade, evitando, assim, uma situação de conflito. Contudo, não podemos deixar de lembrar que é ele quem diz que não querem que fale, portanto, talvez seja ele próprio quem esteja evitando o conflito, atribuindo aos pais sua decisão.

A segunda proposição é a de que sua irmã não interfere, mas também não ajuda – *minha irmã també:m ela não se mete mas também num não é muito legal*. A razão para isso seria o fato de ela ser evangélica e evangélicos não aprovariam sua prática sexual.

Respondendo à pergunta da entrevistadora, Zélio encaixa uma informação (Norrick, 2000) na explicação, onde relata sua insatisfação com a escolha religiosa da irmã:

Segmento 2

- T49 – Tais =e qual igreja?=
T50 – Zélio =universal do reino de deus.
T51 – Tais universal do reino
T52 – Zélio é. essa coisa essa maravilhosa igreja↓

- T53 – Tais ((risos)) eu sou (muito suspeita pra falar) [()
- T54 – Zélio [eu odeio essa igreja. eu odeio. olha que podia pode ser qualquer outra ((palavra anterior meio rindo)) menos essa. eu falo pra ela “não podia ter escolhido uma outra qualquer? logo essa?”
- T55 – Tais ((risos))
- T56 – Zélio eu esculhambo ((palavra anterior meio rindo)) (com ela). mas ela tá feliz eu acho que sei lá. é
- T57 – Tais é escolha dela
- T58 – Zélio é escolha dela. é isso aí. o seu caminho.

Zélio desaprova veementemente a igreja que sua irmã frequênta, não o fato de ser evangélica. Ainda assim, coloca que se está feliz, só lhe resta aceitar – *mas ela tá feliz eu acho que sei lá.; é escolha dela. é isso aí. o seu caminho* – posicionando-se, então, como tolerante.

Percebemos que a informação aqui é importante no curso da história, pois revela um posicionamento do falante. Um outro ponto que não podemos deixar de mencionar é o de que pode ser encaixada na unidade discursiva explicação, não só na narrativa de tipo laboviano, ampliando, assim, os elementos possíveis dentro daquela unidade discursiva.

4.3.1.3 Sou gay

A história emergiu após eu pedir para que dissesse como se via em termos de identidade de gênero. Zélio respondeu pensando em termos de posicionamento político. Ele mesmo percebeu que talvez tivesse desviado do foco da pergunta e confirmou comigo se era aquilo que eu queria. Embora meu objetivo fosse outro, achei melhor deixar que prosseguisse com sua linha de raciocínio para ver aonde queria chegar.

A história é uma explicação e começa no turno 314, se estendendo até o turno 332.

Sou gay

- T311 – Tais e me diz uma coisa e nessa coisa da identidade ((tosse)) a gente sempre... eh divide- claro que a gente sabe que as coisas não são estãques né↑ sempre divide. eh sexo biológico a orientação sexual que tá pautada num na atividade sexual preferida.

- e a questão de identidade de gênero... pra você como é que é?
(quem que) você acha que tem uma identidade... gay... sua ou ou não é nada disso não não tem identidade de gênero ou é masculino ou é feminino ou é um contínuo [como é que é pra você
- T312 – Zélio [como eu me acho (se eu ah) que eu sou...
- T313 – Tais assim identidade de gênero. como você se vê em identidade de gênero.
- T314 – Zélio não, eu sou gay. eu sou gay até politicamente e sou a coisa que: né↑ você ah eu sou eu sou eu sou:: eu me acho... eu sou homem-- não, eu sou homem claro.
mas politicamente correto eu sou gay ((batida)) e: eu acho que todo gay tem que ser gay ((batida)) até pra poder fortalecer isso e tentar acabar um pouco com o preconceito.
não sei se é isso que você tá querendo que eu [né↑ a pergunta
[não eu queria isso mesmo
- T315 – Tais [né↑ entendeu de tentar romp- fazer com as pessoas né↑ assumir isso de uma maneira legal não é se coloc- não é-- por exemplo muita gente acha que o gay é é: aquela bicha maluca que vai sair dando pra todo mundo comendo todo mundo ou ou agarrando: entendeu↓ o primeiro homem que vê na rua
- T317 – Tais [associa com
- T318 – Zélio [bicha maluca né bicha maluca
- T319 – Tais [associa com promiscuidade e (irresponsabilidade)
- T320 – Zélio [promiscuida:de ou então aquela ou então aquela: aquela festa da banda de ipanema que é legal divertida entendeu↓ mas que o gay é aquilo é
- T321 – Tais hã hã
- T322 – Zélio é é carnaval fantasia. não. gay não é:: um modo- quer dizer é modo de vida né↓ modo de vida não, mas é uma opção sexual que tem que ser () tem que ser respeitada entendeu como qualquer outra e... e eu acho então que a gente tem que se colocar e e se fazer respeitado e assumir que é gay até porque as pessoas “tá vendo? olha”... não tem nada a ver entendeu↓ eh... não tem nada não é diferente de ninguém.
é igual é igual a qualquer um. é uma opção sexual que vive igual a mim igual a qualquer outra pessoa, fica de galinhagem um dia com com os amigos, que eu já fiquei muitas vezes de galinhagem como te falei (em praia) de de brincadeira de de de farra e: como qualquer pessoa também que você pega os seus amigos e () nenhum é é isso entendeu↓ eu sou eu sou gay me assumo como gay ((duas batidas)) porque eu acho que a gente tem que assumir ((batida)) pra poder fortalecer isso e fazer com que isso hh transforme um pouco né↓ essa opinião de: gueto (promiscuo)... é é (bo) são bolhas né↑
- T323 – Tais hã hã
- T324 – Zélio não tem nada muito:
- T325 – Tais (>é isso que eu acho<) e essa coisa do do você você já fez parte de algum grupo?
- T326 – Zélio não
- T327 – Tais de...
- T328 – Zélio não
- T329 – Tais de militância (qualquer)?
- T330 – Zélio não não. só do pt.
- T331 – Tais hum hum
- T332 – Zélio eu fiz parte assim >quer dizer< não a militância gay dentro do pt. mas a única única militância ((batida)) que eu fiz até hoje foi partici- partidário.

Zélio começa a explicação se posicionando como gay e faz a proposição de que gay tem que assumir que é gay – *eu acho que todo gay tem que ser gay*. A seguir, enumera as razões: para fortalecer isso (homoafetividade); para diminuir o preconceito;

para alterar a imagem que as pessoas têm de gays; para ser respeitado; para mostrar que gays são como qualquer outra pessoa; para causar transformações.

Segundo Goffman ([1963]1975:13), o estigma é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”. Zélio, ao colocar que deve-se alterar a imagem que as pessoas têm de gays, está tratando dos estereótipos (*bicha maluca*, que quer “comer” ou “agarrar” todo mundo; travestis do carnaval, festeiros), que acabam por exacerbar a consciência do “eu” e do “outro” nas interações mistas (Goffman, [1963]1975:28):

Segmento 3

T322 – Zélio /.../

e eu acho então que a gente tem que se colocar e e se fazer respeitado e assumir que é gay até porque as pessoas “tá vendo? olha”

No segmento abaixo, Zélio busca uma definição para gay diferente dos estereótipos que havia citado:

Segmento 4

T322 – Zélio /.../

gay não é:: um modo- quer dizer é modo de vida né↓ modo de vida não, mas é uma opção sexual que tem que ser () tem que ser respeitada entendeu como qualquer outra

/.../

[gay] é igual é igual a qualquer um.

é uma opção sexual que vive igual a mim a qualquer outra pessoa

Primeiramente, Zélio coloca que gay não é um modo de vida, seguido de um reparo, onde diz que é modo de vida. Ou seja, trata acarretamento como definição – por ser estigmatizado, pode acarretar um modo de vida em particular, uma busca pelos guetos, uma postura combativa, etc. Insatisfeito com a própria definição, estabelece que gay é uma opção sexual que tem que ser respeitada. Mais adiante, diz que gay é igual a qualquer um. Então, gay não é a opção sexual, ainda que a inclua.

Na verdade, Zélio tratou gênero como categoria de representação política. Ainda que afirme que nunca fez militância gay, assume sua homoafetividade também como forma de transformação social. Quando, em sua explicação, coloca que ser gay é ser igual a qualquer pessoa, mas, ao mesmo tempo, propõe que todo gay tem que se assumir,

portanto, marcar sua prática sexual como representação de um gênero, está buscando representatividade política, ainda que à custa de correr o risco de reificar inconscientemente as relações de gênero estabelecidas (Butler, [1990]2003: 22-23), já que não há como recusar a política representacional (p.22). Entretanto, o gênero que apresenta está fora da matriz de inteligibilidade, logo, está, de certa forma, formulando, “no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (Butler, [1990]2003: 22).

4.3.1.4 Eu sentia uma atração diferente

A conversa transcorria sobre um episódio que havia acontecido na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro quando um deputado sugeriu tratamento para reversão de homossexuais. Zélio ficou surpreso com o meu comentário de que o Conselho Regional de Psicologia proibia qualquer tratamento com fins de alteração de orientação sexual e falou que não sabia disso. Eu, então, disse que havia pesquisado antes de fazer as entrevistas, pois não era homem, nem gay, portanto, tinha que me informar. Essa observação suscitou a curiosidade do entrevistado, que perguntou se a pesquisa era apenas com homens gays. Após receber uma resposta afirmativa, com a justificativa do porquê de serem somente homoafetivos de sexo masculino, Zélio começou sua história.

A narrativa começou no turno 466 e se estendeu até o turno 474.

Eu sentia uma atração diferente

- T464 – Zélio [esse seu trabalho esse seu trabalho é só com gays [homens
T465 – Tais [masculinos. ((Zélio fala °ah°))...
porque eu fiz um mestrado com masculinidade. então... esse lastro do que deve ter sido a
infância em termos de de ideais e expectativas isso eu tinha estudado. o homem↓
mas eu eu não fiz construção de de de [identidade feminina
T466 – Zélio [agora é agora é engraçado.
isso não é é uma coisa que você-- mesmo eu quando era criança eu tinha: e:h e:h minhas
namoradinhas eu sempre soube eu percebia que eu sentia uma atração diferente.
se bem que eu acho que não dá nem pra comparar porque criança sente atração por tudo
né↓=
T467 – Tais =hum hum=

- T468 – Zélio =acho que é a descoberta↓ não dá nem pra dizer que que isso poderia-- isso já eu já tinha definido isso quando era criança não. que eu que eu gostava de homem (lá) de-- mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito... (engraçado mesmo)↓ eu sentia uma-- um meus col- eu tinha algum colega que você eles eh né↑ eu ia-- aquele-- quando eu-- aquele colega-- eu tinha um amigo, gostava assim ó (eu não não) ((Tais tosse)) uma escola, coisa e outra... eh aquele o certo amigo ali sempre tinha uma relação mais... mais afeti:va entendeu↑ [isso
[hum hum
- T469 – Tais
- T470 – Zélio >é claro< não rolava nada... mas... sempre eu achava eu gostava ma:is↓ agora não sei se isso aí de repente é é porque toda criança... não tem maldade né↓ ou de repente é aberta a tudo né↑
- T471 – Tais é
- T472 – Zélio ou se de repente já era minha minha sexualidade né↓ que já
- T473 – Tais que tava... [se manifestando de alguma maneira
- T474 – Zélio [já já... já... é é é... () muito estranho (isso)... ((tsc)) mas é isso.

Zélio introduz a narrativa com uma avaliação – *agora é agora é engraçado* – para depois fazer um resumo:

Segmento 5

- T466 – Zélio isso não é é uma coisa que você-- mesmo eu quando era criança eu tinha: e:h e:h minhas namoradinhas eu sempre soube eu percebia que eu sentia uma atração diferente.

Já no resumo, podemos perceber que o assunto de que a história tratará – sua reflexão sobre sua atração “diferente” na infância – é um tema complexo, pois Zélio que, em narrativas anteriores, não apresentou uma fala com muitos sinais de hesitação, agora o faz. Aliás, toda a narrativa é repleta de marcadores de hesitação: pausas, reparos, interrupção do fluxo do pensamento, repetições de adiamento.

Ainda no turno 466, Zélio começa a ação com uma reflexão – *se bem que eu acho que não dá nem pra comparar porque criança sente atração por tudo né↓* – e prossegue no turno seguinte:

Segmento 6

- T467 – Tais =hum hum=
- T468 – Zélio =acho que é a descoberta↓ não dá nem pra dizer que que isso poderia-- isso já eu já tinha definido isso quando era criança não. que eu que eu gostava de homem (lá) de-- mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito... (engraçado mesmo)↓ eu sentia uma-- um meus col- eu tinha algum colega que você eles eh né↑ eu ia-- aquele-- quando eu-- aquele colega-- eu tinha um amigo, gostava assim ó (eu não não)

- ((Tais tosse)) uma escola, coisa e outra... eh aquele o certo amigo ali sempre tinha uma
 relação mais... mais afeti:va entendeu↑ [isso
 T469 – Tais [hum hum
 T470 – Zélio >é claro< não rolava nada... mas... sempre eu achava eu gostava ma:is↓

Zélio está nitidamente confuso em sua reflexão, o que podemos perceber pelo volume de marcadores de hesitação presentes nessa parte. A fala é constantemente interrompida, causando dificuldade de compreensão. O que podemos extrair desse segmento é que Zélio lembra de um colega por quem sentia mais afeto e de que considerava os homens bonitos. Por outro lado, a mesma indefinição que possivelmente sentia quando criança aqui é revelada através de seu discurso disconexo, espelho de sua própria preplexidade.

Isso nos remete Wortham (2001:xi-xii), quando alega que o narrador autobiográfico age como se representa e que essa atuação se constrói dessa maneira. Zélio se apresenta como confuso naquela época e atua como confuso, terminando por se construir como confuso hoje.

Ele avalia como *estranho, engraçado mesmo*, a percepção que tinha de que sentia atração por homens – *mas... mas estranho eu sentia. eu: achava bonito homem assim bonito....*

Segmento 7

- T470 – Zélio /.../
 agora não sei se isso aí de repente é é porque toda criança... não tem maldade né↓
 ou de repente é aberta a tudo né↑
 T471 – Tais é
 T472 – Zélio ou se de repente já era minha minha sexualidade né↓ que já
 T473 – Tais que tava... [se manifestando de alguma maneira
 T474 – Zélio [já já... já... é é é... ()

No segmento acima, percebemos que o resultado de sua reflexão é o fato de não ter chegado à conclusão alguma: as mesmas dúvidas do início acerca da atração “diferente” que sentia permaneceram. Ele continuou sem entender o que sentia na época, manifestando estranhamento, o que podemos perceber pela coda:

Segmento 8

T474 – Zélio /.../
 muito estranho (isso) ((tsc)) mas é isso.

Zélio posiciona-se, nessa narrativa, como uma criança perplexa. Percebe seus sentimentos, mas não os entende, revelando que o estranhamento permanece até os dias de hoje. A própria forma da história desvela sua confusão: interrompe a linha de raciocínio, hesita, faz pausas. Embora esses marcadores freqüentemente indiquem desconforto com o tópico tratado, aqui sobretudo revelam que ainda não conseguiu compreender aquela fase de sua vida com relação a seus sentimentos, principalmente se considerarmos que ele foi quem iniciou o assunto. Parece-me que, quando falei sobre o fato de ter escolhido somente homens gays porque já tinha algum conhecimento acerca dos ideais e expectativas com relação a crianças de sexo masculino, a palavra *infância*, proferida por mim, provocou alguma lembrança daquele período. Ou seja, o contexto situacional em nível micro motivou a história narrada.

4.3.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nesta parte, analiso duas histórias – “Não tive muitos casos” e “Casamento com Lauro” –, que tratam de seus relacionamentos amorosos.

4.3.2.1 Não tive muitos casos

A história surge como resposta à pergunta que fiz sobre casos fortuitos. Compreende os turnos 138-142, onde Zélio relata sobre o porquê de não ter tido muitos namoros.

Não tive muitos casos

T135 – Tais falando em namorar muito quando você-- tem uma coisa que tem aparecido em todas as entrevistas que eu faço, é que no início de quando descobre eh que pode que pode ser gay que pode usufruir do do do do desejo sexual que quiser.
 eh segue logo (a seguir) um período de >muita galinhagem<

T136 – Zélio não↓

- T137 – Tais você teve esse período?
 T138 – Zélio não, não tive não. vontade eu tive. eu tive vontade (de assim) de galinhar mesmo. mas como a gente tinha uma relação: o entendeu, até por exemplo eh a gente... brigou muito né↓ a gente ficava separado um mês dois meses alguma das brigas, no início até uns vinte e poucos anos e:h às vezes acontecia de nesse período arrumar uma outra paque:ra entendeu↑
 T139 – Tais hã hã↑
 T140 – Zélio mas ((assovio)) mas nada que fosse assim quantidade não, °entendeu°↓ (eram só) envolvimento (que uma vez eu tive)
 T141 – Tais uma namoricadinha
 T142 – Zélio é é é. até com até com mulher também. não era só com com homem não com mulher também... mas não foi assim, dá pra contar ((risos)) não foram muitas pessoas não...

Zélio introduz a narrativa respondendo que não teve o período de “galinhagem” porque já tinha uma relação, mas que teve vontade de ter casos. Diferente de Lauro, não atribui essa vontade a uma obrigação vinculada ao fato de ser homem, simplesmente queria, mas não podia porque estava namorando.

Segmento 9

- T138 – Zélio /.../
 até por exemplo eh a gente... brigou muito né↓ a gente ficava separado um mês dois meses alguma das brigas, no início até uns vinte e poucos anos e:h às vezes acontecia de nesse período arrumar uma outra paque:ra entendeu↑
 T139 – Tais hã hã↑

No segmento acima, Zélio começa a ação dizendo que ele e o namorado brigavam muito, que ficavam um ou dois meses separados e que, por isso, ocorreram outros envolvimento. Ele orienta que isso aconteceu quando eram jovens, ou seja, no início do relacionamento dos dois.

Zélio constrói ambos como fiéis – só tinham casos durante o período de separação; também vincula as brigas e paqueras ao início do relacionamento, à época de sua juventude, ou seja, agora, mais velhos e com um casamento sólido, isso não ocorre mais.

Segmento 10

- T139 – Tais hã hã↑

T140 – Zélio ma:s ((assovio)) mas nada que fosse assi:m quantidade não, °entendeu°↓
(eram só) envolvimentos (que uma vez eu tive)

A minha subida de entonação indicava que queria mais detalhes, contudo, Zélio dá o resultado da história dizendo que não foram muitos os envolvimentos que teve.

Segmento 11

T141 – Tais uma namoricadinha

T142 – Zélio é é é é. até com até com mulher também. não era só com com homem não com mulher também... mas não foi assim, dá pra contar ((risos)) não foram muitas pessoas não...

Insisto no detalhamento e Zélio me satisfaz parcialmente, fornecendo uma informação (Norrick, 2000) – não só teve casos com homens, teve com mulheres também –, para logo finalizar a história dizendo que foram poucas as pessoas com quem se relacionou.

Nessa história, Zélio alinha-se tanto com os homoafetivos quanto com os heterossexuais, contudo, de uma forma deslocada, posto que, diferente do esperado tanto de gays quanto de heterossexuais, relaciona-se com homens e mulheres. Mas, sobretudo, posiciona-se como um indivíduo tradicional, no sentido do namoro e casamento tradicionais onde a fidelidade é importante, porém, novamente deslocado, pois um relacionamento amoroso tradicional implica em pessoas de sexos diferentes. Assim, corroborando com narrativas anteriores, desafia a matriz cultural de inteligibilidade (Butler, [1990]2003), que estabelece que relacionamentos sexuais entre pessoas de mesmo sexo são ininteligíveis.

4.3.2.2 Casamento com Lauro

A história surge após eu perguntar sobre a frequência a lugares gays. Depois de conversarmos sobre a questão dos guetos, inclusive na América, o assunto é retomado.

Do turno 210 ao 230, Zélio narra sobre sua relação com Lauro como forma de explicar por que motivo não sente necessidade de acarinhar o marido em público. Assim,

diferente do companheiro, não fala em termos de ter introjetado comportamentos, mas de evolução do casamento, apontando para uma fase mais calma entre os dois, menos ansiosa em termos de contato físico.

A história é composta de quatro partes: uma explicação – “A gente não fica se abraçando na rua” (turnos 210-214) –, uma informação sob forma de crônica encaixada na explicação – “Carinho” (turno 212) – e três narrativas – “No início era diferente” (turnos 214-218), “Cotidiano” (turnos 218-226) e “Evolução” (turnos 226-230).

Casamento com Lauro

- T203 – Tais /.../
mas eu te perguntei até mais voltada pra questão do afeto público (a única) coisa chata... né porque o que eu (queria) que tava falando com ele [()
[ah certo certo mas=
- T204 – Zélio
- T205 – Tais =quer fazer um carinho vamos dizer assim=
- T206 – Zélio =é é mas=
- T207 – Tais =isso é porque eu sou peguenta=
- T208 – Zélio =é mas=
- T209 – Tais =então isso ()=
- T210 – Zélio =certo. não, mas olha só por exemplo, a gente é quer dizer não tem essa coisa de ficar se abraçando na rua até acho que até que de repente... como isso nunca foi muito assim permitido né↓ a gente:... até não faz muito. mas na rua não.
mas também quando eu vou pra um bar desses uma uma boate uma coisa, a gente também não fica se agarrando também. entendeu↓ (então) ah porque lá pode (se agarrar) eu faria isso lá. mas lá também a gente não faz↓
- T211 – Tais hã hã
- T212 – Zélio em casa a gente faz muito isso, ou de repente na casa de algum amigo, você tá numa reuniãozinha com os amigos e tal e com as amigas e de repente um faz um comentário você chega faz um carinho tal
- T213 – Tais é.
- T214 – Zélio isso tem mas... não é: assim. de repente até tantos anos que a gente não precisa ficar. hh né↓ quer dizer não é não é que você tenha que mostrar o carinho mas, a gente faz quanto tá a fim, né↓ quanto tá a fim tá tudo a gente: não tem que ficar:-- no início-- >péra aí eu tô acabando me confundindo< no início a gente até: tinha uma coisa muito de ficar se agarrando ou de mão da:da de repente às vezes dirigindo e tal mas assim
- T215 – Tais hã hã
- T216 – Zélio tá tocando é uma coisa né↑... e:: precisava até mais disso. até fazia às vezes na rua, até mesmo na boate e tal quando ia a um bar ou >sei lá<. mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua. mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓ de ficar se agarrando em público ou dentro de uma boate ou um bar. pode até acontecer de ir num bar e rolar um um afago qualquer mas...
é não é porque é ali não entendeu↓=
- T217 – Tais =hum hum=
- T218 – Zélio =porque ali pode não... é porque acho que a gente-- pô a gente vive junto a gente se dá super bem não tem um dia que a gente que um chegue em casa o outro chega e tal,

- que a gente não não sente-- por exemplo às vezes eu chego antes espero ela pra gente jantar junto. então a gente tá sempre conversando muito, tá sempre eh se toca:ndo né↓ fazendo um cari:inho ou falando alguma coisa carinhosa↓
então eh a gente se dá muito bem. eu acho que isso já, de repente: né↑
você não precisa: ser toda hora, né=
- T219 – Tais =hã hã=
T220 – Zélio =ficar toda hora fazendo isso que a gente em casa. hh... a gente assis- eh a gente deita pra assistir filme (fica) “ah vamos ver um filme” “vamos embora”↓ a gente () leva um vinho pra cama pra ficar tomando vinho conversando assistindo o vinho o filme, às vezes pára o filme, se for um vídeo, pára o filme pra continuar conversando depois continua, então a gente tem sempre muito pra falar, é incrível.
(eu digo assim) meu deus do céu como é que a gente fala↓ ((tais risos))
fala mas a gente tem sempre muita coisa pra falar. quando é até da própria relação, da relação com os amigos, da dos projetos que a gente tá a fim de fazer junto, mas é muita coisa. você não você não acredita como a gente fala.
- T221 – Tais aí↑ que bom↓
T222 – Zélio não, é é é incrível. legal mesmo. (e procura) a gente procura acorda-- a não ser quando eu tenho que sair muito cedo, a gente procura (sempre) tomar o café junto,
aí tá sempre conversando, falando alguma coisa o:u ou o que vai fazer o problema que vai tem que resolver o que a gente precisa fazer na casa precisa
precisa fazer ou a, se a gente vai viaja:r e tal. tá sempre a gente tá sempre procurando ficar junto fazendo as coisas juntos em casa principalmente que é a hora que a gente tá mais perto, pra pode:r pra poder né↑ sei lá↑ falar um pouco um do outro e tal.
- T223 – Tais é. aproveitar também [a hora que tá junto
T224 – Zélio [aproveitar [claro claro ()
T225 – Tais [porque durante o dia cada um trabalha num
lugar, né?
- T226 – Zélio é↓ e outra coisa e::: e se eu passasse sinceramente eh se eu passasse o dia inteiro junto ((batida)) não-- eu com certeza tenho certeza não ia rolar (isso) de ficar enjoa:do não. ((fim da fita)) mas eu queria investir (naquilo). fui investindo fui investindo, e cada vez foi melhorando melhorando e hoje eu acho que a minha relação acho uma relação super sólida. super sólida. não sei. pode até--... eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena. até porque: tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos gosto do tempo junto
- T227 – Tais [hã hã
T228 – Zélio [eu gosto tipo assim pô a gente tem vinte e três anos juntos. eu acho legal eu gosto disso=
T229 – Tais =bacana isso=
T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑ como vale a pena entendeu↓ então quer dize:r cada vez vai ficando melhor... (olha só) pra mim é coisa definitiva. sólida definitiva. é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Zélio começa a unidade discursiva explicação (Linde, 1993:90) com a proposição *a gente é quer dizer não tem essa coisa de ficar se abraça:ndo na rua*. A seguir, passa a refletir sobre as razões: porque não era muito permitido, porém, logo faz um reparo dizendo que também não o faziam em lugares permitidos; por fim, conclui que o motivo era o fato de viverem juntos há muitos anos. Durante a explicação, ele encaixa uma

informação sob forma de crônica em que exemplifica os locais onde faziam carinho, todos lugares privados, reforçando sua proposição de que não faziam carinhos na rua:

“Carinho” – crônica encaixada

T212 – Zélio em casa a gente faz muito isso, ou de repente na casa de algum amigo, você tá numa reuniãozinha com os amigos e tal e com as amigas e de repente um faz um comentário você chega faz um carinho tal

Zélio, coerente com a razão de sua proposição, narra o início de seu relacionamento:

“No início era diferente” – segunda parte

T214 – Zélio /.../
no início a gente até: tinha uma coisa muito de ficar se agarrando ou de mão da:da de repente às vezes dirigindo e tal mas assim

T215 – Tais hã hã

T216 – Zélio tá tocando é uma coisa né↑... e:: precisava até mais disso. até fazia às vezes na rua, até mesmo na boate e tal quando ia a um bar ou >sei lá<. mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua. mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓ de ficar se agarrando em público ou dentro de uma boate ou um bar. pode até acontecer de ir num bar e rolar um um afago qualquer mas... é não é porque é ali não entendeu↓=

T217 – Tais =hum hum=

T218 – Zélio =porque ali pode não...

Após provocar um corte a fim de introduzir a narrativa - >pera aí eu tô acabando me confundindo< -, Zélio inicia a narrativa dizendo que, no começo do relacionamento, ele e Lauro se tocavam mais em público, necessitavam mais de toque. Porém, com o passar do tempo, essa necessidade diminuiu, ainda que esporadicamente aconteça de se acarinharem em boates ou bares.

A narrativa é contraditória: se, por um lado, afirma que no início tinha uma coisa muito de ficar se agarrando, por outro, fala *mas... num num era assim. não era (não) fazia muito. a gente não ficava se abraçando se agarrando na na rua*. Logo depois, faz outra

afirmativa dizendo *mas foi passando o tempo e tal e: a gente: >sei lá< não não não sente necessidade disso (sabia)↓*. O uso do marcador *mas* nos indica que está contrapondo um evento ao outro, ou seja, se depois do passar do tempo não sentem mais necessidade disso é porque antes sentiam. Entretanto, se considerarmos a argumentação de Bourdieu ([1986]1998:186), que estabelece que o “mundo social /.../ tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo /.../ à maneira de uma história bem construída”, podemos perceber a necessidade de tentar manter uma coerência de comportamento através da narrativa. Embora se tocassem mais, Zélio precisa dizer que não era tanto assim, de forma a criar uma unidade identitária que se estendesse do passado ao presente.

A seguir, Zélio inicia a terceira parte da história:

“Cotidiano” – terceira parte

- T218 – Zélio /.../
 é porque acho que a gente-- pô a gente vive junto a gente se dá super bem não tem um dia que a gente que um chegue em casa o outro chega e tal, que a gente não não sente-- por exemplo às vezes eu chego antes espero ela pra gente jantar junto.
 então a gente tá sempre conversando muito, tá sempre eh se toca:ndo né↓
 fazendo um cari:nho ou falando alguma coisa carinhosa↓
 então eh a gente se dá muito bem. eu acho que isso já, de repente: né↑
 você não precisa: ser toda hora, né=
- T219 – Tais =hã hã=
- T220 – Zélio =ficar toda hora fazendo isso que a gente em casa .hh... a gente assis- eh a gente deita pra assistir filme (fica) “ah vamos ver um filme” “vamos embora”↓
 a gente () leva um vinho pra cama pra ficar tomando vinho conversando assistindo o vinho o filme, às vezes pára o filme, se fôr um vídeo, pára o filme pra continuar conversando depois continua, então a gente tem sempre muito pra falar, é incrível.
 (eu digo assim) meu deus do céu como é que a gente fala↓ ((tais risos))
 fala mas a gente tem sempre muita coisa pra falar. quanto é até da própria relação, da relação com os amigos, da dos projetos que a gente tá a fim de fazer junto,
 mas é muita coisa. você não você não acredita como a gente fala.
- T221 – Tais ai↑ que bom↓
- T222 – Zélio não, é é é incrível. legal mesmo. (e procura) a gente procura acorda-- a não ser quando eu tenho que sair muito cedo, a gente procura (sempre) tomar o café junto, aí tá sempre

A fita acabou e o princípio da última parte da história ficou perdido. Contudo, percebe-se que estava falando da relação e dos conflitos iniciais do casal:

“Evolução” – quarta parte

T226 – Zélio /.../

((fim da fita)) mas eu queria investir (naquilo). fui investindo fui investindo, e cada vez foi melhorando melhorando melhorando e hoje eu acho que a minha relação acho uma relação super sólida. super sólida. não sei. pode até--... eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena. até porque: tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos gosto do tempo junto

T227 – Tais [hã hã

T228 – Zélio [eu gosto tipo assim pô a gente tem vinte e três anos juntos. eu acho legal eu gosto disso=

T229 – Tais =bacana isso=

T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑ como vale a pena entendeu↓ então quer dize:r cada vez vai ficando melhor... (olha só) pra mim é coisa definitiva. sólida definitiva. é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Como dito acima, a introdução da narrativa ficou perdida, pois não foi gravada. Entretanto, podemos perceber pela ação que trata da evolução dos acontecimentos do casamento de Zélio.

Assim como na narrativa “Cotidiano”, Zélio usa de repetição. Usa o verbo “investir” quatro vezes, apontando seu esforço na construção do relacionamento. O verbo “melhorar” é dito também quatro vezes, evidenciando o seu esforço e o caminho percorrido em direção ao seu objetivo. Repete, com variações, o resultado dessa evolução – *relação super sólida. super sólida; coisa definitiva. sólida definitiva*. Repete, ainda, a expressão “valer a pena”, marcando a importância de seu casamento: é uma construção que requer trabalho, mas vale tão a pena, que sequer acredita que poderia se deixar apaixonar por outra pessoa:

Segmento 12

T226 – Zélio /.../

eu acho que comigo não acontece entendeu↑ ah de repente dar a louca e: se apaixonar por uma outra pessoa querer investir numa outra relação... eu acho que não vale a pena.

Por outro lado, também vale a pena pelo tempo em que estão juntos:

Segmento 13

T228 – Zélio /.../

pô a gente tem vinte e três anos juntos.

/.../

T230 – Zélio =isso vai pesando né↓ vai pesando... tipo assim como vale a pena né↑

como vale a pena entendeu↓

Embora fale que é uma construção do casal – *tô feliz amo gosto muito gosto do que (a gente) tá construindo juntos* –, só menciona o seu investimento na relação – *fui investindo fui investindo* – ou seja, o nome de Lauro não comparece. Ele, Zélio, é quem está trabalhando para que o casamento funcione. Na coda, isso fica bastante claro:

Segmento 14

T230 – Zélio /.../

é isso que eu quero e vai ser e pronto.

Assim, Zélio se posiciona como agente da relação, determinado, assertivo e autoritário. Ele investe no relacionamento, seu investimento dá os resultados desejados, sobretudo porque é o que quer e, então, é o que vai acontecer. É como se sua vontade fosse o suficiente para que tudo funcionasse.

Se, por um lado, sua determinação também é mencionada na entrevista de Lauro como tendo sido fundamental para a união estável dos dois, por outro, Lauro coloca como um esforço conjunto a construção do relacionamento, onde os dois cedem aos desejos do outro para manter o casamento. Na narrativa “Cotidiano”, terceira parte da história, Zélio estabelece um companheirismo baseado em conversas, decisões conjuntas, ou seja, seu posicionamento não é autoritário, diferente de “Evolução”, comprovando as palavras de Davies e Harré:

“os posicionamentos criados para si e para os outros não são parte de uma autobiografia linear, sem contradições, ao contrário, são fragmentos acumulados de uma autobiografia vivida” (Davies e Harré, 1990:49).

Zélio, ao longo da entrevista, se constrói como assertivo e determinado. Posiciona-se como gay, mas teve casos e desejo por mulheres, ou seja, ser gay, para ele, é sentir desejo por homens também, não exclusivamente. Alinha-se com heterossexuais em seu desejo por mulheres, mas casa-se com alguém do mesmo sexo.

Segundo Butler ([1990]2003:45), a concepção de gênero da heterossexualidade institucional pressupõe “uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”, sendo o gênero regulado “como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”. Os posicionamentos e alinhamentos de Zélio revelam a fragilidade dessa concepção de gênero, pois seu desejo não reflete nem exprime gênero algum. Assim, também abala a “hipótese de uma relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (Butler, [1990]2003:24).

4.4 Mauro

A entrevista com o sujeito foi feita em minha casa. Foi à noite, após sua sessão de análise. No início, Mauro organiza suas histórias em seqüência, com exceção daquelas que suscitei através de perguntas ou observações. Entretanto, não o faz por uma questão de organizar seu pensamento como no caso de seu marido. Como se propõe a dizer como é o Mauro gay, começa a contar sua vida em ordem, do momento em que percebeu que sentia desejo por homens ao seu casamento com Gabe.

Privilegia a narrativa de tipo laboviano para contar suas histórias, ainda que use a unidade discursiva explicação em algumas ocasiões (não analisei todas as histórias narradas; aqui há apenas uma, entretanto, há mais no corpo todo da entrevista).

Seu estilo é de alto envolvimento, utilizando diversas vezes fala reportada. A repetição também é um de seus instrumentos para evidenciar sua atitude e contribuir para o significado do discurso (Tannen, [1989]1996: 50).

4.4.1 Homoafetividade e família

Nessa parte, analiso histórias que tratam de como Mauro saiu do armário consigo mesmo e com sua família, bem como de histórias ligadas a questões de discriminação e promiscuidade.

4.4.1.1 Percebi que era gay

A história surgiu motivada pela pergunta que fiz sobre o que era ser gay para Mauro. Após falar sobre teorias psicanalíticas quanto à escolha de objeto, ele conclui que é melhor falar de como é o Mauro ser gay. Eu concordo e ele começa a narrar.

A história é composta de duas partes: “Primeiro beijo” (turnos 70-80) e “O desejo estava ali” (turno 80).

Percebi que era gay

- T70 – Mauro pôxa é complicado. sei lá. hum eh cara eh eu gosto muito de homens sabe↓ ((risos))
 ((Tais risos)) então acho que
- T71 – Tais não, concordo. acho homem o máximo. ((risos))
- T72 – Mauro ((risos)) não vamos entrar nisso porque senão daqui a pouco eu vou estar falando de outras coisas que não têm nada a ver. ((Tais risos)) eh... deixa eu pensar... eh tudo tudo foi tão-- eu acho que eu não questionei as coisas. eu acho que eu estou fazendo assim essa esse resgate agora sabe↓ porque foi (tu-) tudo tão natural sabe↓
 que foi acontecendo na minha vida acho que fica mais legal eu falar do de como foi né↑
 porque aí eu não preciso pegar um conceito alguma coisa
- T73 – Tais é. não, não, (é).
- T74 – Mauro né? eh... assim eu vim de uma família evangélica e tal em que-- e que em determinado momento esse desejo começa a (apa-) aparecer né↓ aí começa a ser... a ser... a ser claro pra mim.
- T75 – Tais você era pequeno ainda
- T76 – Mauro não, eu não era pequeno. eu já tinha quinze anos de idade quando eu quando eh...
 isso ficou claro pra mim né↓ porque... acho que antes disso eu tinha pensado sabe aquela coisa aquele pensamento que você sabe↑ “quem eu sou?”↑ “que isso” sabe↑
- T77 – Tais hã hã
- T78 – Mauro e você tenta de certa forma excluir da sua da sua consciência, mas é foda né↑
 porque não não vai embora né fica ali. fica ali né↓ e aí em determinado momento acho que com uns quinze anos de idade eu fiquei com um cara do meu trabalho↓
 eu fazia estágio-- na verdade que era um estágio-- eh eu tava na secretaria de trabalho né↓
 que eu desde pequeno sempre quis trabalha:r ser independente e tal, eu até acho que é por essas coisas mais inconscientes sabe, até porque acho que minha família não aceitari:a minha forma de de de vida sei lá minhas escolhas↓ aí resolvi ser independente muito cedo e:... no trabalho tinha um cara que eu achava lindo maravilhoso mas eu olhava pra ele e não sabia o que que me atraía naquele cara↓ eu queria ver eu queria estar perto dele sabe↓
 era um cara que era que trabalhava no almoxarifado. eh... e: aí esse cara começou a olhar pra mim também. ele-- e eu achava estranho aquilo e um dia eu fui-- eu eu inventava sempre um motivo pra pra ir no almoxarifado. era buscar era fazer uma requisição de material
- T79 – Tais hã hã
- T80 – Mauro aí fui no dia e no dia que eu cheguei ele pegou e trancou a porta. assim. trancou a porta.
 e ele se aproximou de mim e veio e me deu um beijo assim sim sem nada sabe↓
 eu abri a porta e fui embora sabe↓ desesperado. fui embora pra minha casa↓ assim.
 cheguei eu lembro que eu cheguei em casa eu me lavava.sabe↑ como me lavava. “que nojo. que coisa horr^orosa isso.” e aí fiquei uns dois dois anos sem sem querer estar com nenhum outro homem. só que tava ali né↓ aquele dese:jo e tal e eu querendo lutar contra aquilo↓ e eu cheguei ao ponto de eh não ir à praia porque eu ia à praia e achava os homens de sunga sabe↓ ficava de pau duro porque via homem de sunga sabe↓
 aí eu deixei de ir à praia. só que aí no meio da rua tinha um problema porque eu olhava pros homens e não olhava pras mulheres. eu falei “bom, tá acontecendo alguma coisa” né:
 e aí eu resolvi que na rua eu ia andar de cabeça baixa pra poder não ver. ((risos)) e aí eh...
 e aí fui ficando com meninhas e tal só que nada muito: muito: sério sabe↓
 não tinha a menor vontade de ficar com meninas só ficava porque era uma cobrança

(pra mim) >me sentia cobrado< e era uma cobrança que eu fazia né↓ eh... aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara aí era meu namoradinho assim.

Mauro introduz a história “Primeiro beijo” dizendo que acha melhor narrar o que foi acontecendo em sua vida, pois assim não precisaria se atrelar a um conceito. Coloca que foi algo natural, o que me levou a pensar que teria sido um processo simples, contudo, no decorrer da narrativa, vemos que, ao contrário, foi um processo interno extremamente complexo. Acredito que o natural a que se refere tem relação com o surgimento do desejo, não a sua reação a ele.

Passa, então, ao resumo da narrativa dizendo que quando tinha quinze anos seu desejo por homens ficou claro para ele. Ressalta que antes havia pensado nisso, ao mesmo tempo em que tentava excluir de sua mente, mas que não conseguiu, e finaliza dizendo que em dado momento ficou com um cara do trabalho. Interessante ele usar a palavra “ficar”, que normalmente é utilizada como sinônimo de estar junto trocando algum tipo de carícia, pois, como veremos, não houve troca de carinho, apenas um beijo, dado sem consentimento em Mauro, que provocou nele repulsa.

Segmento 1

T78 – Mauro /.../

e aí em determinado momento acho que com uns quinze anos de idade eu fiquei com um cara do meu trabalho↓ eu fazia estágio-- na verdade que era um estágio-- eh eu tava na secretaria do trabalho né↓

Mauro orienta a história dizendo quando ocorreu (há cerca de doze anos atrás), onde (em seu local de trabalho) e quem são os envolvidos (ele e um colega de trabalho).

A seguir dá uma informação (Norrick, 2000) sobre o porquê de trabalhar tão jovem para depois começar a ação, que veremos no segmento abaixo:

Segmento 2

T78 – Mauro /.../

no trabalho tinha um cara que eu achava lindo maravilhoso mas eu olhava pra ele e não sabia o que que me atraía naquele cara↓ eu queria ver eu queria estar perto dele sabe↓

era um cara que era que trabalhava no almoxarifado. eh... e: aí esse cara começou a olhar pra mim também. ele-- e eu achava estranho aquilo e um dia eu fui-- eu eu inventava sempre um motivo pra pra ir no almoxarifado. era buscar era fazer uma requisição de material

T79 – Tais

hã hã

T80 – Mauro

aí fui no dia e no dia que eu cheguei ele pegou e trancou a porta. assim. trancou a porta. e ele se aproximou de mim e veio e me deu um beijo assim sim sem nada sabe↓ eu abri a porta e fui embora sabe↓ desesperado. fui embora pra minha casa↓ assim. cheguei eu lembro que eu cheguei em casa eu me lavava. sabe↑ como me lavava. “que nojo. que coisa horrorosa isso.”

Mauro avalia que seu colega era *lindo, maravilhoso*, mas ainda não entendia porque se sentia atraído. Sentia necessidade de se aproximar, inventava desculpas para vê-lo, contudo, achou estranho quando o rapaz começou a olhar para ele.

Percebe-se que realmente não entendia que estava demonstrando interesse quando finaliza a ação dizendo que ele *deu um beijo assim sim sem nada*. Na verdade, estava sinalizando sua atração e o colega percebeu, tomando a atitude que acreditava seria bem-vinda. Entretanto, para Mauro, foi um choque. Ele faz duas avaliações sobre o incidente: na primeira, ficou desesperado; na segunda, sentiu nojo, achou aquilo horrível. Além de repetir o verbo lavar duas vezes, o faz no imperfeito para marcar uma ação repetitiva, contínua, enfatizando o quanto achava asqueroso um beijo de um homem naquela ocasião. Essa reação é bastante coerente com alguém criado em ambiente religioso, como ele menciona no início da entrevista⁷, tendo inclusive participado do coro da igreja.

O resultado da história é que ficou traumatizado, pois ficou dois anos sem ficar com nenhum homem:

Segmento 3

T80 – Mauro

/.../

e aí fiquei uns dois dois anos sem sem querer estar com nenhum outro homem.

⁷ Conferir entrevista completa no capítulo 7.

Nessa primeira parte de “Percebi que era gay”, Mauro se posiciona como gay, mas como um gay que ainda não saiu do armário para si mesmo. Seu desespero, sua reação de lavar o corpo inteiro revelam que o que acha nojento é o próprio desejo, caso contrário só lavaria os lábios que haviam sido tocados. A segunda parte da história, “O desejo estava ali”, esclarece esse ponto.

“O desejo estava ali” – segunda parte

T80 – Mauro /.../

só que tava ali né↓ aquele dese:jo e tal e eu querendo lutar contra aquilo↓ e eu cheguei ao ponto de eh não ir à praia porque eu ia à praia e achava os homens de sunga sabe↓ ficava de pau duro porque via um homem de sunga sabe↓ aí eu deixei de ir à praia. só que aí no meio da rua tinha um problema porque eu olhava pros homens e não olhava pras mulheres. eu falei “bom, tá acontecendo alguma coisa” né. e aí eu resolvi que na rua eu ia andar de cabeça baixa pra poder não ver. ((risos)) e aí eh... e aí fui ficando com meninhas e tal só que nada muito: muito: sério sabe↓ não tinha a menor vontade de ficar com meninas só ficava porque era uma cobrança (pra mim) >me sentia cobrado< e era uma cobrança que eu fazia né↓ eh... aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara, aí era meu namoradinho assim.

Mauro resume do que a história tratará: de sua luta contra o desejo que sentia. Toda a segunda parte é sobre o esforço que fez para não desejar: evitava praia, andava na rua de cabeça baixa, namorava meninas. Sua luta e sua cobrança era em relação ao desejo, não à ação. A questão não era somente se iria se relacionar ou não com homens; não podia sequer desejá-los.

Mauro finaliza a história sem explicar o processo por que passou para conseguir namorar um homem, passando logo à narrativa sobre seu primeiro amor, o que fez com que eu retomasse a questão de ele sair no armário consigo mesmo no turno 247.

4.4.1.2 A psicologia me ajudou

A história surgiu através de uma pergunta que fiz sobre seu processo de assumir que era homoafetivo. Compreende os turnos 248-254 e é composta de duas partes: “Sofri muito” (turnos 248-250) e “A primeira vez que transei com homem” (turnos 252-254).

A psicologia me ajudou

- T247 – Tais como é que é esse negócio de assim de assumir-- pra família tudo bem (você já falou) não sei que. mas e com você? com você foi muito complicado?
- T248 – Mauro foi. eu não te falei que eu me cobrava tanto eh eh eh a não ter esse tipo de comportamento? eu me cobrava não não ser gay sabe↓ que eu achava-- era na bíblia. tá lá sabe↓ você não pode entendeu↓ um homem não (envelhece) com outro homem sei lá o que entendeu=
- T249 – Tais =como é que você transou isso na sua cabeça pra você conseguir [(ultrapassar)
- T250 – Mauro [cara eu sofri muito eu sofri muito sabe↓ eu eu não aceitava eu ficava com meninas e não sentia tesão↓ eu: eu: sofria eu não era uma coisa legal sabe↓ e eu não aceitava isso então eu tive que mudar, em algum momento eu ia sabe↓ “esse desejo vai diminuir” só que acontece que ele aumentava toda vez que eu tentava diminuir ele aumentava sabe↓ e aí chegou uma hora que eu falei “(não vou) não vou me questionar mais sabe. não vou questionar. eu vou ficar sabe.” e aí é assim eu faço eh eu (estud-) eu eu eu eh eh faço psicologi:a né↑ estudei psicologi:a e tal isso me ajudou pra cacete entendeu↓ a (ques-) a olhar pra um outro pra uma outra via sabe↓ de não me de não de não uma coisa eh de não olhar pela pela doença sabe↓ mas uma coisa de comportamento mesmo sabe↓ pega a psicaná:lise (a opção) da esco:lha enfim tudo isso me ajudou. hoje em dia eu faço aná:lise sabe.
- T251 – Tais a primeira vez que você ficou mesmo com um cara transou com um cara como--? depois isso foi uma coisa que te grilou foi? ou foi uma coisa de “ai graças a deus finalmente”?
- T252 – Mauro eu tinha muita vontade de transar com homem mas eu tinha muito medo sabe↓ mas medo↓ eu não sei de onde vinha meu medo↓ era um medo absurdo. eu eu uma vez saí fui prum bar e aí tinha um cara maravilhoso lindo assim pra mim assim, não estou dizendo que essas pessoas são maravilhosas não, mas pra mim eram sabe=
- T253 – Tais =hã hã=
- T254 – Mauro =eu falava assim “caralho muita areia pro meu caminhão” e aí essa cara começou a olha:r pra mim começou a olha:r e aí a gente sentou junto começou a conversa:r, enfim aí eu contei pra ele que eu nunca tinha transado com homem. aí (isso) acendeu assim sabe↓ o cara falou assim “como assim? você vai transar com um cara agora.” (assim) “vamos pra minha casa”. aí eu fui pra casa desse cara e tal, eh a gente transou foi ótimo e tal, não gozei, ((risos gerais)) mas transei com ele e eh e foi estranho↓ ficou uma coisa meio não fiz por inteiro entendeu↓ a coisa né↑ mas já tava-- quando eu transei com homem a coisa já tava tão: trabalha:da sabe↓ que eu acho que quando eu transei já tava tranquilo↓ já “é isso mesmo” sabe↓ “agora esse é só o caminho. é só descobrir o que tem de bom. tem muita coisa boa aí né na frente.”

Mauro começa “Sofri muito”, primeira parte da história, fazendo um resumo: sofreu muito, não aceitava, mas sabia que teria que mudar. A seguir passa para a ação e usa de fala reportada para mostrar sua expectativa de que o desejo iria diminuir, mas em vão, ele só aumentava. Ainda usando de fala reportada, fala que resolveu não mais pensar no assunto e aceitar sua condição homoafetiva.

Segundo Tannen ([1989]1996:110), o discurso reportado é uma estratégia para enquadrar a informação de forma a facilitar a comunicação e para criar envolvimento. Ainda segundo a autora (p.50), a repetição coloca em evidência a atitude do falante, contribuindo para o significado do discurso. Mauro usa ambos instrumentos a fim de marcar o que sentia, tanto no início, quando lutava contra o desejo, quanto quando se conformou que se sentia atraído por homens:

Segmento 4

T250 – Mauro /.../

“esse desejo vai diminuir” só que acontece que ele aumentava toda vez que eu tentava diminuir ele aumentava sabe↓

/.../

“(não vou) não vou me questionar mais sabe. não vou questionar. eu vou ficar sabe.”

Finalizando a ação, Mauro coloca que estudou psicologia e isso o ajudou para que não visse sua homoafetividade como doença, mas como comportamento.

Goffman ([1963]1975:14) estabelece que um dos estigmas de culpas de caráter individual é a homoafetividade, ou seja, está ligada a comportamento (não podemos deixar de lembrar que entre as culpas estão desemprego, suicídio, política radical, enfim, estão ligadas ao comportamento dos indivíduos). Contudo, para Mauro, é um alívio que a psicanálise, em sua leitura, veja ser gay como comportamento e não doença. A princípio, isso pode parecer estranho, pois seria, de qualquer maneira, passível de estigma. Entretanto, doença, como uma condição congênita, marca a homoafetividade como “anormal”, irreversível e fora do controle daqueles a portam. Portanto, o alívio de Mauro tem razão de ser: não sendo doença, ele é “normal”, ainda que apresente um comportamento indesejado pela sociedade.

O resultado é que a psicanálise o ajudou. Finaliza com uma coda, onde revela que continua fazendo análise:

Segmento 5

T250 – Mauro /.../ hoje em dia eu faço análise sabe.

A segunda parte da história, “A primeira vez que transei com homem”, é suscitada por uma pergunta minha:

Segmento 6

T251 – Tais e a primeira vez que você ficou mesmo com um cara transou com um cara como--? depois isso foi uma coisa que te grilou foi? ou foi uma coisa de “ai graças a deus finalmente”?

Mauro introduz a narrativa falando de seu medo de “transar” com homens:

Segmento 7

T252 – Mauro eu tinha muita vontade de transar com homem mas eu tinha medo sabe↓ mas medo↓ eu não sei de onde vinha meu medo↓ era um medo absurdo.

Mauro repete a palavra *medo* quatro vezes, enfatizando sua hesitação em viver sua homoafetividade plenamente. Fala que não sabe de onde vinha seu medo, contudo, se considerarmos o processo por que passou para aceitar seu próprio desejo, vemos que não poderia ser de outra forma, pois ter relações com um homem seria tornar concreto seu desejo e sua condição gay.

A narrativa prossegue com o relato de uma ida ao bar, onde conheceu um homem que avalia como *maravilhoso lindo, muita areia pro meu caminhão*. Após troca de olhares, conversam e ele menciona que nunca havia feito sexo com homem:

Segmento 8

T254 – Mauro /.../
enfim aí eu contei pra ele que eu nunca tinha transado com homem. aí (isso) acendeu assim sabe↓ o cara falou assim “como assim? você vai transar com um cara agora.”
(assim) “vamos pra minha casa.”

Embora possa parecer contraditório na introdução ter falado em medo e, logo a seguir, contar um episódio em que mal conhece um sujeito, vai para casa dele ter relações sexuais, mais adiante, na coda da história, fala que já estava tranquilo, que já tinha resolvido suas questões internas na ocasião, portanto, deduzo que o medo de que fala

ocorreu bem antes do evento narrado. Isso nos remete a Mishler (2002), quando estabelece que as tramas são governadas pela maneira que terminam, pela situação atual em que os narradores se encontram. Mauro precisa falar do medo para ressaltar que havia ultrapassado esta dificuldade, quando resolveu fazer sexo pela primeira vez. Aqui, a situação atual não é somente relativa ao que Mauro é agora, no momento da entrevista, mas o que era no momento em que aceitou o convite para ir para a casa do rapaz. O medo de que fala serve de ponte entre o primeiro processo de aceitação do desejo e a concretização do desejo.

A ação prossegue:

Segmento 9

T254 – Mauro /.../

ai eu fui pra casa desse cara e tal, eh a gente transou foi ótimo e tal, não gozei
((risos gerais))

Mauro avalia como uma experiência boa, ainda que não tenha atingido o orgasmo. Contudo, no resultado, percebemos que esta avaliação não tem exatamente a ver com o ato sexual *per se*, no sentido de satisfação pessoal momentânea, mas com o fato de ter conseguido fazer sexo:

Segmento 10

T254 – Mauro /.../

mas transei com ele e eh e foi estranho↓
ficou uma coisa meio não fiz por inteiro entendeu↓ a coisa né↑

Aqui, a avaliação é que *foi estranho* por não ter *feito por inteiro a coisa*. Não temos como saber se não foi inteira por não ter havido uma penetração completa, de sua parte, do outro ou de ambos, ou se pelo fato de não ter atingido o orgasmo, deixando uma sensação de incompletude. Porém, como podemos ver pela coda, o importante é que estava tranquilo e percebeu que podia viver sua homoafetividade fisicamente:

Segmento 11

T254 – Mauro /.../

mas já tava-- quando eu transei com homem a coisa já tava tão: trabalha:da sabe↓
 que eu acho que quando eu transei já tava tranquilo↓ já “é isso mesmo” sabe↓
 “agora esse é só o caminho. é só descobrir o que tem de bom. tem muita coisa boa aí né na frente.”

Em “A psicologia me ajudou”, o sofrimento de Mauro foi passando à medida em que foi se informando, através do estudo, sobre sua condição homoafetiva. O estigma que portava, e reconhecia como tal, foi deixando de ser doença para ser algo relacionado ao seu comportamento, ou seja, passa a ter controle sobre sua homoafetividade. Seu processo passou por todas as fases: primeiro a aceitação, depois o medo da concretização e, por fim, quando já se sentia em condições, a realização do ato sexual, marcando o início de um novo momento para ele.

4.4.1.3 Minha família ficou sabendo

Mauro, quando fala de seu primeiro namorado, no início da entrevista, comenta que foi devido a esse relacionamento que sua mãe descobriu que era homoafetivo. Assim, no momento em que termina as histórias sobre Roberto e Nadine, que veremos na próxima seção, sente que faltou algo e começa a contar a história.

Compreende os turnos 104-112, sendo composta de três partes: “Minha mãe descobriu” (turnos 104-110), “Meu pai quer que eu seja feliz” (turnos 110-112) e “A reação de minhas irmãs” (turno 110).

Minha família ficou sabendo

T104 – Mauro /.../

só que aí uma coisa que eu pulei >acabei pulando< é que eh eu passei eh nesse momento que o roberto volta da suécia antes da da quando ele volta eh e depois que ele lê as cartas e que resolve vir, ele ficou num hotel e aí eu fiquei dormindo com ele todos os di:as no hotel né↓ e aí minha mãe começou a desconfiar ((pigarro)) da minha ausência.

- achou achou estranho um dia eu aparecer com uma marca no pescoço↓ né↑ um chupão. aí minha mãe achou aquilo muito estranho porque a minha mãe é muito conservadora e ela acha que uma mulher não faz um chupão no pescoço de um homem né↓
- T105 – Tais é mesmo é?
- T106 – Mauro é
- T107 – Tais ela desconfiou por causa disso?
- T108 – Mauro ela (desconfi-) ela (descon-) aí ela perguntou pra mim ela falou assim “mauro”-- aí não, aí um dia eu-- ele tava me esperando embaixo do prédio e eu tava me arrumando pra sair com ele, minha mãe apareceu na minha casa, eu comecei achar aquilo estranho↓ minha mãe nunca aparecia. aí ela apareceu e falou “quero conversar com você.” aí e me segurou pelo braço falou assim “ó eu quero saber há quanto tempo você é gay.” aí eu falei pra ela (disse) “olha desde que o dia que eu nasci.” sabe naquela época eu achava que era desde o dia que eu tinha nascido porque foi tudo tão natural pra mim sabe↓ foi tudo (tão) acontecendo tão naturalmente. aí ela: ela: aí eu comecei a conversar com ela ela começou a chorar começou a dizer que era um absurdo, que ela não concebia um homem de quatro pro outro↓ aí eu falei pra ela que eu nunca perguntei o que que ela fazia entre quatro paredes com meu pai >se ela ficava de quatro se ficava de (dei) deitada< então eu não achava: direito dela sabe↑
- T109 – Tais [hã hã
- T110 – Mauro [me perguntar isso e me agredir dessa forma. então eu saí fui embora e tal. eh foi: foi: complicado pra mim porque nesse momento as coisas ficavam claras né↓ ficaram claras pra pra minha família toda↓ porque minha mãe obviamente saiu falando pra todo mundo e eu me me me antecipei e: fui conversar com minhas irmãs↓ falei com elas e tal, elas receberam de uma forma meio estranha. uma irmã minha chorou bastante preocupada com o que seria do meu futuro e tal. enfim. a minha irmã que morava comigo que eu morava com ela ela já sabia já sabia a gente já tinha conversado↓ um dia eu tinha contado pra ela eh até antes de ficar com o roberto ela já sabia. eh o meu pai (fi--) eu fiquei um mês sem ir na casa dos meus pais né↑ e meu pai ficava me ligando e eu tinha pânico do meu pai né↓ um senhor de setenta e cinco anos conservador evangélico e parará e parará e parará. eu: eu: eh eu: aí... ele ele ligava e eu evitava falar com meu pai. eu (não) não queria falar com ele. tinha medo de falar com ele. aí um dia meu pai chegou sete horas da manhã na minha casa depois de um mês e falou que ele não queria que eu me afastasse dele. ele falou assim chorando sabe não queria que eu me afastasse dele. que ele me amava e que minha escolha era uma escolha que eh ele não concordava mas que ele não podia fazer nada em relação a isso, que ele queria que eu fosse feliz. que eu fosse feliz da minha forma. tá entendendo? então pra mim
- T111 – Tais que barato pôrra
- T112 – Mauro foi a coisa mais... complicada↓ como-- né↑ a minha mãe que é a pessoa que eu acho que teria reagido de uma forma melhor né↓ dentro do possível né↓ estou falando de uma pessoa evangélica né↓ não reagiu dessa forma. e meu pai que era uma pessoa que eu menos esperava reagiu de uma forma legal.

Mauro introduz a história falando que sua mãe começou a desconfiar devido à sua ausência e, sobretudo, pelo fato de ter aparecido um dia em sua casa com uma marca de “chupão”. Sendo muito conservadora, acredita que somente homens teriam o ímpeto de beijar de forma tão intensa.

Passa logo à ação, quando sua mãe foi visitá-lo, o que suscitou sua desconfiança, posto que nunca o fazia. A partir desse momento da narrativa, constrói sua mãe como

agressiva. Primeiro fala que ela segurou em seu braço para depois dizer que ela queria saber há quanto tempo era gay. Ao mesmo tempo, se constrói como compreensivo, pois tenta conversar com ela. Em contraste com sua compreensão, sua mãe o ataca, dizendo que isso era um absurdo e falando que *não concebia um homem de quatro pro outro*, ou seja, criando uma imagem grosseira de homoafetividade, enfatizando apenas o aspecto sexual do relacionamento entre gays. Mauro reage com a mesma agressividade, fazendo referências a posições de relações sexuais que os pais poderiam ter, buscando construir a mesma imagem grosseira de que tinha sido alvo. Ele diz claramente que se sentiu agredido com sua pergunta sobre seus atos sexuais – *eu não achava: direito dela sabe ↑ me perguntar isso e me agredir dessa forma*. O resultado é que vai embora, não quer mais conversar. Finaliza a narrativa avaliando que foi complicado para ele, pois sua mãe obviamente contou para toda a família.

Segundo Link, Yang, Phelan e Collins (2004:3-4), o rótulo é um componente essencial para o estigma e a diferença rotulada é ligada a características negativas na mente das pessoas. Para a mãe de Mauro, de acordo com sua narrativa, ser gay é somente uma questão de sexo (ela desconfia dele porque vê um chupão em seu pescoço) e, portanto, é a única coisa que consegue pensar quando tem a confirmação da homoafetividade do filho. Ainda de acordo com os autores, do ponto de vista do estigmatizador, a identificação de diferenças pode acarretar emoções como raiva, irritação, ansiedade, pena e medo, que podem ser identificadas pelo estigmatizado acarretando tanto essas emoções, como também vergonha. Mauro identificou como agressão a atitude da mãe, ou seja, ligada à raiva e à irritação. Sua identificação provocou nele uma resposta igual – sentiu-se agredido, portanto, agrediu também. Provavelmente foi tão forte aquele momento, que até hoje, anos depois, quando narra o episódio, revela ressentimento.

A segunda parte da história, “A reação de minhas irmãs”, começa com Mauro dizendo que resolveu conversar com as irmãs:

Segmento 12

T110 – Mauro /.../

eu me me me antecipei e: fui conversar com minhas irmãs↓ falei com elas e tal, elas receberam de uma forma meio estranha. uma irmã minha chorou bastante preocupada com o que seria do meu futuro e tal. enfim.

O verbo antecipar utilizado aqui demonstra que o entrevistado não tinha intenção de conversar sobre isso com todas as irmãs naquela época. Porém, conversou e avalia que a reação que apresentaram foi meio estranha. Como exemplo, fala que uma chorou preocupada com seu futuro. Parece que o conhecimento da diferença do irmão acarretou emoções ligadas à pena e à ansiedade (Link, Yang, Phelan e Collins, 2004:3-4), que ele não conseguiu identificar o porquê, por isso o estranhamento.

Mauro finaliza essa parte comentando que já havia contado para a irmã que morava com ele e passa a narrar a terceira parte, “Meu pai quer que eu seja feliz”.

Segmento 13

T110 – Mauro eh o meu pai (fi--) eu fiquei um mês sem ir na casa dos meus pais né↑ e meu pai ficava me ligando e eu tinha pânico do meu pai né↓ um senhor de setenta e cinco anos conservador evangélico e parará e parará e parará. eu: eu: eh eu: aí... ele ele ligava e eu evitava falar com meu pai. eu (não) não queria falar com ele. tinha medo de falar com ele.

A introdução trata do medo que sentia do pai e justifica esse sentimento criando uma imagem de senhor idoso, religioso e conservador. Embora idoso, certamente não tinha setenta anos na época, pois o evento tinha acontecido há pelo menos uns sete anos, no tempo em que namorava Roberto. Mauro está não só justificando, como também estabelecendo um contraste com o que acontece na ação, quando ele e seu pai finalmente conversam:

Segmento 14

T110 – Mauro /.../
aí um dia meu pai chegou sete horas da manhã na minha casa depois de um mês e falou que ele não queria que eu me afastasse dele. ele falou assim chorando sabe não queria que eu me afastasse dele. que ele me amava e que minha escolha era uma escolha que eh ele

não concordava mas que ele não podia fazer nada em relação a isso, que ele queria que eu fosse feliz.

De conservador, passível de inspirar medo, o pai passa a amoroso. Ele procura o filho, chorando, pedindo que não se afastasse. Fala de seu amor, de sua aceitação e de que quer ver o filho feliz. A construção que Mauro faz de sua conversa é oposta àquela que teve com a mãe e, conseqüentemente, de seu pai. Enquanto a mãe é construída como agressiva, o pai é tolerante. Ao mesmo tempo, constrói-se como reativo e emotivo, no sentido de responder às emoções que lhe são impingidas: quando agredido, agride; quando amado, ama.

O resultado da narrativa é que seu pai quer que seja feliz da sua forma – *que eu fosse feliz da minha forma*. Na coda, ele recupera o ressentimento com a mãe e revela a surpresa da reação do pai:

Segmento 15

T110 – Mauro /.../

tá entendendo? então pra mim

T111 – Tais que barato pôrra

T112 – Mauro foi a coisa mais... complicada↓ como-- né↑ a minha mãe que é a pessoa que eu acho que teria reagido de uma forma melhor né↓ dentro do possível né↓ estou falando de uma pessoa evangélica né↓ não reagiu dessa forma. e meu pai que era uma pessoa que eu menos esperava reagiu de uma forma legal.

Mauro reconhece o estigma de ser gay, tinha expectativas com relação a seus familiares, não queria sair do armário naquele momento. Contudo, ao ouvir a história “Minha família ficou sabendo”, percebe-se que errou nas expectativas com relação a seus pais e a suas irmãs. A mãe reage de forma inesperada, provocando um ressentimento que persiste até hoje; as irmãs apresentam sinais de preocupação que não consegue entender; o pai, de quem sentia medo, possivelmente baseado na reação da mãe, mostra-se compreensivo. O que fica claro é que o estigma imposto aos homoafetivos invade o cotidiano em suas relações pessoais mais básicas: pais e irmãos.

4.4.1.4 Preconceito

A história emerge após eu perguntar sobre um episódio que seu marido havia contado, quando foi perseguido por rapazes que o queriam agredir. Compreende os turnos 188-200 e é composta de duas partes: “Não queria, mas corri” (turnos 188-198) e “No bar” (turnos 198-200).

Preconceito

- T187 – Tais essa coisa da discriminação↓ o gabe tava me falando que uma vez saíram atrás de você na na rua.
- T188 – Mauro foi isso. aconteceu num desses momentos que eu fiquei galinha:ndo que eu pegava um homem por por=
- T189 – Tais =por noite ((risos))
- T190 – Mauro é, um homem por noite. eu fiquei com um garoto e tal e aí era de noite bem de madrugada assim umas três quatro horas da manhã e era ali na rua da lama ali em botafogo. né↑
eh eu aí eu fui levar o garoto no ponto de ônibus que ele ia embora e eu ia voltar pro lugar ia continua:r. aí >eu fui deixar o garoto no ponto< e aí tava chovendo uma chuva fina sabe↓ e a gente foi chegando no ponto e não tinha ninguém.
aí do nada apareceram três caras fortes assim sabe judotecas sabe↑=
- T191 – Tais =sei
- T192 – Mauro vindo na nossa direção. (eu falei assim) “corre” e o garoto que tava na minha que eu tava junto com ele saiu correndo sabe↓ (saiu correndo). eu olhei pra aquilo falei “gente que absurdo eu não vou correr.” sabe↑ “eu não vou correr porque esses caras não vão me intimidar.” e os caras vinham com uma barra de ferro um pau assim e eu falei “não vou correr. vou ficar aqui.” tipo assim “não vou mostrar que estou com medo.” só que quando eu vi aqueles caras chegando muito perto de mim com aquele pau, eu falei “bom não vai dar pra conversar mesmo né↑ ((risos)) ((tais risos)) eu vou correr.”
aí eu corri tanto, parecia desenho animado aquelas pernas assim↓ ((risos gerais))
que eu passei o garoto fiquei bem na frente do garoto o garoto ainda foi ainda pegaram o garoto né↓ ele levou umas porradas e tal.=
- T193 – Tais =pegaram ele de pau=
- T194 – Mauro =é. pegaram de raspão assim mas pegaram. e a gente se encontrou depois.
corri aquela voluntários da pátria toda assim↓ mesmo depois que eu que eu vi que eles não estavam atrás, eu continuei correndo. ((risos gerais))
e me deu um ódio tão grande nesse dia. eu pensei “gente se eu tivesse um uma arma eu matava esses caras sabe.” porque (sa) sabe foi tudo tão... aí eu eu eu não sei num eu eu acho que eu não questionava as coisas naquela época.
eu só eu agia muito por impulso sabe↓ acho que tem a ver que eu era adolescente sabe↓ era adolescentão então eu... eu não entendia sabe porque aquilo porque tanta tanta raiva tanto ódio “porque que eu não posso ser eu” sabe↓ eu sempre fui muito assim
“porque que eu que eu não posso fazer aquilo que eu quero fazer?” e eu eh eu não sei eu fiquei: fiquei com isso na cabeça, eu falei “gente se eu encontrar esses caras eu sabe eu vou fazer alguma coisa sabe↓ vou denunciar ou fazer alguma coisa.” (porque naquele)--mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles=
- T195 – Tais =ainda bem que você não tinha=
- T196 – Mauro =ainda bem que eu não tinha. ainda bem.
- T197 – Tais raiva só de não saber lutar o tal do jiu jitsu. ((risos))

- T198 – Mauro é verdade. de não ser tão forte né↓ quanto eles. mas já já sofri outros assim já né↑
é que eu sou muito ligado assim eu sou muito eh eu fico muito preocupado com--
ainda hoje-- menos mas ainda hoje eu fico muito preocupado quando entro num num
meio num lugar que pode ser um um lugar meio como vou dizer? hostil↑=
- T199 – Tais =hã hã=
- T200 – Mauro =sabe eu fico muito ligado na na na na reação das pessoas a sabe a mim sabe↓ mesmo.
uma vez a gente tava num bar, tava eu lana pati gabe carol e tal a gente tava conversando
e tava de frente pra um cara que tava beijando uma mulher e tal.
e o cara olhava pra nossa mesa e ficava falando com a mulher. eu também já tava olhando
ficava vendo esse casal e uma hora ele olhou pra mim e fez questão de fazer com os
lábios assim “°viado filha da puta°” sabe↑ cara aquilo me deu uma raiva tão grande.
e eu pensei sabe↓ eu pensei “cara se fosse acho que se fosse outro momento eu iria tomar
satisfação com esse cara”, mas (). °deve ter uns dois anos isso°, eu eu pensei “cara”↓
eu fiquei com muita raiva eu em senti super mal aquilo me deixou muito mal mas eu não
falei nada sabe↓ porque eu sabe↓ que esse cara que o que ele queria era isso sabe↓
e outra coisa também qual é-- sei lá. qual é-- eh sei lá. qual-- que que está por trás disso?
né↑ né↑ né↑ desse cara sabe↓ qual será-- qual é a questão dele↑ qual qual problema dele?
entendeu↑ então eu consegui explorar essas duas situações que eu vivi: de preconceito e
no resto só
- T201 – Tais e de preconceito positivo?

“Não queria, mas corri” – primeira parte

Mauro orienta a história, dizendo que era de madrugada, em Botafogo e que estava levando ao ponto de ônibus o garoto com quem “ficou” naquela noite.

A ação começa quando três rapazes fortes surgem subitamente – *do nada apareceram três caras fortes* – e ele fala para seu companheiro correr. Aparentemente, é uma narrativa sobre como escapou da possível violência que iria sofrer, contudo, podemos perceber que a principal questão é o desenvolvimento de seus sentimentos ao longo dela.

Polanyi (1985: 10) argumenta que histórias são compostas de eventos, definidos como “uma ocorrência em algum mundo que é descrita como tendo caráter instantâneo e não durativo ou iterativo” e proposições descritivo-durativas, que seriam “aquelas que tratam da situação do mundo narrativo que não sejam eventos pontuais da linha de tempo principal” (p.12). No caso da narrativa aqui analisada, podemos considerar como eventos o surgimento dos agressores, a dúvida do narrador sobre se corria ou não e a fuga dos que seriam agredidos. Se não levarmos em consideração a reflexão de Mauro sobre seus sentimentos com relação àqueles eventos, se não levarmos em consideração as proposições descritivo-durativas, a história seria apenas um relato de uma fuga bem

sucedida e não a descrição de um momento de conscientização de discriminação homofóbica e suas conseqüências.

Embora Mauro não especifique no início que os rapazes iam agredi-lo, ou seja, não está dito no mundo narrativo, o fato de chamá-los de *judotecas*, dizer em fala reportada “*esses caras não vão me intimidar*” e acrescentar que estavam armados com *barra de ferro um pau assim*, nosso conhecimento de mundo nos permite inferir que se tratam de pessoas agressivas que usualmente atacam indivíduos indefesos, motivados por preconceitos ou causas banais (alguém olhou para a mulher de algum deles em uma festa, por exemplo).

O ponto da narrativa é o ódio que sentiu, a impotência que experimentou naquele momento e a perplexidade diante do fato de que poderia ser agredido devido à sua orientação sexual marginal, como podemos constatar no segmento abaixo:

Segmento 16

T194 – Mauro /.../

e me deu um ódio tão grande nesse dia. eu pensei “gente se eu tivesse um arma eu matava esses caras sabe.” /.../ eu não entendia sabe porque aquilo porque tanta tanta raiva tanto ódio “porque que eu não posso ser eu” sabe↓ eu sempre fui muito assim “porque que eu que eu não posso fazer aquilo que eu quero fazer?” /.../ mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles

/.../

T198 – Mauro é verdade. de não ser tão forte né↓ quanto eles.

Ainda que tenha se construído como alguém passível de odiar, Mauro se constrói como um indivíduo bom, pois concorda com a entrevistadora com relação a ter sido melhor não possuir uma arma naquele momento, ou seja, não acredita em uma resposta covarde e se surpreende com a profundidade de seu ódio:

Segmento 17

T194 – Mauro /.../

mas eu só pensava que se eu tivesse uma arma eu podia matar eles=

T195 – Tais =ainda bem que você não tinha=

T196 – Mauro =ainda bem que eu não tinha. ainda bem.

A experiência da agressão sofrida levou o sujeito a se tornar desconfiado e a ficar alerta, como veremos na continuação de “Preconceito”.

“No bar” – segunda parte

Mauro introduz a história dizendo hoje é menos *ligado*, mas que ainda fica preocupado quando está em ambientes que avalia como hostis. Prossegue, fazendo um relato de agressão verbal que sofreu em um bar. A princípio, pode parecer estranho que o rapaz da outra mesa tenha ficado olhando a mesa dele, considerando-se que tinham dois rapazes e três moças. Contudo, Mauro sabia que eu tinha conhecimento de que ele e Gabe eram um casal e Lana e Pati também; a única pessoa que estava desacompanhada era Carol, que não sei se é gay ou não. Assim, não senti necessidade de dar nenhuma informação além dos nomes das pessoas.

Relata a raiva e o mal-estar que sentiu ao perceber as palavras *viado filha da puta* moldadas nos lábios do agressor, mas decidiu não reagir, ainda que pudesse (afinal, o rapaz estava sozinho). Entretanto, não o fez por perceber que, se o fizesse, estaria agindo exatamente como o agressor esperava. Assim, não posiciona-se como impotente. De fato, inverte os papéis: o rapaz da outra mesa é que tinha problemas, não ele, o estigmatizado:

Segmento 18

T200 – Mauro /.../

qual é a questão dele↑ qual qual problema dele?

Finaliza “Preconceito” dizendo que essas foram as duas situações que viveu, porém fala que conseguiu explorá-las, ou seja, retirou um aprendizado de ambos os eventos, não sofreu em vão.

4.4.1.5 Promiscuidade está ligada à masculinidade

A história surge após Mauro relatar seu desprezo por homens que buscam prazeres sexuais em banheiros de lugares públicos. Eu, então, falo que isso acaba contribuindo para uma imagem de gay promíscuo. Ele passa a argumentar que não é uma questão de ser gay, mas uma questão de ser homem e inicia a explicação (Linde, 1993:90), que começa no turno 550, é interrompida no turno 560, retomada no turno 568 e finalizada no turno 580.

Promiscuidade está ligada à masculinidade

- T547 – Tais é engraçado. contribui mesmo pra essa coisa da da imagem porque tem uma imagem do gay [promíscuo né↓
- T548 – Mauro [claro tem.
- T549 – Tais porque eu vejo essa coisa quando eu vejo eh=
- T550 – Mauro =mas não é-- mas aí essa coisa do gay promíscuo entendeu↓ isso tá diretamente relacionado à à à masculinidade↓ não tá relacionado () quando você pensa no no nisso não não tá tipo viados mulheres entendeu↓
- T551 – Tais hã hã
- T552 – Mauro associado ao feminino entendeu↓ isso tá diretamente associado ao [masculino
- T553 – Tais [entendi hã hã ao masculino=
- T554 – Mauro =porque porque que não existe ponto de pegação de mulheres de lésbicas entende↓ não é uma coisa relacionada à homossexualidade entendeu↓ é à masculinidade porque porque se o homem pudesse trepar com a mulher-- se a mulher sabe quiser trepar com um homem como um homem gostaria de trepar, a gente ia ter uma coisa muito promíscua entendeu↓ porque o homem assim se a mulher abrir a perna ele tá metendo entendeu↓ não quer saber
- T555 – Tais [é
- T556 – Mauro [então são dois homens↓ querem a mesma coisa entendeu↓ então eles vão fazer vai ter ponto de pegação mesmo entendeu↓ então pra mim não é uma coisa=
- T557 – Tais =é, tá mais ligada à masculinidade. mas engraçado, socialmente é visto quer dizer, não que o homem não seja visto como promíscuo, mas é um promíscuo aceito=
- T558 – Mauro =aí, é, aceito=
- T559 – Tais =”ah homem é assim”=
- T560 – Mauro =a questão das putas né e tal, que são aceitas e né↑ tem isso. /.../
- T568 – Mauro é, mas é porque o o o homem fica porque é a questão da da da masculinidade né↓ ela é cobrada↓ a mulher não é cobrada em ser feminina sabe↓ não não não cobram da mulher sabe↓ a feminilidade sabe↓ nesse sentido que cobram do homem↓ eles cobram↓ assim↓ é cobrado sabe↓ a mulher a questão do gênero sabe=
- T569 – Tais =hã hã=
- T570 – Mauro =só que eh no caso do homem acho que é uma coisa além disso sabe↓ é uma coisa do do pau mesmo sabe↓ tipo do do do do eh tem a questão do gênero também a questão do provedor e tudo isso sabe↓ mas eh (compor) comportamento sabe de de de de enfim (cada um) num gênero, que eu estou falando né essa coisa do do... de de de ter que demonstrar que é masculino [sabe
- T571 – Tais [tem que provar que é homem [vinte e quatro horas por dia

- T572 – Mauro [de ter que provar
isso sabe e aí passa pelo sexual e por exemplo, a mulher [não
T573 – Tais [é
T574 – Mauro sabe então o homem é aquele que mostra sabe↓ aquela coisa tipo assim
“ah (sim), fulaninho te chamou de viado, mostra o pau pra ele” [entendeu↓
T575 – Tais [é
T576 – Mauro né↑ desde pequenininho lá “mostra o pau. mostra que você é homem.” ((tais risos))
aí tem um monte de viado mostrando o pau dentro do=
T577 – Tais =dentro do banheiro ((risos))=
T578 – Mauro =do banheiro. aí ((risos)) tá mostrando que é homem.
T579 – Tais pra mostrar que é homem. ((risos))
T580 – Mauro né↑

A primeira proposição da explicação é “promiscuidade está ligada à masculinidade, não à homossexualidade”. Mauro começa a enumerar as razões: quando se pensa em promiscuidade homoafetiva, não se pensa em lésbicas; porque não existe ponto de pegação de lésbicas; porque se as mulheres quisessem ter relações sexuais na mesma proporção que os homens, haveria muita promiscuidade; porque “se abrir a perna”, o homem “tá metendo”; como são dois homens querendo a mesma coisa, há promiscuidade.

Eu argumento que a promiscuidade dos homens heterossexuais é socialmente aceita e o entrevistado concorda, lembrando que a existência das *putas* corrobora com essa opinião⁸. A seguir, começa a falar que hoje em dia os homens procuram menos as prostitutas e o assunto é desviado, a narrativa é interrompida e retomada no turno 568.

A segunda proposição de Mauro é “diferente das mulheres quanto à feminilidade, a masculinidade é cobrada dos homens” e enumera as razões: embora tenha as questões relativas a gênero, a masculinidade é uma coisa do *pau*; tem que demonstrar que é masculino; passa pelo sexual; *tem que mostrar o pau* para provar que é homem.

Mauro conclui, fazendo uma ligação com a conversa anterior sobre assédio em banheiros, dizendo:

Segmento 19

T576 – Mauro /.../

aí tem um monte de viado mostrando o pau dentro=

⁸ Ainda que eu tenha usado a palavra errada, falei simplesmente homem, quando queria dizer homem heterossexual, o entrevistado compreendeu e reagiu de acordo com o esperado.

- T577 – Tais =dentro do banheiro ((risos))=
 T578 – Mauro =do banheiro. aí ((risos)) tá mostrando que é homem.
 T579 – Tais pra mostrar que é homem. ((risos))
 T580 – Mauro né↑

Nessa explicação, Mauro faz dois grandes movimentos: mantém e desloca a matriz cultural de inteligibilidade, rompendo e mantendo a relação mimética sexo-gênero.

Primeiramente, alega que a promiscuidade está ligada à masculinidade porque os homens têm um comportamento exacerbado com relação a sexo, não partilhado pelas mulheres. Logo, a questão é que são homens envolvidos, não porque são homoafetivos. Depois, argumenta que os homens têm provar sua masculinidade todo o tempo e que esta masculinidade passa pelo sexo, por mostrar o *pau*. Não fazê-lo implica em não ser homem. Por fim, fala que é devido a isso que tantos gays assediam em banheiros públicos: estariam todos provando que são homens. Ora, mas essa masculinidade sancionada socialmente, que cobra do homem fazer sexo em quantidade, exige que este sexo seja feito com mulheres, não com outros homens, sob perda de perder sua condição masculina. Portanto, Mauro está subvertendo a matriz de inteligibilidade ao mesmo tempo em que a mantém: gays cumprem o papel de homens fazendo sexo indiscriminadamente, porém o fazem com outros homens. Além disso, está rompendo e mantendo a relação mimética sexo-gênero, pois está atribuindo ao fato de ser homem biologicamente ter gênero masculino, contudo, este gênero está deslocado, pois a sua performance é diferente daquela esperada.

Assim, posiciona os homoafetivos como homens, masculinos, submetidos às regras sociais, contudo, deslocados, posto que executam as normas de sexo com pessoas de mesmo sexo ao invés de com pessoas de sexo oposto.

4.4.2 Homoafetividade e relacionamentos amorosos

Nessa parte, analiso três histórias: uma sobre o primeiro namorado, uma sobre um relacionamento com uma mulher e a última sobre seu casamento com Gabe.

4.4.2.1 Meu primeiro namorado

A história surge quando Mauro está terminando de falar sobre o período em que tentava reprimir seu desejo por homens – o final daquela história é a introdução desta.

Compreende os turnos 80-100, tendo duas narrativas encaixadas: “Cartas” (turnos 86-98) e “Nadine” (turno 92-94).

Meu primeiro namorado

- T80 – Mauro /.../
 aí eu fiquei aí quando eu tinha dezenove anos eu fiquei com um cara, aí era meu namoradinho assim. fiquei duas semanas com esse cara. e ele: eh e ele: (huum) depois de duas semanas eu descobri que esse cara era casado. aí foi minha primeira decepção e tal. com vinte anos de idade eu conheci um cara que eu fui apaixonado que era: que foi meu primeiro namorado porque na verdade eu só tive dois namorados que foi esse e o gabe agora. eh... que foi até quando minha família descobriu. que foi quando a minha mãe ficou sabendo eh que eu era homossexual. e aí me apaixonei por um cara um um um chileno sueco ()
- T81 – Tais chileno sueco
- T82 – Mauro é um chileno que que eh aos quatro anos de idade foi pra suécia assim na na ditadura do pinochet o pai era ativista político e foi parar na suécia. se esconderam na embaixada e tal. aí esse cara tava no brasil porque é um cara que era vidrado em carnaval e tal. a gente se encontrou num restaura:nte e foi uma coisa meio estra:nha e tal. tava com uma galera da faculda:de a galera saiu, eu voltei, >fui embora< eu voltei e aí a gente começou a conversa:r >eu descobri que ele não era brasileiro< enfim. fiquei uma noite com ele e eh a gente saiu, saiu pra beber e tal, e foi parar num-- >nunca tinha entrado numa boate gay< fui parar no les boys >que eu sempre passava e via aquilo “um dia vou entrar aí”<. ((Tais risos)) aí aproveitei esse dia e levei ele. aí a gente ficou e tal. e aí... eh eh transou nesse dia e aí ele foi embora no dia seguinte que ele tinha que ir embora. aí fiquei apaixonado por esse cara. eh... e aí ele voltou, a gente se casou e tal. é uma história complicada assim que eu vivi com ele.
- T83 – Tais ah você chegou a morar com ele
- T84 – Mauro é. mas antes disso aconteceram várias coisas assim. você acha interessante que eu conte?
- T85 – Tais acho. super interessante.
- T86 – Mauro acha? enfim, essa é a história mais louca que eu já vivi na minha vida
 /.../
 /.../
- T98 – Mauro /.../
 e aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrerosa e aí... e aí ele ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais mais próxima mais rápido.
 aí ele veio realmente ele veio. a gente ficou junto a gente ficou casado um ano e três meses eh enquanto isso enquanto isso eh eu mantive minha amizade com ela. a gente ficou realmente amigos. ((palavra anterior meio rindo)) eh a gente eh eu e roberto depois de um ano e três meses a gente terminou porque ele ficava viajando i:ndo e volta:ndo. e uma vez ele ficou sete meses fora eu não tava mais agüentando aquilo sabe↓ era apaixonado por ele mas eu cara, eu precisava ficar com alguém [sabe↓
 é
- T99 – Tais

T100 – Mauro tinha vontade de ficar com alguém. e aí eu acabei ficando com um cara acabei me apaixonando por esse cara. e aí eh e aí fiquei com esse cara e terminei com ele assim.

Mauro introduz a história fazendo um resumo e apontando a importância desse primeiro relacionamento sério que teve: foi seu primeiro namorado, sua primeira paixão, sua primeira decepção e o motivo pelo qual sua família ficou sabendo que era gay.

A seguir, começa sua narrativa dizendo que se apaixonou por um chileno sueco, no que foi interrompido por mim, que repeti a expressão chileno sueco e ele percebeu que essa repetição não era apenas uma retroalimentação, mas um pedido de explicação. Fornece, então, a informação (Norrick, 2000) acerca do rapaz e prossegue com a ação, orientando sobre onde estavam quando se conheceram (em um restaurante), quem participa da história (ele e o rapaz).

Segmento 20

T82 – Mauro /.../

a gente saiu, saiu pra beber e tal, e foi parar num-- >nunca tinha entrado numa boate gay< fui parar no les boys >que eu sempre passava e via aquilo “um dia eu vou entrar aí< ((tais risos)). aí aproveitei esse dia e levei ele. aí a gente ficou e tal. e aí... eh eh transou nesse dia e aí ele foi embora no dia seguinte que ele tinha que ir embora.

No segmento acima, vemos que sua saída com Roberto, seu primeiro amor, forneceu a oportunidade de Mauro entrar em sua primeira boate gay.

O resultado da narrativa é que se apaixonou por ele e o rapaz volta e se casam. Contudo, a coda avaliativa – *é uma história complicada assim que vivi com ele* – apontava para uma continuação da história, posto que até então Mauro não havia falado de complicação alguma em seu relato. Percebendo, insisto no assunto e obtenho a continuação, sob forma de narrativa encaixada:

“Cartas” – narrativa encaixada

T83 – Tais ah você chegou a morar com ele

T84 – Mauro é. mas antes disso aconteceram várias coisas assim. você acha interessante que eu conte?

T85 – Tais acho. super interessante.

T86 – Mauro acha? enfim, essa é a história mais louca que eu já vivi na minha vida porque o-- eu conheci o roberto e ele foi embora. na época ele tinha que ir embora a passagem dele tava comprada e tal. e aí ele pediu pra que quando eu escrevesse pra ele, eu eu dar um

jeito de não mostrar que que é um homem que tava escrevendo porque na família dele tava meio complicada:da que já tavam desconfiando. eu colocava a minha inicial né do nome, o meu sobrenome e aparecia um nome de mulher. tipo eh aí fiquei mandando as cartas e tal. isso depois da minha décima carta sei lá↓ eh... ele mandou uma carta dizendo que não sabia o que estava acontecendo que ele só tinha recebido a primeira carta. e eu tava mandando dez e ele falou que ele poderia-- ele falou “olha, eu acho que tá acontecendo alguma coisa aí. de repente alguém tá escondendo as cartas.” só que eu já não morava com meus pais eu morava com a minha irmã né↓

T87 – Tais

hã hã

T88 – Mauro

eu morava com a minha irmã já. tá. (até acabei não) falando isso.

eu morava com a minha irmã. e aí eu falei “bom tá acontecendo alguma coisa estranha. de repente eu são os correios sei lá.” aí mandei uma carta pra ele com meu telefone >porque eu não tinha dado meu telefone pra ele<. aí deu uma semana né, que é a duração de uma carta, né, o tempo o tempo né↑ de

T89 – Tais

de chegar

T90 – Mauro

de chegada da carta é uma semana. aí deu uma semana, ligou lá pra casa da minha mãe uma: uma: mulher uma: chilena. minha irmã até falou assim “olha, ligou uma argentina pra você ((tais risos)) e ela falou que vai ligar daqui a duas horas e tal.”

aí eu fiquei em casa e falei “bom, o roberto deve estar”-- ela falou que o nome era roberta eu falei “bom, o roberto deve ter pedido pra uma amiga ligar né↑ porque ele não sabe qual é a situação da minha casa↓ então ele ele pediu pra essa amiga ligar.” enfim.

aí quando eu eu fui pra casa todo feliz né↓ porque aquele cara que eu tava apaixonado e tal estar me ligando↑ aí quando eu atendi o telefone ela falou “olha, quem tá falando aqui é nadine eh eu so:u mulher do roberto. nós somos casados há cinco anos. nós temos uma filha e eu eu descobri pela sua carta-- eu tenho recebido toda essas cartas o tempo todo-- eu estou segurando as cartas. roberto não sabe entendeu↑ e eu gostaria que você eh hum não escrevesse mais pro roberto que você esquecesse o roberto.” aí eu aquele choque né↓ que eu tomei um choque sinistro. eu fiquei muito muito preocupado assim↓

eu falei “caramba” né↑ “o cara que eu estou apaixonado. como é que eu vou abrir mão desse cara assim? e e como esse cara mentiu pra mim também né?”

T91 – Tais

é

T92 – Mauro

(aí dá) aquele misto de “caramba eu não vou mais ver esse cara↑” e “ele foi um filho da puta comigo.” aí que que eu fiz? eh aí eu falei pra ela “olha, então você vai me dar um tempo que eu acho que eu deveria falar com ele antes da gente se separar porque eu também não acho certo ficar com um cara casado.” aí ela “não, você não pode falar com ele, ele não pode saber que eu falei com você porque senão ele vai ficar puto comigo e a gente não vai retomar o nosso casamento.” aí eu falei assim “bom mas você tá preocupada com você e eu?” só que a gente ficou nessa história dois meses falando no telefone. eu e ela. conversando sobre o melhor momento↓

/.../

T94 – Mauro

/.../

aí um belo dia eles tavam-- depois de uns três meses eles começaram a discutir, ela contou que: escondia as cartas e que o irmão dele pegava as cartas quando chegava, ele ficava esperando e pegava a carta e passava pra ela só que o irmão dele não abria. o irmão dele achava que era uma mulher por causa da inicial

T95 – Tais

da inicial

T96 – Mauro

então o irmão ficava bolado com isso. “como que o meu irmão tá tendo um caso?” sabe↑ e aí passava pra ela. aí as cartas estavam na casa de uma amiga, dois andares abaixo que sabia de toda história inclusive sabia que eu existia↓ e tal. ela já sabia como eu era-- (como eu) tinha mandado carta com foto-- já tinha mandado↓ então ela sabia da minha vida toda né↓ sabia que que eu e roberto a gente fez na cama porque eu fala:va sabe↑

T97 – Tais

[gente que loucura

T98 – Mauro [nas cartas. ela sabia de tudo enfim... eh... e aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais mais próxima mais rápido.

Mauro usa discurso reportado direto quase todo o tempo, criando envolvimento e enquadrando a situação (Tannen, 1996). Todas as suas conversas telefônicas com Nadine são reportadas, até na informação sobre como obtinha as cartas, coloca o pensamento do irmão de Roberto como fala reportada direta, gerando expectativa sobre qual seria o resultado da história.

A narrativa é iniciada com uma avaliação – *é a história mais louca que eu já vivi na minha vida* –, preparando a entrevistadora para o que viria. Continua a introdução dizendo que Roberto pediu que não escrevesse o nome completo nas cartas que enviasse a fim de evitar que sua família soubesse que se correspondia com um homem. Finaliza anunciando o conflito: Mauro havia mandado várias cartas, mas o namorado só havia recebido a primeira e desconfiava que alguém estava escondendo as cartas, o que levou o entrevistado a mandar mais uma com seu telefone.

A ação começa com o telefonema da mulher de Roberto, quando Mauro não está. Depois ela volta a ligar, se identifica e pede que não procure mais seu marido. Em nenhum momento da fala reportada o fato de o marido ter uma relação homoafetiva entra em questão. É totalmente irrelevante para Nadine qual o sexo da pessoa com quem ele estava tendo um caso. Simplesmente queria que terminassem. Esse episódio relatado desloca a matriz cultural de inteligibilidade, pois desnaturaliza a ligação entre sexo, gênero e prática sexual (Butler [1990]2003:38) na medida em que as práticas sexuais do marido e do amante sequer são mencionadas pela esposa.

Vejamos o segmento abaixo, parte da ação:

Segmento 21

T90 – Mauro /.../

aí eu aquele choque né↓ que eu tomei um choque sinistro. eu fiquei muito muito preocupado assim↓ eu falei “caramba” né↑ “o cara que eu estou apaixonado. como é que eu vou abrir mão desse cara assim? e e como esse cara mentiu pra mim também né?”

- T91 – Tais é
- T92 – Mauro (aí dá) aquele misto de “caramba eu não vou ver mais esse cara↑” e “ele foi um filho da puta comigo.” aí que que eu fiz? eh aí eu falei pra ela “olha, então você vai me dar um tempo que eu acho que eu deveria falar com ele antes da gente se separar porque eu também não acho certo ficar com um cara casado.”

Mauro também não questiona o fato de Roberto ser casado com uma mulher. A questão é simplesmente que é casado. Assim como Nadine, o sexo da esposa é irrelevante. Sequer está surpreso; seu choque é pela mentira e pelo fato de estar saindo com um homem casado, o que considera condenável.

Butler ([1990]2003:39) alega que, segundo “as leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade”, “certos tipos de ‘identidade de gênero’ parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas”. Portanto, ele também desloca a matriz de inteligibilidade, na medida em que não trata das práticas sexuais como tendo ligação com sexo e gênero.

Mauro interrompe a ação e encaixa uma narrativa sobre seu relacionamento com Nadine.

“Nadine” – narrativa encaixada

- T92 – Mauro /.../
 e aí a gente já chegou num ponto que a filha dele tava no chile e ela estava só esperando a filha voltar porque ela achava que a filha eh retornando retornando do chile o relacionamento deles ia engatar outra vez (não sei que). ia engatar de novo e aí a gente já tava ficando amigo, eu e ela no telefone. a gente se falava três vezes na semana↓
 ih a gente tava emagrecendo juntos os dois. a gente tava ficando super mal. ((tais risos))
 porque
- T93 – Tais ((risos)) [que viagem
- T94 – Mauro [sabe↑ foi uma viagem louca né... e assim e a gente já tava já falando de outras coisas já. ela já ligava pra mim pra já falar de outras coisas. ((tais risos)) que não o roberto. ((risos)) ((tais risos))

O relacionamento de Mauro e Nadine se altera: de ligar para pedir que abandonasse seu marido, ela passa a telefonar para conversar. Ao invés de antagônicos por desejarem o mesmo homem, sofrem juntos a possibilidade de perda. A “traição” de Roberto os une porque ambos foram traídos: ela por ele ter um caso; Mauro porque seu namorado mentiu.

Não se percebe nenhum estigma nos telefonemas entre os dois: nem o de homoafetividade, nem o de amante. Nosso esquema de conhecimento⁹ acerca de situações como essa, de infidelidade, sobretudo com alguém do mesmo sexo, é totalmente rompido, o que fica claro com minha avaliação – *que viagem* –, corroborada pelo entrevistado – *foi uma viagem louca né*.

A narrativa “Cartas” é retomada e Mauro conta que a esposa do namorado revelou que escondia as cartas. Fornece a informação (Norrick, 2000) de que o irmão de Roberto a ajudava e encaixa uma crônica em que conta o lugar onde as cartas eram guardadas:

Segmento 22

T96 – Mauro /.../

aí as cartas estavam na casa de uma amiga, dois andares abaixo que sabia de toda a história inclusive sabia que eu existia↓ e tal. ela já sabia como eu era-- (como eu) tinha mandado carta com foto-- já tinha mandado↓ então ela sabia da minha vida toda né↓ sabia que eu e roberto a gente fez na cama porque eu fala:va sabe↑

T97 – Tais [gente que loucura

T98 – Mauro [nas cartas. ela sabia de tudo enfim... eh...

Essa crônica não é relevante para a narrativa que está sendo contada, contudo, é importante para entendermos mais sobre a motivação para a sedução que Nadine faz com Mauro na história seguinte.

O término da ação de “Cartas” e seu resultado fazem parte da ação de “Meu primeiro namorado”:

Segmento 23

T98 – Mauro aí que o roberto descobriu um dia eles tiveram uma briga horrorosa e aí... e aí ele pediu pra ela pegar as cartas↓ ele pegou as cartas↓ leu todas as cartas↓ aí me ligou aí me ligou e disse que tava vindo pro brasil tipo na quando (ah) ele encontrasse passagem... assim mais próxima mais rápido.

⁹ Falo em esquemas de conhecimento nos termos de Tannen e Wallat ([1987]1998:124): “Usaremos o termo ‘esquema de conhecimento’ para nos referirmos às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido deste termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica.”

Na narrativa encaixada, o resultado é que, após saber sobre as cartas, Roberto as leu e decidiu comprar uma passagem para o Brasil. Já em “Meu primeiro namorado”, é parte da ação, que é finalizada com *aí ele veio realmente veio*, mas cujo resultado é o segmento abaixo:

Segmento 24

T98 – Mauro /.../

a gente ficou junto a gente ficou casado um ano e três meses eh enquanto isso enquanto isso eh eu mantive minha amizade com ela. a gente ficou realmente amigos.

((palavra anterior meio rindo)) era apaixonado por ele mas eu cara, eu precisava ficar com alguém sabe↓

T99 – Tais é

T100 – Mauro tinha vontade de ficar com alguém. e aí eu acabei ficando com um cara acabei me apaixonando por esse cara. e aí eh e aí fiquei com esse cara e terminei com ele assim.

Mauro casou com seu primeiro namorado e a amizade com a ex-esposa deste permaneceu. Finaliza a história sobre seu romance com Roberto com uma coda esclarecendo o porquê de terem terminado: o marido viajava muito e ele se sentia só.

4.4.2.2 Sedução

A história emergiu quase que como uma continuação de “Meu primeiro namorado”. Na coda da história anterior, Mauro havia dito que tinha terminado com Roberto e, logo após, introduz a narrativa seguinte dizendo que Nadine soube antes do ex-marido que iria terminar, pois tinham ficado muito amigos e ele tinha contado para ela. Começa no turno 100 e acaba no turno 104.

Sedução

T100 – Mauro /.../

ela inclusive sabia antes dele que eu ia terminar com ele porque a gente tava tão amigo que-- ((tais gargalhadas)) ((risos)) e aí ela veio tipo um ano depois que eu e ele a gente tinha terminado eh... a gente já tinha uma intimidade grande porque a gente se falava bastante. ela ficou hospedada na minha casa. eh e um belo dia era natal eh minha mãe não aceitava tipo nem que ela estivesse aqui porque achava um absurdo eu ter me envolvido com com o marido dela↓ eh achava um absurdo eh eu ter destruído uma um lar↓ sabe↑ só que ela ficou na minha casa e no natal o que que eu ia fazer com uma uma

mulher uma sueca na minha casa? entendeu↓ ((tais risos)) “o que que eu vou fazer no natal? não vou poder levar pra minha casa entendeu e não posso deixar ela sozinha.”
 aí ela começou um papo de que ela nunca tinha ido a um motel e aí perguntou se eu podia levar ela pra conhecer só pra conhecer. e aí eu falei “ah tudo bem eu te levo e tal.”
 aí (um dia ela fala) “vamos dar uma volta.” saímos pra comprar lingerie. eu lá do lado dela ajudando a comprar lingerie. ((risos)) ((tais risos)) achando que ela ia levar lingerie pra suécia e tal. e aí a gente foi no natal pra um motel e tal e ela começou a me contar as coisas que o roberto contava pra ela sobre nos nossa sobre nosso sexo né↓ ((pigarro)) e ela pediu pra eu fazer sexo com ela.

T101 – Tais que loucura. e você ficou a fim?

T102 – Mauro e eu transei com ela. ((risos))

T103 – Tais e foi bom?

T104 – Mauro foi bom. mas foi muito estranho assim↓ depois que tudo acabou eu falei “gente que loucura.” sabe↑ “que coisa louca.”

Mauro fornece uma orientação geral sobre a história: se passa um ano depois de ter terminado com Roberto, ele e Nadine são os personagens e trata-se do período em que esteve hospedada na casa dele, no Rio.

Ele dá uma informação que, diferente do que postula Norrick (2000), é relevante: sua mãe acha um absurdo toda a situação entre os três, sendo assim, não poderá levar a hóspede na noite de natal em casa de seus pais. A partir daí, começa a ação com Mauro perguntando o que poderia fazer no natal com uma sueca.

Nadine certamente planeja fazer sexo com Mauro: pede que a leve a um motel, compra lingerie com sua ajuda. O surpreendente é o fato de ele não perceber todo o movimento que fazia, inclusive o fato de falar sobre sua vida sexual com o ex-marido dela. Ao fazê-lo, ela não só rompe a memória da intimidade dos dois, pois Roberto contava sobre eles, como também pode excitá-lo.

A ação termina com Nadine pedindo que faça sexo com ela e o resultado é que aceita. Na coda, avalia que *foi bom*, mas *estranho*, uma *loucura*, uma *coisa louca*.

Mauro posiciona-se como ingênuo. Ele vai a um motel achando que o que a movia era apenas curiosidade, compra roupas íntimas acreditando que era para ela levar para casa. Não posiciona-se nem como gay nem como heterossexual, mesmo tendo feito sexo com Nadine, pois a questão da prática sexual nunca foi relevante para eles, em nenhum momento é mencionada. Diferente de Zélio e Lauro, que falam explicitamente em desejo por mulher e casos com mulheres, se alinhando com heterossexuais, Mauro não toca nesta questão; teve relações com uma pessoa, não importa de que sexo. Novamente, desloca a matriz de inteligibilidade, pois a loucura a que se refere não é o

fato de ela ser uma mulher e ele ser gay, presumidamente sem interesse por pessoas de sexo oposto, mas o fato de ela ser a ex-mulher de seu ex-marido.

4.4.2.3 Relacionamento com Gabe

A conversa transcorria sobre o fato de Mauro querer se mudar para um apartamento, onde somente ele e Gabe morariam (na ocasião, dividiam apartamento com Lana). Perguntei se a havia conhecido na faculdade e respondeu afirmativamente. Coloquei, então, que ela havia “armado” para que começasse a namorar o atual marido. A partir daí, Mauro começa a história de seu relacionamento com Gabe, que compreende os turnos 432-438.

Relacionamento com Gabe

T431 – Tais =e ela armou () ((gargalhada))=

T432 – Mauro =e ela armou ela inventou ((tais gargalhadas)) inventou. porque o gabe ele eu-- o gabe era aquele cara que: eu sempre vi na faculdade e nunca me despertou o menor desejo. nunca: olhei pra ele com sabe tipo assim “eu pegaria esse cara.” nunca. porque o gabe era hippie.

T433 – Tais hã hã

T434 – Mauro então o gabe tinha um cabelão↓ imagina o gabe barbudo↓ desfilava de bermuda de chinelo de couro sandália de couro sabe↓ bermuda fura:da blusa fura:da sabe↓ aquele cara tipo que se-- que: não me atrairia assim sabe↓ ((tais risos)) e aí a lana inventou que que o-- falou pro gabe que que eu achava o gabe bonitinho ((tais risos)) sabe↓ eu nunca falei isso pra ela↓ que ela queria se aproximar lá da menina né↓ ((tais gargalhadas)) (que era amiga dele né)↓ e aí me utilizou↓ é ((tais gargalhadas)) assim, eu poderia dizer “a lana é uma fada madrinha.” né↓ a lana é ((tais gargalhadas)) nada disso↓ ela me utilizou. e tudo por interesse dela entendeu↓ ((risos)) ((tais gargalhadas)) tudo sabe↓ mas eh se você perguntar isso pra ela ela ficou puta porque ela acha que ela não-- (pensa). sabe↑ ela não fez de sacanagem entendeu↓ ((tais risos)) mas tudo bem né↑ atirou no no que viu acertou no que no que não viu né. ((tais risos)) porque a gente (fi- aí a) a gente acabou bebendo junto no no bar, acabou saindo pra pra continuar bebendo e fuma:r maconha na casa do ga:be e tal. e eu fui lá “hum hum”↓ não tava nem interessado nele. só que a lana bêbada falou assim “olha mauro, esse garoto tá dando mole pra você, porque não pega e tal e tal?” ((tais risos)) três horas da manhã (a gente começou). eu acordei às quatro da tarde. ((tais risos)) aí eu falei assim “ah cara eu estou aqui, não estou fazendo nada↓ vou pegar esse cara.” aí peguei. fiquei com ele assim foi maravilhoso e no dia seguinte tava apaixonado pelo gabe. e: eu liguei pra ele e falei assim-- eu liguei >eu nunca faço isso< eu liguei pra ele falei pra ele “aí” como estava pensando nele, como eu sabe, como tinha sido maravilhoso com ele e tal. ele pra mim assim “ah ah então tá” e “quando a gente se

- vê?” “ah vamos deixar rolar.” ele falou isso pra mim↓ eu fiquei muito puto com ele, falei “cara, vamos deixar rolar, deixar rolar é um fora pra mim sabe↓”
- T435 – Tais é, parece que não tá ligando igual.
- T436 – Mauro é. aí aí a gente: aí a gente eu não falei mais com ele. meu telefone que**br**ou nessa época daí ele não conseguia me liga: r e tal. um dia ele apareceu na faculdade lá e a gente se encontrou reencontrou ficou junto de novo↓ aí desde então a gente: eh no início a gente a (simplesmente) não conseguia se desgrudar sabe↓ a gente não consegue até hoje se desgrudar↓ ((tais risos)) e naquela época ele era assim, ele chegava do traba:lho e eu já tava em ca:sa, ele falava assim “eu estou chegando em casa”↓
aí eu ia pra pra casa dele a gente se encontrava em**baixo** do prédio ele subia.
aí a gente dormia junto todo dia, não conseguia se desgrudar e tal e chegou uma hora que sabe↑
- T437 – Tais hum
- T438 – Mauro “gabe, olha só, não dá pra gente ser mais hipócrita↓ vamos morar junto.” aí eu comecei a morar com ele e com uma galera que ele já morava. ele morava com mais duas pessoas↓ morava eu e ele e mais duas pessoas. (assim) assim que a gente começou morar junto.

Mauro introduz a história falando que Lana inventou que ele havia se interessado por Gabe quando, não só não era verdade, como também nunca havia sentido atração pelo atual marido. A seguir, descreve o aspecto de Gabe para que eu possa visualizar como era na ocasião e entender o porquê de não desejá-lo. Falo que o descreve para mim, pois, hoje em dia, Gabe é um homem belíssimo, que se veste de forma discreta, sendo quase impossível imaginá-lo mal vestido, com jeito de hippie e sem atrativos.

Prossegue dando uma informação (Norrick, 2000), que não consta do relato de seu companheiro: Lana “armou” para que se saíssem por estar interessada na amiga de Gabe. Mas Mauro não tira o mérito de sua ação: *atirou no no que viu acertou no que no que não viu*, ou seja, foi bom que ela tivesse agido como agiu. Passa, então, à ação repetindo a história que seu marido havia contado – estavam todos bebendo no bar, depois foram continuar a noite na casa de Gabe. Contudo, foi apenas por ir, não estava pensando em romance com ninguém em particular.

O relato do movimento de Lana é o mesmo que Gabe faz. Ela funciona como uma espécie de cupido, falando do interesse de Gabe para que Mauro preste atenção no rapaz e insistindo, o que podemos perceber pela repetição da palavra *tal*, que sintetiza os argumentos que dava:

Segmento 25

T432 – Mauro /.../

“olha mauro, esse garoto tá dando mole pra você, porque não pega e tal e tal?”

Entretanto, Mauro relata um telefonema que sequer foi comentado por Gabe, onde revela seus sentimentos no dia seguinte:

Segmento 26

T432 – Mauro /.../

eu liguei pra ele e falei assim-- eu liguei >eu nunca faço isso< eu liguei pra ele falei pra ele “ai” como eu estava pensando nele, como eu sabe, como tinha sido maravilhoso com ele e tal. ele pra mim assim “ah ah entá tá” e “quando a gente se vê?”
 “ah vamos deixar rolar.” ele falou isso pra mim↓ eu fiquei muito puto com ele, falei “cara, vamos deixar rolar, deixar rolar é um fora pra mim sabe↓”

Provavelmente, esse momento marcou para Mauro porque, ao contrário do que costumava fazer, ligou no dia seguinte para dizer quão maravilhoso havia sido e como havia pensado em Gabe, e se decepcionou com a reação do outro. Tinha ficado super impressionado e não estava sendo correspondido com a mesma intensidade. Como podemos ver no segmento abaixo, repetiu, ainda que de forma diferente, o que sentiu:

Segmento 27

T432 – Mauro /.../

três horas da manhã (a gente começou). eu acordei às quatro da tarde. /.../ fiquei com ele assim foi maravilhoso e no dia seguinte tava apaixonado pelo gabe.
 /.../ como estava pensando nele /.../ como tinha sido maravilhoso

A situação se inverteu: de conquistado, passa a conquistador. Por fim, se reencontram na faculdade, tudo se acerta e o relacionamento começa. Novamente, no relato sobre quando foram morar juntos, as versões são totalmente diferentes:

Segmento 28

T438 – Mauro “gabe, olha só, não dá pra gente ser mais hipócrita↓ vamos morar junto.”

A argumentação de Tannen ([1989]1996: 101), de que o “diálogo na conversação é um ato tão criativo quanto a criação do diálogo na ficção” é aqui comprovada: na versão de Gabe, ele é quem propõe morarem juntos, não Mauro. Não estou, contudo, concluindo aqui que um dos dois mentiu propositadamente.

Quando Mauro conta sua história, embora Gabe tenha começado o movimento de conquista, ele ficou mais impressionado com a noite e buscou ver o rapaz de novo, que não teria demonstrado o mesmo interesse. Assim, Mauro passa a se posicionar como conquistador, portanto, ele é aquele que pede para casarem. Provavelmente, ambos estavam pensando nisso na época (os dois falam que não conseguiam ficar um longe do outro) e, na hora que contaram sobre o evento, a situação local e o posicionamento do momento os levaram a se verem, cada um em seu relato, como conquistadores, logo, como aquele que tomou a iniciativa.

Ao longo das histórias aqui analisadas, Mauro denota a dificuldade por que passam os homoafetivos em seu cotidiano. O estigma que porta interfere em suas relações familiares e o coloca em risco em algumas situações, como quando foi perseguido por homófobos.

Sua experiência de sair do armário consigo mesmo foi sofrida, passando por três etapas básicas: aceitação do próprio desejo, medo de sua concretização através de um relacionamento sexual e, por fim, a execução do ato sexual, quando já se sentia preparado para isso.

Durante todo o tempo desloca a matriz cultural de inteligibilidade e rompe com a relação mimética sexo-gênero (Butler, [1990]2003), onde sexo e gênero se refletem mutuamente, através de seus posicionamentos, ora se posicionando como gay, ora não se posicionando nem como gay nem como heterossexual. Suas narrativas demonstram que pensar gênero como prática sexual decorrente de um desejo oriundo de um sexo biológico não abarca todas as possibilidades de expressão disponíveis no mundo real.